

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**A IDEIA DE COMUNISMO PARA O BOLSONARISMO E O MAGNETISMO
ANTICOMUNISTA**

Autor: Lucas Assis Souza

Brasília, 2025

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

A IDEIA DE COMUNISMO PARA O BOLSONARISMO E O MAGNETISMO
ANTICOMUNISTA.

Autor: Lucas Assis Souza

Dissertação apresentada ao Departamento de
Sociologia da Universidade de Brasília/UnB
como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Mestre.

Brasília, setembro, 2025

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A ideia de comunismo para o bolsonarismo e o magnetismo anticomunista.

Autor: Lucas Assis Souza

Orientadora: Prof.^a Doutora Berenice Alves Bento (UnB)

Banca: Prof. Doutor Sergio B. Tavolaro (UnB)

Prof. Doutor Vinícius Santiago (IDP)

Prof.^a Doutora Haydée Caruso (UnB)

Dedico esta dissertação ao quinto elemento do Hip-Hop e a todos meus ancestrais.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço minha mãe e meu pai. Sem eles nada disso seria possível. O papel dos dois foi fundamental em todos fatores necessários para a construção desta dissertação, desde os fatores materiais aos fatores espirituais. Devido à sensibilidade do contexto atual e ao tema desta pesquisa, é com pesar que escolho ocultar seus nomes.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo investimento. Privilégio que busquei sempre honrar ao tratar com esmero e prioridade a confiança recebida.

Agradeço a todos que compõem a Universidade de Brasília (UnB), o Instituto de Ciências Sociais (ICS), o Departamento de Sociologia (SOL) e o Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSOL). Terceirizados, alunos, técnicos e professores. Todos me proporcionaram aprendizado e diversos momentos agradáveis de saudável convivência.

Agradeço à minha orientadora Prof.^a Doutora Berenice Bento. O acaso da primeira vez que minha trajetória acadêmica encontrou essa querida professora, iluminou o meu caminho na Sociologia e me fez encontrar bons ventos.

Agradeço as pessoas maravilhosas que conheci no GERPOR-UnB. A convivência com vocês é fundamental para deixar mais leve a coragem que temos em estudar o que estudamos.

Agradeço à minha turma de mestrado pelos momentos compartilhados de aprendizado mútuo e as trocas de ideias que tivemos nas nossas confraternizações e intervalos. Pessoas diversas que foram unidas pelo interesse sociológico e que eu aprendi a gostar e admirar cada uma delas.

Agradeço à toda equipe de terceirizados do Instituto de Ciências Sociais que tive o prazer de conviver durante esta jornada. A simpatia de vocês tornou cada dia melhor. Cada conversa que tivemos foi uma aula tão importante quanto as outras.

Agradeço a todos técnicos e professores do ICS, cujo trabalho exemplar faz a nossa trajetória acadêmica ser mais agradável. Se Patrícia não tivesse me enviado e-mail alertando a falta do comprovante de pagamento da inscrição, essa dissertação não estaria acontecendo agora. Agradeço aos professores das disciplinas que cursei no mestrado e aos que contribuíram para esta dissertação de qualquer maneira, Dr.^a Débora Messenberg, Dr. Arthur Trindade M. Costa, Dr. Sérgio B. F. Tavoraro, Dr. Marcelo Cigales, Dr.^a Jacqueline Moraes Teixeira, Dr.^a Haydée Caruso, Dr. Tiago Duarte, Dr.^a Daniela Félix Martins Kawabe, Dr. Edson Farias e Dr. Carlos Benedito.

Agradeço, sempre, todos meus amigos, dos velhos aos novos, que compartilharam comigo essa experiência, me ouviram, perguntaram como estava, entenderam as ausências e sempre me deram apoio. É com pesar que também escolho ocultar seus nomes.

*Ando por universos pesquisando outras
versões de mim*

Deus é todo mundo sorrindo ao mesmo tempo
(Parteum, em “*A Autoridade da razão*”).

RESUMO

Por meio da metodologia da sociologia associativa, esta dissertação têm o objetivo de aprofundar-se nas complexidades do seu objeto de investigação: a ideia de comunismo para o bolsonarismo. Por meio do conceito de *magnetismo anticomunista*, propõe uma explicação teórica para o comportamento aparentemente aleatório deste objeto. Para isso, adota como ponto de partida as teorizações sobre o comunismo feitas pelos próprios bolsonaristas. Em seguida, passa a descrevê-las e associá-las com outras manifestações do anticomunismo ao longo da história do Brasil. Por fim, teoriza o modo de ordenação da ideia de comunismo para o bolsonarismo como um ordenamento padronizado pelas composições históricas do senso comum e do *status quo*. Os atores dessas composições são atraídos ou repelidos conforme sua natureza seja, respectivamente, ofensiva ou agradável ao *status quo* e ao senso comum. Sob o auxílio de outros termos técnicos que compõem o aparato teórico do magnetismo anticomunista, essa dissertação defende que a ideia de comunismo para o bolsonarismo têm como parâmetros para definir o que é comunismo aquilo que for ofensivo ao senso comum, e para definir quem é comunista, aqueles que questionarem a manutenção do *status quo* tradicionalista. Essa dinâmica semântica ocorre devido ao magnetismo anticomunista ter como causa a defesa do *status quo*, e ter como fim a dupla tarefa de popularizar a manutenção do *status quo* e de deslegitimar os argumentos populares oriundos das forças questionadoras da ordem. Esta dissertação tem como referencial teórico-metodológico os desenvolvimentos da Teoria Ator-Rede produzidos por Bruno Latour, John Law e Michel Callon. E, como referencial histórico, destaca-se nesta dissertação os estudos sobre o anticomunismo brasileiro feitos por Rodrigo Patto Sá Motta.

Palavras-chave: anticomunismo, bolsonarismo, comunismo, extrema direita.

ABSTRACT

Using the methodology of associative sociology, this dissertation delves into the complexities of its research object: the idea of communism as perceived by Bolsonarism. Through the concept of anti-communist magnetism, it proposes a theoretical explanation for the seemingly random behavior of this phenomenon. The study takes as its starting point the theorizations about communism produced by Bolsonarists themselves, then proceeds to describe and associate them with other historical manifestations of anti-communism in Brazil. Finally, it theorizes the structuring of the idea of communism within Bolsonarism as a framework standardized by historical compositions of *common sense* and the *status quo*. The actors in these compositions are attracted or repelled depending on whether their nature is, respectively, offensive or pleasing to the status quo and common sense. With the support of other technical terms from the theoretical apparatus of anti-communist magnetism, this dissertation argues that Bolsonarism's idea of communism operates under two parameters: (1) defining *what communism is* based on what offends common sense, and (2) defining *who communists are* as those who question the maintenance of the traditionalist status quo. This semantic dynamic arises because anti-communist magnetism is causally rooted in defending the status quo, while its purpose is the dual task of popularizing the status quo's preservation *and* delegitimizing popular arguments from forces challenging the established order. The theoretical-methodological framework draws on Actor-Network Theory (ANT) as developed by Bruno Latour, John Law, and Michel Callon. Historically, the dissertation engages with Rodrigo Patto Sá Motta's studies on Brazilian anti-communism.

Keywords: anti-communism, Bolsonarism, communism, far-right

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO nº1 - Argumentos utilizados pelos bolsonaristas em 2020 para definir o que é comunismo.....	42
GRÁFICO nº2 - Definições utilizadas pelos bolsonaristas em 2020 para definir quem é comunista.....	42
GRÁFICO nº3 - Dinâmica do magnetismo semântico do anticomunismo.....	92
GRÁFICO nº4 – O ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista.....	107

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM nº1 - Abordagem da entrevista de 2024.....	43
IMAGEM nº2 - Resposta de 2024 sobre o que é comunismo segundo uma bolsonarista do Paraná.....	44
IMAGEM nº3 - Charge retirada de Motta (2020, p. 119).....	91
IMAGEM nº4 - Foto de Hanrrikson de Andrade, publicada no portal UOL.....	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB - Ação Integralista Brasileira

ALN - Aliança Libertadora Nacional

ANT - *Actor-Network Theory*

BNM - Brasil Nunca Mais

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento

CIE - Centro de Inteligência do Exército

DUDH - Declaração Universal dos Direitos Humanos

IA - Inteligência Artificial

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LSN - Lei de Segurança Nacional

MRE - Ministério das Relações Exteriores

PCC - Partido Comunista Chinês

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PCdoB - Partido Comunista do Brasil

PL - Partido Liberal

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

PT - Partido dos Trabalhadores

STF - Supremo Tribunal Federal

TAR - Teoria Ator-Rede

TFP - Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - METODOLOGIA	22
1.1 A sociologia associativa e as fontes teóricas usadas por Latour, Callon e Law para formular a <i>ANT</i>	25
1.2. A Teoria Ator-Rede (TAR) / <i>Actor-Network Theory (ANT)</i> como metodologia para estudar a ideia de comunismo para o bolsonarismo.....	32
1.3. Breve exposição das principais críticas feitas à <i>ANT</i>	37
CAPÍTULO 2 - A IDEIA DE COMUNISMO PARA O BOLSONARISMO.....	41
2.1 Apoiadores.....	41
2.2 Políticos.....	45
2.3 Mídia.....	63
CAPÍTULO 3 - O MAGNETISMO ANTICOMUNISTA.....	72
3.1 <i>Magnetismo semântico</i> e os parâmetros da sua <i>dinâmica</i> : as três primeiras etapas do <i>ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista</i>	72
3.2. As três últimas etapas do <i>ordenamento</i> tornando a defesa do <i>status quo</i> sinônimo de defesa de valores do senso comum:	88
3.3 O <i>ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista</i> e seu enquadramento na Teoria Ator-Rede (<i>ANT</i>).....	107
CAPÍTULO 4 - O MAGNETISMO ANTICOMUNISTA CONCRETIZADO EM PRÁTICAS HISTÓRICAS.....	111
4.1 A Lei Celerada e o anticomunismo nas décadas de 1920-1937.....	111
4.2 A deliberada formação da mentalidade anticomunista na década de 1930.....	118
4.3 Consolidação da mentalidade anticomunista por meio da religião, da mídia, do setor privado e do Estado (1937-1985).....	122
4.4 Redemocratização e atualidade: O anticomunismo pós-ditadura.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS.....	141
ANEXOS.....	154

INTRODUÇÃO

Devido ao tema peculiar desta dissertação, permito-me iniciar de maneira igualmente peculiar, dizendo o que esta dissertação não se propõe fazer: esta dissertação não pretende dizer se o anticomunismo está certo ou errado, se o comunismo é ou não é melhor que o capitalismo, também não pretende mobilizar toda a história do anticomunismo em seus mínimos detalhes, mas sim entender do que se trata a ideia de comunismo para a atual extrema direita brasileira, também conhecida como “bolsonarismo”¹. Como essa ideia se forma? Qual seu comportamento? Para que ela serve? Qual seu sentido? Da onde ela vem? As explicações para essas perguntas se reúnem no que chamo aqui de *magnetismo anticomunista*. Este conceito não serve apenas para explicar a ideia de comunismo para o bolsonarismo hoje, mas também a tradição política do anticomunismo. É o que tentarei demonstrar nas páginas que seguem. Antes, um breve relato sobre a minha introdução neste objeto de pesquisa.

Por influência das críticas ao “sistema” feitas pelo Hip-Hop brasileiro da década de 90 e 2000, desde o meu ingresso na graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) o meu interesse de pesquisa esteve relacionado ao estudo das “elites” econômicas. Anos depois, já transferido para a Universidade de Brasília (UnB), este interesse se estabeleceu como um dos meus objetivos na sociologia quando passei a fazer parte do Grupo de Estudos Retóricas do Poder e Resistências (GERPOR - UnB), coordenado pela minha atual orientadora, Prof.^a Doutora Berenice Bento.

Em 2016 cursei a disciplina de “Métodos Sociológicos” com o Prof. Doutor Arthur M. Trindade Costa. A avaliação final foi a elaboração de um projeto de pesquisa. Como naquele ano o anticomunismo havia sido mobilizado como argumento para retirada da presidente Dilma Rousseff do poder e o bolsonarismo ainda era mais uma possibilidade do que uma realidade, o projeto que fiz versou sobre a ideia de comunismo para as classes A e B do Distrito Federal.

Nos dois anos seguintes optei por dar atenção para o curso licenciatura. Licenciei-me no ano da eleição de Jair Bolsonaro como Presidente da República, 2018. Com isso, ao retomar os estudos para a conclusão do bacharelado, o bolsonarismo estava consolidado. Dessa forma, meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – feito sob orientação do Prof. Doutor Marcelo Rosa – teve o título de “A ideia de comunismo para o bolsonarismo de *WhatsApp* no Distrito Federal” (2020). Nele, utilizei como metodologia algumas referências da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour e entrevistei 10 bolsonaristas de um grupo de *WhatsApp* do Distrito Federal (DF). A percepção que obtive da ideia de comunismo para o bolsonarismo na pesquisa do meu TCC

¹Assim são denominados os apoiadores do político Jair Messias Bolsonaro, cujas ideias e discursos são identificados com a extrema-direita do espectro político. Mais à frente (p. 19) me detenho mais um pouco na descrição deste movimento ideológico.

(2020, p. 56) foi a de que ali havia uma mescla de diversas variantes do anticomunismo. Encontrei classificações típicas das três vertentes do anticomunismo brasileiro (nacionalista, liberal e católico) apontadas por Rodrigo P. Sá Motta (2020), classificações típicas do anticomunismo fascista e outras típicas do anticomunismo de países democráticos onde o comunismo não tem grande relevância (Bobbio, 2010)².

Quando ingressei no curso de mestrado em sociologia, acreditava que o trabalho que fiz no TCC merecia ser ampliado para um nível nacional e conter mais entrevistas para aprimorar o que eu havia encontrado na minha monografia. Foi com esta visão que produzi o Projeto de Pesquisa que submeti na seleção de mestrado de 2023. Essa posição durou até a qualificação da dissertação, em agosto de 2024. Naquela altura, os estudos que fiz durante três primeiros semestres do mestrado na Universidade de Brasília (UnB) já haviam me provocado a formular primariamente o conceito do magnetismo semântico do anticomunismo, ou “magnetismo anticomunista”, que hoje é o principal produto desta dissertação.

As importantes orientações que recebi da banca da minha qualificação — composta por professores que tenho grande estima e admiração, minha orientadora Prof.^a Doutora Berenice Bento, meu orientador de monografia Prof. Doutor Marcelo Rosa e o Prof. Doutor Sergio Tavoraro que me proporcionou importantes leituras na disciplina de Sociologia Brasileira —, nortearam-me para alcançar o trabalho aqui apresentado. Além disso, um fator contingencial me forçou a abandonar a ideia de fazer um maior número de entrevistas: as eleições municipais de 2024. Antes, durante e depois das eleições minhas abordagens para produzir entrevistas no *WhatsApp* fracassaram miseravelmente. Diversas vezes minha conta de pesquisa foi bloqueada. Por fim, consegui fazer apenas uma entrevista proveitosa. Esse problema me provocou um atraso de quase dois meses no cronograma.

Enquanto lidava com esta situação, prosseguia no estudo bibliográfico do anticomunismo, sobretudo no aprofundamento da leitura de duas obras do historiador Rodrigo Patto Sá Motta: a segunda edição da tese de doutorado de Motta, “*Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*” (2020) e “*Passados presentes: o golpe de 64 e a ditadura militar*” (2021). A primeira obra é a base principal para a formulação do conceito de magnetismo anticomunista que proponho. Por conseguinte, em meados de outubro de 2024, pressionado pela brevidade do prazo de uma dissertação e influenciado pelas orientações que recebi da banca de qualificação, optei por voltar às entrevistas que fiz na minha monografia — que seriam “atualizadas” pela única entrevista que fiz em 2024 — e em focar

² Para mais ver SOUZA, Lucas Assis. A ideia de comunismo para o bolsonarismo de whatsapp no Distrito Federal. 2020. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em <https://bdm.unb.br/handle/10483/28222>

em fontes secundárias sobre a ideia de comunismo para o bolsonarismo, uma novidade em relação ao que fiz na minha monografia.

Ao buscar compreender a ideia de comunismo para o bolsonarismo, é inevitável passar pelo estudo do anticomunismo como um todo. Com isso, percebe-se que a ideia de comunismo para o bolsonarismo têm raízes profundas nas defesas criadas pela cultura política do tradicionalismo para a manutenção do *status quo* vigente em dada sociedade. Embora o recorte bibliográfico desta dissertação seja nacional, as próprias fontes deste recorte apresentaram o anticomunismo inserido numa continuidade de manifestações pela manutenção do *status quo* que extrapolam o contexto brasileiro. É o caso do que chamo aqui de *linha de continuidade histórica de onde se origina o anticomunismo* ou linha de continuidade histórica das defesas do tradicionalismo³, conceito fulcral para a compreensão do magnetismo anticomunista. Devido ao curto prazo de uma dissertação, não foram acrescentadas fontes voltadas exclusivamente para o estudo desta continuidade, portanto as fontes para a construção dessa linha vieram exclusivamente das formulações de atores anticomunistas brasileiros.

Mesmo que o **problema principal** desta pesquisa seja a ideia de comunismo para o bolsonarismo, ele está obviamente inserido na tradição política do anticomunismo. Portanto, para cumprir o **objetivo geral** desta dissertação, que é alcançar uma compreensão deste problema, não posso me limitar ao bolsonarismo, mas sim abarcar as diversas manifestações anticomunistas ao longo da história. Isso faz com que a busca pela compreensão da ideia de comunismo para o bolsonarismo seja também pela compreensão do anticomunismo como um todo. Somente assim pode-se entender onde está o anticomunismo bolsonarista⁴ e perceber que suas raízes estão na cultura política do tradicionalismo. Portanto, este trabalho traz uma explicação não somente para o que o bolsonarismo pensa como comunismo, mas também para a dinâmica semântica que a cultura anticomunista emprega ao termo “comunismo”. O que e quem pode ser tido como comunista e porque isso acontece, são os outros problemas desta pesquisa.

Por conseguinte, os **objetivos específicos** desta dissertação são:

- 1) Investigar qual é a origem do anticomunismo bolsonarista.
- 2) Identificar qual é a causa que dá origem ao anticomunismo como um todo.

³ Irei explicar melhor este conceito no capítulo 3, mas adianto que “tradicionalismo” refere-se ao conjunto de culturas políticas que defendem a conservação das tradições, sejam estas referentes a valores, moralidade, grupos políticos que ocupam o poder, sistemas econômicos... em suma, a ordem vigente em dada sociedade. Como o termo “conservadorismo” têm significados diversos, podendo até ser visto como algo diferente do bolsonarismo ou da extrema direita no geral, o termo “tradicionalismo” foi escolhido pois abraça todas estas culturas políticas de direita que, em maior ou menor grau, prezam pela manutenção do *status quo* de dada sociedade, podendo este *status quo* ser político, econômico ou ambos.

⁴ Daqui para a frente quando falo “anticomunismo bolsonarista”, quero dizer o mesmo que a expressão “ideia de comunismo para o bolsonarismo”.

- 3) Compreender qual(is) fator(es) determina(m) o que será ou não tratado como comunismo/ comunista pelo anticomunismo.
- 4) Compreender o comportamento da dinâmica semântica que o anticomunismo dá ao conceito de comunismo em diferentes momentos da História.

Marcos teóricos

O principal marco teórico que abre passagem para esta pesquisa vem da sociologia associativa (Latour, 2012). Trata-se da ideia de levar em consideração as formulações feitas pelos atores pesquisados, sem esterilizar suas opiniões antecipadamente. Como este marco teórico tem maior reflexo na metodologia deste trabalho, reservei seus aprofundamentos para a seção devida, deixando espaço aqui para os outros marcos.

Em Rahel Jaeggi (2013) e Judith Butler (2024) observo uma confluência de ideias que servem de marco teórico e para explicitar uma das utilidades deste trabalho: a de buscar o início de uma compreensão entre as partes, visando um ambiente social menos bélico. Portanto, não se trata apenas de “entender por entender” o que significa comunismo para os anticomunistas. Mas sim de entender para poder, a partir daí, iniciar novamente a construção de pontes entre brasileiros que se ojerizam devido ao contexto interpretativo reforçado pela extrema direita hoje em dia. Rahel Jaeggi (2013) aprofunda-se na teoria do reconhecimento e propõe novas perspectivas. Ao invés de ver a liberdade como a indeterminação — quando a determinação que o *outro limitante* nos imputa “aniquila” a abertura das possibilidades e restringe a liberdade do sujeito determinado — Jaeggi propõe que a liberdade deve ser vista como a autonomia de resistir e transformar as determinações impostas, e não de seguir indeterminado; pois a própria determinação é fundamental para a existência social, o outro nos define e assim nós podemos agir (Jaeggi, 2013). Portanto, a compreensão das definições anticomunistas serve como artifício para este raciocínio de Jaeggi, pois ajuda na autonomia de resistir às determinações impostas pelo nosso *outro limitante*, justamente por tentar compreender uma destas determinações mais usuais feitas pela extrema direita: a de que somos todos comunistas. Por sua vez, Judith Butler (2024, p. 32) expõe sua tarefa em *Quem têm medo do gênero?* de uma maneira da qual pode-se observar certa confluência com o pensamento de Jaeggi, pois Butler também vê na tentativa de compreender o que é gênero para os antigênero uma forma de aprimorar a vivência de liberdade. A passagem a seguir é extensa pois além de abordar o assunto que trato agora, também envolve outros posicionamentos adotados por este trabalho, inclusive, se trocarmos “ideologia de gênero” e “antigênero” por comunismo e anticomunismo, respectivamente, o raciocínio não se perde:

Este livro apresenta alguns argumentos que se contrapõem ao movimento contra a ideologia de gênero, mas este não pode ser seu objetivo principal. Não é possível reconstruir por inteiro os argumentos usados pelo movimento contra a ideologia de gênero porque eles não se atêm à padrões de consistência ou coerência. O que eles fazem é agregar e disparar afirmações incendiárias a fim de derrotar o que enxergam como “ideologia de gênero” ou “estudos de gênero” por qualquer meio retórico que julgarem necessário. A tarefa não é simplesmente expor seu artil usando habilidades analíticas mais apuradas, rastrear suas estratégias e provar que estão erradas. A tarefa é ajudar a produzir um mundo no qual possamos nos movimentar, respirar e amar sem medo da violência, com a esperança radical e irrealista de um mundo que não seja mais regido pelo sadismo moral disfarçado de moralidade. Em outras palavras, a resposta deve produzir uma visão ética e política convincente, que exponha e se oponha à crueldade e à destruição em circulação. O fantasma do gênero como uma força destrutiva torna-se o álibi quase moral para desencadear a destruição de todas as pessoas que buscam viver e respirar em liberdade. Assumir uma posição em prol de respirar e viver livre do medo da violência é o princípio da visão ética que precisamos agora (Butler, 2024, p. 32)

No terremoto causado pelo enrobustecimento da extrema direita no espectro político do Brasil, este campo político se colocou como o polo oposto a toda a esquerda e a toda a racionalidade ao priorizar a espontaneidade da tradição moral e ao chamar todos seus opositores de comunistas, inclusive os sociólogos e estudantes de sociologia; a compreensão da determinação que a extrema direita, como o *outro limitante*, nos imputa é fundamental para a existência social dos assim classificados; pois, como vimos com Jaeggi (2013), é quando o outro nos define que nós podemos agir com a nossa autonomia de resistir para transformar essas determinações impostas. Sendo assim, a investigação do conceito de comunismo para a extrema direita pode se apresentar como um elemento integrante de um movimento iniciante para o exercício da noção de liberdade exposta por Jaeggi (2013). Se o anticomunismo compõe um dos valores daquilo que Jaeggi chama de *outro limitante* — aquele que nos observa, nos classifica e, por conseguinte, limita nossa possibilidade de ser — nossa capacidade de resistir a essas limitações não é tão intensa se não soubermos a fundo do que se tratam estas imposições, dentre elas o gênero e o comunismo. Da mesma forma, a investigação que este trabalho propõe, segue na mesma toada do objetivo exposto em Butler (2024) na passagem anterior, só que em relação ao outro fantasma da extrema direita, o comunismo.

Metodologia de pesquisa

A formulação do conceito de magnetismo anticomunista que apresento aqui é oriundo da análise da história do anticomunismo no Brasil (Motta, 2020) e da análise das atuais manifestações anticomunistas nacionais. A metodologia usada para isso vem da sociologia

associativa, trata-se, sobretudo, da Teoria Ator-Rede / *Actor-Network Theory* de Bruno Latour, John Law e Michel Collon. Essa escolha metodológica se dá devido a intenção de descrever como a ideia de comunismo para o bolsonarismo se forma, e não somente de descrever o que essa ideia significa hoje. É importante ressaltar que não estou utilizando meu objeto para demonstrar uma execução completa e exímia da sociologia associativa ou da Teoria Ator-Rede; mas sim ao contrário, estou utilizando essa metodologia para estudar o significado de comunismo para os anticomunistas/ bolsonaristas. Meu método pode ser traduzido no que o linguajar popular chama de “engenheiro de obra pronta”. Esta expressão é muito usada para se referir aos comentários futebolísticos que são feitos após o fim de um campeonato. Da mesma forma, os “comentários” que faço do meu objeto ocorrem após os anticomunistas/ bolsonaristas formarem as conexões da sua ideia de comunismo.

Aqueles que observam meu objeto de fora tem a percepção de que qualquer coisa pode ser comunismo para o bolsonarismo. A aleatoriedade é tamanha que estas classificações passam a ser tratadas como irracionalidades incapazes de gerarem qualquer proveito para a pesquisa sociológica. O que trago de novo é exatamente observar esse comportamento aleatório e propor que na verdade ele é padronizado. Ele atrai e repele significados assim como os pólos de atração e repulsão de um ímã. Por isso escolhi o termo “magnetismo anticomunista” (mesmo soando como coisa de super-herói) para denominar minha proposta teórica de como se forma meu objeto.

Essa interpretação só foi possível ser feita por meio da ótica da sociologia associativa de devolver aos atores a capacidade de teorizar suas ações (Latour, 2012). Isso significa observar o “anticomunismo” a partir do ponto de vista dos próprios anticomunistas, sem filtrar suas definições à o que seria realmente uma oposição ao comunismo propriamente dito. Ou seja, se os atores anticomunistas se referem ao petismo, ou a toda a esquerda, como comunista, eu não irei corrigi-los nem tratar estas classificações como alheias ao meu objeto. Pelo contrário, eu as incorporo à minha análise. Seguindo a sociologia associativa, a relação destas duas categorias com o anticomunismo passa a acontecer quando os anticomunistas associam a esquerda, ou o petismo, ao significado de comunismo. Por isso o título deste trabalho é “a ideia de comunismo *para* o bolsonarismo”.

Toda leitura das fontes históricas foi feita observando como a perspectiva associativa alteraria as análises sobre o anticomunismo caso ela tivesse sido aplicada na metodologia das obras consultadas. Portanto, é através deste exercício analítico que foi possível elaborar a interpretação do anticomunismo que apresento aqui. A percepção de que “qualquer coisa” pode ser comunismo para o bolsonarismo deixa de ser um desqualificador e passa a ser um ponto de partida para a pesquisa sociológica. Sendo assim, se os anticomunistas *podem* classificar como comunismo desde tudo o que for de esquerda, tudo o que for popular, toda revolta por melhoria

de vida do povo, tudo o que for contra a ordem vigente ou todos que forem seus opositores, isso confere ao conceito de comunismo para os anticomunistas uma espécie de força magnética, capaz de atrair outros significados à sua semântica.

Desafios na construção da pesquisa

O desafio principal deste objeto de pesquisa com certeza está na sua própria natureza e no contexto político atual. As inquietações e ansiedades provocadas diariamente pelo noticiário nebuloso que vivemos diversas vezes produziram momentos de fadiga que tornava penoso debruçar-se neste problema de pesquisa, o que fazia necessário tomar algumas pausas para cuidar da saúde mental. Desde minha monografia adotei o bom humor como medida defensiva para lidar com essas situações. No entanto, o agravamento das tensões políticas e os acontecimentos correlacionados que se sucederam — além da escalada do genocídio palestino, que mesmo não fazendo parte desta dissertação, é também um dos assuntos do qual tenho pesquisado através do GERPOR - UnB —, algumas vezes formavam uma avalanche de inquietações que o meu bom humor não era capaz de contornar. Com isso, voltar-me para esta pesquisa nestes momentos de fortes tensões era uma prática penosa que, diante da pouca produtividade apresentada nestas situações, muitas vezes achei melhor fazer pausas para espalhar e retomar o fôlego do que forçar a barra e acabar tendo que tomar pausas ainda maiores.

A combinação entre a brevidade de uma pesquisa de dissertação e um objeto carente de grandes estudos, como é o anticomunismo bolsonarista, também produz alguns desafios. O principal desafio é a insegurança em dar alguns passos teóricos e metodológicos. Qualquer pesquisa é passível de ser como a exploração de um ambiente escuro. Até percorrer todo este ambiente, não é possível mensurar o seu tamanho e saber se é um pequeno cômodo ou um grande castelo.

O estudo do Estado da Arte serve como um mapa que fornece a visão macro de onde você está. No entanto, quando se trata de um objeto poucas vezes analisado no primeiro plano e que nunca foi analisado com a metodologia que proponho aqui, o Estado da Arte pode não ser o suficiente. Portanto, a insegurança provocada por este breu teórico me levou a tirar alguns momentos para me distanciar da escrita e refletir sobre minha pesquisa, de maneira que eu conseguisse entender o todo do que eu estava encontrando. A cada passo que dava na formulação teórica que proponho, sentia dificuldade em entender o que era acessório e o que era central, o que vinha primeiro e o que vinha depois, o que era a causa e o que era efeito do que eu estava pesquisando. Com isso, o cronograma que formulei para minha qualificação foi se distanciando devido a esses momentos de pausa e releitura para conseguir compreender onde está e para que serve cada elemento descoberto neste ambiente escuro. Ainda assim, é

sociologicamente imprudente dizer que alcancei uma visão plena deste ambiente e que as explicações propostas aqui são perfeições definitivas imunes à questionamentos produtivos.

Outro problema deriva-se do uso da Teoria Ator-Rede (TAR) / *Actor-Network Theory* (ANT) da sociologia associativa como método para estudar o significado de um conceito, ou ideia, que não segue processos científicos na sua formação. Pelo contrário, os desafia. Essa característica não é encontrada nos principais estudos que usam a ANT para abordar a formação de conceitos e ideias (p.ex.: Latour, 1994). Portanto, como é natural da sociologia que suas abordagens recebem aprimoramentos, é ainda mais natural que as equivalências que faço da análise do meu objeto com os termos técnicos da ANT sejam dignos de lapidações e correções.

Situando-me como pesquisador

Após o fim da fantasia positivista que acreditava num sociólogo completamente neutro e capaz de atingir a verdade universal por estar despido de valores morais e políticos, tornou-se necessário o pesquisador se situar diante de seu objeto de pesquisa. Sendo assim, me apresento como uma pessoa de esquerda que — diante dos avanços sociais que a China tem conseguido alcançar após adaptar a teoria marxista ao seu contexto sociocultural e formar um “socialismo à chinesa” (Jabbour e Gabriele, 2021) — acredita na possibilidade de que um “socialismo à brasileira” possa ser uma das soluções para as históricas mazelas sociais que a nossa recente democracia tem dificuldades de superar.

Em relação à minha visão do que é bolsonarismo, sigo Boito Jr. (2021). Armando Boito Jr. aponta em seu artigo *O caminho brasileiro para o fascismo* (2021) que conceitos políticos como democracia e monarquia não são objeto dos questionamentos que os adeptos de uma classificação purista de fascismo fazem. Estes adeptos defendem que esta ideologia de extrema direita deve ser circunscrita ao regime liderado por Mussolini na Itália, limitando-a num período histórico e numa localização geográfica; e, como pode ser visto na citação a seguir, para Boito Jr. isso seria o mesmo que dizer que a democracia só pode ser encontrada na Grécia antiga.

Dispensam a esse fenômeno um tratamento epistemológico muito diferente daquele que dispensam a outros fenômenos referentes, como o fascismo, à maneira de organização do poder político. Discorrem sobre os conceitos de democracia, ditadura, monarquia, república e outros, transitando livremente da Grécia Antiga e da Europa feudal à Europa contemporânea, e da Europa à Ásia e à América, tratando tais conceitos pelas suas características gerais, abstraindo as formas específicas como se realizam em diferentes lugares e épocas, mas não aceitam que se aproxime Plínio Salgado ou Jair Bolsonaro de Benito Mussolini (Boito Jr., 2021, p. 2).

Dessa forma, Boito Jr. defende que seja feita uma classificação geral do fascismo “que transcenda as particularidades do fascismo original, italiano ou alemão” (2021, p. 2). Para ele, “o fascismo, em geral, é um movimento reacionário de massa enraizado em classes

intermediárias das formações sociais capitalistas” (2021, p. 5). Dessa forma, o bolsonarismo, para Boito Jr., é o neofascismo brasileiro do século XXI. Em relação ao fascismo original, o neofascismo tem como distinção a base social e o inimigo. Ao invés da pequena-burguesia, a sua base social é composta, em sua maioria, pela alta classe média. Ao invés do movimento socialista e comunista de massa — que, segundo Boito Jr., “não existe no Brasil” —, o inimigo do neofascismo são as suas pautas de reformismo superficial (2021, p. 7) do “movimento democrático e popular” (2021, p. 8).

Por fim, registro que não acredito que todas as pessoas comuns bolsonaristas sejam fascistas. Muitos são vítimas das narrativas deturpadas e das *fake news* que diariamente as mantém em estado de alerta; numa tensão psicológica que encontra espaço para proliferar nas lacunas deixadas pela histórica carência educacional do Brasil.

O que vem a seguir

No **capítulo 1**, debruço-me sobre a metodologia utilizada nesta pesquisa. Exponho seus antecedentes e seus principais teóricos e termos técnicos. Depois, descrevo sua adequação à minha pesquisa, cujo primeiro passo metodológico é devolver aos atores a capacidade de teorização para fazer com que, no final da linha, os conceitos desenvolvidos pelo pesquisador sejam ecos dos conceitos desenvolvidos pelos atores (Latour, 2012).

Por conseguinte, no **capítulo 2** dou esse primeiro passo metodológico e início minha pesquisa observando e descrevendo as associações feitas pelos bolsonaristas para formar a rede de significados da sua ideia de comunismo. Respeitando o método escolhido, os atores falam livremente, portanto, atravesso todo o capítulo sem desenvolver qualquer análise ou crítica aprofundada sobre as definições feitas. Primeiro apresento definições de apoiadores bolsonaristas, depois de políticos de extrema direita e, por fim, de alguns setores da mídia brasileira que se identificam com as pautas do bolsonarismo.

No **capítulo 3** passo a “rastrear” (Latour, 2012) os significados de comunismo apresentados pela minha amostra. Ao mesmo tempo, apresento as seis etapas do “modo de ordenação” (Law, 1994) da ideia de comunismo para o bolsonarismo. Faço essas duas coisas em conjunto para aproveitar as referências mobilizadas e relacioná-las aos argumentos da minha proposta teórica do conceito de *magnetismo anticomunista*, descrevendo como meu objeto funciona de maneira ordenada.

Em seguida, e de acordo com o método desta pesquisa, no **capítulo 4** apresento como minha proposta teórica pode ser rastreada em práticas (Latour, 1999). Faço isso demonstrando como a formação de uma mentalidade anticomunista no Brasil foi deliberadamente construída,

mantida e desenvolvida para, por fim, se manifestar na ideia de comunismo para o bolsonarismo.

CAPÍTULO 1 - METODOLOGIA

Devido à heterodoxia sociológica da Teoria Ator-Rede (TAR) — e também devido ao modo de escrita incomum de Bruno Latour —, por muito tempo hesitei em adotar a TAR como método da minha pesquisa. Trata-se de uma metodologia que não teve presença duradoura nas ementas das disciplinas que cursei na graduação e mestrado. Portanto, embora já observasse a TAR como o método mais adequado para o meu objeto, eu não tinha segurança suficiente na minha leitura para bater no peito e dizer “este é meu método e vou aplicá-lo com a responsabilidade adequada para uma dissertação de mestrado”.

Eu via a TAR como quem encara uma piscina fria. Durante sua leitura muitas vezes me perguntava: “é isso mesmo que estou entendendo? Será que estou entendendo direito?”. Colocava a ponta do pé na piscina e pensava “chega, já tá bom”. Depois via que tinha que entrar mais um pouco. Deixava a água fria bater até a altura da cintura, e voltava para a terra firme. Até que não teve jeito e percebi que teria que mergulhar nessa piscina. A autorização desse mergulho veio da própria TAR. Ocorreu logo após eu tomar conhecimento do conceito de “métodos fracos” de Law (2004) e de conectá-lo à outras passagens de Latour correspondentes (2012). Law defende a utilização de “métodos fracos”, ao invés de métodos rígidos, para estudar realidades fluidas e não-lineares (2004) — caso da ideia de comunismo para o bolsonarismo. Latour afirma que “se há uma teoria ator-rede, é uma sociologia das associações, não do social como domínio pré-definido” (2005, p. 9) onde a sociologia ocorre dentro de uma teoria fechada em si mesma (2005, p. 145). Com isso, percebi que a sociologia associativa me permitia utilizá-la até onde fosse conveniente para meu objeto. Essa permissibilidade possibilitou adotar essa teoria desafiadora com menos preocupações em relação ao rigor metodológico que muitas vezes é encontrado em outras metodologias. Dessa forma, consegui ter a coragem de mergulhar nessa piscina fria.

Ter essa coragem não significa que meu mergulho será impecável. A própria TAR não cobra essa impecabilidade. Nem a sociologia ortodoxa cobra essa perfeição. Os aprimoramentos são naturais do pensamento científico e, por conseguinte, também são naturais na sociologia. Portanto, os desenvolvimentos que apresento a seguir são feitos com a consciência de que eles podem ser calibrados para que sejam ainda mais precisos. Como veremos, alguns termos técnicos da TAR se confundem no meu objeto e podem servir para classificar o mesmo ator dependendo do contexto em que ele está inserido, e aí está um dos pontos dos quais eu acredito que minha metodologia possa ser melhor calibrada para conseguir ter precisão nessa fronteiras e compreender, por exemplo, quais fatores fazem um ator-chave

se tornar um ponto de passagem obrigatória (*OPP*) e quais fatores diferenciam uma rede de uma quadro de referências (trato melhor esses conceitos mais a frente). No entanto, devido à própria natureza da TAR, este liame indefinido não foi visto como impeditivo.

Outro ponto que se mostrou um empecilho foi a aparente inovação no uso da TAR que representa minha pesquisa. Como destacado na Introdução, os estudos sociológicos encontrados por esta pesquisa que utilizaram a TAR como método para abordar a formação de conceitos focaram em objetos vinculados ao campo científico (Lima e Baptista, 2018, Silva e Araújo, 2018, Fonseca e Lopes, 2019, Pereira e Almeida, 2020). O que é o contrário do caso desta dissertação. Como destaquei na Introdução, meu objeto se comporta independente das teorias e das práticas e isso tende a fazê-lo ser descartado de qualquer análise profunda pela sociologia ortodoxa.

Sendo assim, pode-se dizer que a metodologia heterodoxa da TAR está sendo usada aqui para estudar um objeto igualmente heterodoxo. Essa combinação “marginal” do conhecimento naturalmente traz consigo alguns desafios extras. Portanto, na mais humilde das hipóteses, o uso da Teoria Ator-Rede aqui pode ser visto como um esboço.

Creio que agora esteja evidente que a escolha metodológica para essa dissertação não foi feita seguindo alguma preferência ou afinidade pessoal minha, mas sim visando melhor atender o objetivo desta dissertação. Um dos temas deste capítulo é, portanto, demonstrar porquê a metodologia vista como mais adequada para abordar meu objeto é oriunda da sociologia associativa (ou sociologia das associações) e se chama Teoria Ator-Rede (TAR).

Além disso, relembro o que foi afirmado no primeiro parágrafo desta dissertação: a intenção deste trabalho não é dizer o quanto está certo ou errado o anticomunismo bolsonarista, mas sim entender como a ideia de comunismo para o bolsonarismo se forma, se mantém e se altera. Não se trata apenas de descrever seu significado atual. Pretendo demonstrar o processo pelo qual atores se associam e formam mutuamente a rede da ideia de comunismo para o bolsonarismo hoje, ontem ou amanhã. Minha proposta teórica é que qualquer definição que seja feita seguirá os padrões classificatórios que apresento nesta dissertação.

Muitos outros métodos iriam inviabilizar esta pesquisa ao tornar desnecessário observar como o anticomunismo e o bolsonarismo formulam sua concepção de comunismo, pois eles não precisariam adentrar nas profundidades do meu objeto para serem capazes de fornecer alguma macro-explicação já formulada antecipadamente. Esse seria o caso dos pensamentos marxistas oriundos das descrições que Karl Marx fez sobre a alienação e sobre a inversão ideológica da classe trabalhadora no capitalismo (Marx e Engels, 2002). Sob este escopo, o termo “falsa consciência” — primeiramente usado por Engels em carta de 1893 para Franz

Mehring (1974) e desenvolvido em seguida por Lukács (2003) e pela Escola de Frankfurt (Adorno e Horkheimer, 1985) — poderia explicar de antemão o porquê da ideia de comunismo para o bolsonarismo parecer aleatória e funcionar sem nenhum compromisso com a literatura comunista.

Não quero dizer que esta explicação marxista (ou outra qualquer) está errada ou que a minha explicação é diferente dela, mas sim que o ponto de partida da minha pesquisa é a observação (desprovida de críticas) da própria ideia de comunismo para o bolsonarismo: onde suas associações me levarem, seguirei sem pestanejar; passo a passo (Latour, 2012, p. 28). Se o ponto em que eu chegar for o mesmo de alguma macro-explicação existente, sem problemas, minhas tarefas de (a) rastrear as associações feitas pelo meu objeto e (b) de entender como essas associações ocorrem, estarão cumpridas de qualquer forma

Essa movimentação lenta, sem antecipar explicações, está em sintonia com a Teoria Ator-Rede que, por sua vez, está em sintonia com a sociologia de Gabriel Tarde — à quem o sociólogo responsável pela popularização do termo “sociologia associativa”, Bruno Latour, confere o título de verdadeiro pai da sociologia (2002, p. 121). Portanto, uma das tarefas deste capítulo é apresentar uma breve descrição dos antecedentes teóricos da minha metodologia.

É importante dizer que Bruno Latour não é único contribuidor da TAR, somam-se a ele Michel Callon (1945-) e John Law (1946-). Os dois primeiros (Latour, 1979 e Callon, 1986) apresentaram seus desenvolvimentos no final da década de 1970 e na década de 1980, o terceiro (Law, 1992) fez o mesmo na década de 1990 e, na década seguinte, Latour volta a se destacar ao relacionar a TAR à sociologia associativa (2005).

Além de expor brevemente as principais contribuições de cada um desses autores, um dos objetivos deste capítulo é apresentar os principais conceitos da TAR que são contemplados na explicação e na descrição do meu objeto.

Como disse, qualquer abordagem metodológica da sociologia tem críticas e é passível de receber alterações e atualizações. No caso da TAR, pode-se dizer que, além disso, ela também se destaca como “polêmica”. Por conseguinte, vi necessidade em expor algumas das suas principais críticas. Faço isso no final deste capítulo.

A partir daqui, passo a me referir à TAR usando sua sigla em inglês (*Actor-Network Theory*: “ANT”) devido ao seu sentido conveniente. Em inglês, *ant* significa “formiga” e Latour defende que o investigador social deve ser como uma formiga, andar o trajeto em pequenos passos, não dar grandes saltos e não querer prever acontecimentos com uma visão aguçada para o fim do horizonte (Latour, 2012). Aproveito a deixa da referência bibliográfica para ponderar que o estudo da história do anticomunismo não foi feito nesta dissertação com o propósito de

construir um “gabarito” para o meu objeto, e sim para “rastrear o social” e entender o “movimento peculiar de reassociação e reagregação” (2012, p. 25) que o anticomunismo e o bolsonarismo estão manipulando na hora de formular sua ideia de comunismo.

Convém salientar que a *ANT* é muitas vezes tratada como sinônimo da sociologia associativa; no entanto, existem algumas diferenças entre as duas. Eles não são termos sinônimos porque a *ANT* é, na verdade, *uma* das abordagens da sociologia associativa. Sua distinção das outras é incluir não-humanos como atores plenos (2012). Portanto, nem toda sociologia associativa é *ANT*, mas toda *ANT* é sociologia associativa. A última é uma abordagem metodológica para fazer pesquisa sociológica rastreando associações e rejeitando interpretar o social como algo dado (2005). E a primeira é um corpo teórico (2003) que surgiu antes de Latour utilizar o termo “sociologia associativa”. Embora o termo tenha surgido depois da *ANT*, ele serve de guarda-chuva para a Teoria Ator-Rede. Portanto, a exposição de ambos neste capítulo é ordenada da maior (sociologia associativa) para a menor (*ANT*). Quando for conveniente, farei algumas pausas para situar meu objeto e para apontar conceitos da *ANT* que foram utilizados nas citações sobre a sociologia das associações, mas que deixei para tratar deles no subcapítulo sobre a Teoria Ator-Rede.

1.1 - A sociologia associativa e as fontes teóricas de Latour, Callon e Law para formular a *ANT*.

Em oposição ao que Latour chama de “sociologia crítica”, ou “sociologia do social”, a sociologia associativa rejeita adotar uma postura crítica para observar as formulações feitas pelos atores pesquisados e rejeita tratar o social como uma categoria que explica “aspectos residuais da economia, linguística, psicologia, administração e assim por diante” (2012, p. 22). A sociologia associativa, ao invés de restringir os atores “ao papel de informantes”, devolve a eles a “a capacidade de elaborar suas próprias teorias sobre a constituição do social” (2012, p. 31), e trata o social como “agregados sociais” que podem ser explicados por “*associações* específicas fornecidas pela economia, linguística, psicologia, direito, administração, etc.” (2012, p. 22, grifos do autor).

Ainda que a maioria dos cientistas sociais prefira chamar “social” a uma coisa homogênea, é perfeitamente lícito designar com o mesmo vocábulo uma série de *associações* entre elementos heterogêneos. Dado que, nos dois casos, a palavra tem a mesma origem — a raiz latina *socius* —, podemos permanecer fiéis às instituições originais das ciências sociais redefinindo a sociologia não como “ciência social”, mas como a *busca de associações*. Sob este ângulo, o adjetivo “social” não designa uma coisa entre outras, como um carneiro negro entre carneiros brancos, e sim um *tipo de conexão* entre coisas que não são, em si mesmas, sociais. À primeira vista, essa

definição soa absurda, pois pode forçar a sociologia a significar qualquer tipo de agregado, de ligações químicas a vínculos jurídicos, de forças atômicas a corporações, de organismo fisiológicos a partidos políticos. Mas é exatamente esse o ponto que o ramo alternativo da teoria social pretende estabelecer: todos os elementos heterogêneos precisam ser reunidos de novo em uma dada circunstância. Longe de ser uma hipótese atordoante, essa é na verdade a experiência mais comum que podemos ter face ao aspecto enigmático do social. Uma nova vacina está sendo preparada, uma nova descrição de tarefa está sendo oferecida, um novo movimento político está sendo criado, um novo sistema planetário está sendo descoberto, uma nova lei está sendo votada, uma nova catástrofe está ocorrendo. A cada instância, precisamos reformular nossas concepções daquilo que estava associado, pois a definição anterior se tornou praticamente irrelevante. (2012, p. 23, grifos do autor)

Trazendo para o meu objeto e seguindo o raciocínio de Latour acima, pode-se dizer que uma nova ideia de comunismo para o anticomunismo está sendo formada. Portanto, é evitando que esta dissertação se resuma em apresentar uma definição que se tornará “praticamente irrelevante” em pouco tempo, que o que apresento é uma descrição de como a ideia de comunismo para o bolsonarismo faz suas associações heterogêneas, como essas associações são mantidas e como elas são abandonadas, tornando “definições anteriores irrelevantes”. Para conseguir esta descrição, devolver aos bolsonaristas e anticomunistas a capacidade de teorizar sobre o que é comunismo (ao invés de desqualificar suas formulações e esterilizá-las de qualquer valor para a investigação sociológica) foi o primeiro passo metodológico para descrever o meu objeto.

Devido à noção anticomunista sobre o comunismo se mostrar por mais das vezes totalmente aquém da própria teoria e história comunistas, os argumentos levantados pelos anticomunistas são vistos como algo a ser ignorado, escrachado e debochado; ou como algo que caso venha a ser objeto de algum estudo deva, antes de tudo, ser decifrado pelo sociólogo num processo que não vê nenhum problema em inverter completamente o sentido do que foi anunciado primeiramente pelos atores de extrema direita, para, aí sim, poder ser analisado apropriadamente. Isso não quer dizer que seja necessariamente um equívoco para a investigação sociológica dizer que há uma inversão entre o que os atores dizem e o que eles fazem, muito pelo contrário; a questão é que esta decodificação do posicionamento dos atores não deve ser um ponto de partida. O que Latour contesta, portanto, é o momento em que este ato de decifrar a intenção do ator é feita:

Os sociólogos do social (...) estão sempre prontos a produzir termos precisos, bem escolhidos e sofisticados para exprimir aquilo que eles dizem que os atores dizem. Mas então correm o risco de confundir as duas metalinguagens — pois também os atores possuem sua própria metalinguagem elaborada e plenamente reflexiva. Se praticam a sociologia crítica, há o perigo ainda maior de calarem por completo os atores. A ANT prefere usar o que chamamos de *infralinguagem*, algo que não possui outro sentido além de permitir o deslocamento de um quadro de referência a outro.

Em minha experiência, essa é a melhor maneira de fazer com que o vocabulário dos atores seja ouvido em alto e bom som — e em nada me aborrece o fato do jargão dos cientistas sociais estar sendo, ele sim, desprezado. Se eu tivesse que fazer uma lista das características que devem ter uma boa descrição ANT (...) perguntaria: os conceitos dos atores figuram como *mais fortes* que o do analista? (Latour, 2012, p. 52-3, grifos do autor)

Sobre o conceito grifado por Latour, “infralinguagem”, ele será abordado no subcapítulo 1.2. Sobre a última sentença da citação acima, ela não quer dizer que um analista não possa ter conceitos, mas sim que esses conceitos devem surgir dos conceitos dos atores. Portanto, a diferença dos conceitos que apresento aqui para os conceitos “do analista” que Latour fala acima, é que os meus foram feitos mapeando como os anticomunistas/ bolsonaristas teorizam, sem julgar a qualidade dessas teorizações, sem tratar esses atores como “meros informantes” (2012, p. 31) e sem adotar a postura do sociólogo do social que determina o que os indivíduos fazem e sentem independentemente de como os próprios indivíduos enxergam suas ações (2012, p.44).

O motivo dessa mudança de ritmo é que, em lugar de assumir uma postura sensata e impor de antemão um pouco de ordem, a ANT se considera mais capaz de vislumbrar ordem *depois* de deixar os atores desdobrarem o leque inteiro de controvérsias nas quais se meteram. É como se dissemos aos atores: “Não vamos tentar disciplinar vocês, enquadrá-los em nossas categorias; deixaremos que se atenham a seus próprios mundos e só então pediremos sua explicação sobre o modo como os estabeleceram”. A tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores, não ao analista. É por isso que para recuperar certo senso de ordem, a melhor solução é rastrear conexões *entre* as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolvê-las. A busca da ordem, rigor e padrão não é de modo algum abandonada apenas reposicionada um passo à frente sob a forma de abstração, para que os atores possam desdobrar seus próprios e diversos cosmos, pouco importa quão irracionais pareçam. (...) a ANT sustenta ser possível rastrear relações mais sólidas e descobrir padrões mais reveladores quando se encontra um meio de registrar os vínculos entre quadros de referência instáveis e mutáveis, em vez de tentar estabilizar um deles (Latour, 2012, p. 44-5, grifos do autor)

Aproveito a citação para reforçar que são passagens como essa que justificam a escolha da sociologia associativa como método para investigar a ideia de comunismo para o anticomunismo/ bolsonarismo. Foi seguindo as associações feitas pelos próprios anticomunistas que foi possível “rastrear relações mais sólidas e descobrir padrões mais reveladores” (*Idem.*) por trás da aparente aleatoriedade semântica do meu objeto. Esses padrões descobertos serviram para formular o comportamento da ideia de comunismo para o bolsonarismo/ anticomunismo como *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista*.

Deixo para me deter na descrição completa deste termo nos capítulos 3 e 4, mas irei retomá-lo no subcapítulo seguinte, para expor como ele se enquadra na *ANT*.

Após expor brevemente o conceito que envolve a Teoria Ator-Rede e antes de passar a tratar propriamente dela, julgo pertinente abordar algumas das teorias antecedentes às primeiras formulações da *ANT* feitas por Latour e Callon na década de 1980. A interdisciplinaridade é característica marcante dessas bases teóricas. Estão presentes disciplinas como filosofia, antropologia, sociologia, biologia, teoria dos sistemas, cibernética, geografia e urbanismo.

Gabriel Tarde (1843-1904), cujo trabalho perpassa diversas ciências humanas, pode ser tratado como um dos mais importantes precursores da *ANT*. Como dito anteriormente, Latour o descreve como o verdadeiro pai da sociologia (2002). Além disso, também o trata como o pioneiro da sociologia das associações (2005) por ter estudado as redes sociais antes da existência do termo “redes” (2002). A introdução de não-humanos, as críticas aos dualismos e o foco nas associações são as principais contribuições de Tarde (2005). “A sociologia de Tarde é a única que começa com a questão: ‘como as coisas se associam?’ Ao invés de ‘O que é sociedade?’” (2002, p. 121).

A base das críticas ao estruturalismo e as bases da visão relacional e processual do social que podem ser encontradas na sociologia associativa vem também de Tarde. Por exemplo, para ele a sociedade não é uma “entidade autônoma” como Durkheim defende, mas um tecido de interações microscópicas; e, também contrariando Durkheim, Tarde defende as microassociações para tratar até mesmo grandes instituições, rejeitando, novamente, as macroexplicações (2011). Os costumes, por exemplo, não vêm de “fatos sociais coercitivos” mas sim de “imitações criativas”. Para Tarde (2001), a vida social tem como fundamento a imitação. Essa imitação é criativa porque não se trata de mera repetição, mas sim de adaptações e reinvenções do modelo referenciado. Como veremos, o mesmo se dá com a ideia de comunismo para o bolsonarismo, ou de qualquer outro anticomunismo: tratam-se de adaptações e reinvenções de um modelo pré-estabelecido. Neste trabalho, chamo este modelo pré-estabelecido de *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista* (ver gráfico nº4). Como isso é tema do próximo capítulo, volto a tratar de Tarde.

Portanto, em sua obra *Monadologia e Sociologia*, Tarde defende que as mônadas (ideias, objetos, indivíduos) só existem em relações dinâmicas de associação (2003). Da mesma forma, a *ANT* escolhe por observar o “social” como uma rede de associações e não como uma categoria pré-formada e pré-existente (Latour, 2005).

Para Tarde, três conceitos exemplificam as microinterações: imitação, invenção e oposição. Como destaquei acima, as imitações são cópias criativas de hábitos. Já as invenções

são novidades oriundas de combinações e as oposições são conflitos que impulsionam mudanças (Tarde, 2011). Respectivamente, esses conceitos se conectam com a *ANT* na ideia de rede como uma cadeia de traduções (Callon, 1986), no ator-rede como processo dinâmico e nas “controvérsias” (Latour, 2005).

Outra importante contribuição tardiana na sociologia associativa é a ideia de Monadologia Relacional. Tarde observava os indivíduos (ou “mônadas”) como centros de força em rede, não como átomos isolados (Tarde, 2011); da mesma forma, a *ANT* observa os atores humanos e não-humanos como “mônadas” em rede (Latour, 2002). Por fim, a abordagem não-hierárquica na formação de teias sociais em Tarde (2011), se manifesta na *ANT* no princípio da simetria generalizada onde humanos e não-humanos têm agência com a mesma importância (Latour, 2005). Tarde, portanto, forneceu duas coisas fundamentais para a *ANT*: (a) as ferramentas para estudar as associações heterogêneas e (b) uma sociologia sem estruturas fixas.

Sobre o campo da biologia, a concepção da *ANT* de que atores humanos e não-humanos agem em conjunto tem origem na noção de *Umwelt* (ambiente vivido) do biólogo e filósofo Jakob von Uexküll (1864-1944). O termo serve para definir “o mundo perceptivo específico de um organismo, constituído pelos signos que ele é capaz de interpretar e pelos efeitos que pode produzir no ambiente” (2010, p. 42). O biólogo apresenta uma subjetividade biológica onde cada espécie têm um *Umwelt* próprio oriundo da sua estrutura motora e sensorial (1926); por exemplo, o suor, a temperatura em 37° e a textura da pele são os três signos que compõem o “ambiente vivido” de um carrapato (2010). A relação entre o organismo e o seu ambiente segue um ciclo de percepção e ação (1920, p. 32). Em suma, *Umwelt* contribuiu para a *ANT* ao retirar o humano do centro das ações, mostrando que cada espécie vive em um mundo próprio.

Ainda na biologia, o pensamento do biólogo Gregory Bateson (1904-1980) forneceu diversas contribuições. Uma delas serviu para a formação de um conceito central da Teoria Ator-Rede: “agência distribuída”. Em Bateson (1972), a capacidade de agir deixa de ser exclusividade dos sujeitos para ter origem nas associações entre atores; essa descentralização também inspirou Latour para falar de atores humanos e não-humanos. Outra contribuição de Bateson é sua abordagem sobre como os significados surgem das relações e não de objetos isolados (1972), daí a *ANT* formulou a noção de que os atores só existem em redes de relações. Além disso, a ideia de Callon (1986) de que as redes são dinâmicas e dependem de traduções contínuas, vem do conceito de *Feedback Loops* que Bateson usa para mostrar como sistemas vivos se regulam por meio de circularidades (Bateson, 1979). Por fim, outra contribuição importante de Bateson é a abordagem da comunicação. Para ele os significados não vêm dos

objetos, mas sim das relações. Por exemplo, o reconhecimento de sinais entre animais é o que faz perceber uma mordida feita para atacar de uma mordida recreativa (1972). Essa percepção serviu de influência para a *ANT* defender que os atores só existem em redes de relações (Latour, 2005). Em suma, a interdependência entre atores e a “natureza relacional da realidade” influenciou os três principais autores da *ANT*: Latour, Callon e Law.

Da Teoria dos Sistemas e da Cibernética, dois dos principais autores cujos estudos fundamentaram a *ANT* são Niklas Luhmann (1927-1998) e Heinz von Foerster (1911-2002). Em Luhmann, a teoria dos sistemas autopoieticos (1995) serviu para a *ANT* tratar as redes como sistemas abertos (Latour, 2005). De von Foerster surge a ideia de que a observação é um ato capaz de produzir interferências nas redes. Essa percepção vem da teoria chamada “cibernética de segunda ordem”, ela defende que o observador é parte do sistema observado e que a realidade é construída através do ato de observar (2003). A teoria da autopoiese usada por Luhmann é derivada desta “cibernética de segunda ordem” (Maturana, 1980).

Já nas disciplinas de urbanismo e geografia, quem se destaca é Doreen Massey (1944-2016) com sua obra “*For Space*” (2005). Neste livro, a geógrafa apresenta sua teoria do espaço como “multidirecional e em constante formação” (2005, p. 9), como uma rede de relações onde “o espaço é um produto de inter-relações [...] sempre em construção, sempre aberto” (2005, p. 59). Da mesma maneira que a *ANT* rastreia as associações entre os atores, Massey faz o mesmo ao descrever como relações materiais e simbólicas produzem espaços como cidades globais e fronteiras (2005). A noção da *ANT* de “redes heterogêneas” é oriunda da proposta de Massey de observar o espaço como uma “rede dinâmica de relações” humanas e não-humanas (2005, p. 9). Segundo a geógrafa, essas redes são politicamente assimétricas, caso da globalização neoliberal (2004) e, em consonância com a *ANT*, são também heterogêneas (Latour, 2005). Outra sintonia entre a Teoria Ator-Rede e os pensamentos de Massey são as críticas às dicotomias como “local/ global” (Massey, 2005).

Da filosofia das ciências de Thomas Kuhn (1922-1996) abre-se o caminho para a *ANT* dizer que fatos científicos são construídos em redes heterogêneas (Latour e Woolgar, 1997). Em *A estrutura das revoluções científicas* (2011) Kuhn critica o positivismo afirmando que a ciência não avança de maneira neutra, mas sim seguindo paradigmas que estabelecem o que é ou não conhecimento válido em cada momento histórico. Ao Kuhn afirmar que não há critério neutro para comparar esses paradigmas científicos, a *ANT* utiliza isso como base para apresentar o conceito de “tradução” (Callon, 1986) como o processo no qual os atores negociam significados para estabilizar as redes. E quando Kuhn defende que as crises e disputas dentro das comunidades científicas são as provocadoras das revoluções na ciência, a *ANT* usa esta

plataforma para estudar como as “controvérsias” revelam a instabilidade das redes que, por sua vez, revelam a reestabilização dessas redes (Latour, 2000). As divergências entre Kuhn e *ANT* ocorrem na rejeição da segunda à paradigmas fechados, na predileção da mesma pela ideia de que as associações também ocorrem com contingências e na incorporação da agência de não-humanos (Latour, 2012).

Da etnometodologia de Harold Garfinkel vieram ferramentas para analisar a construção da realidade social em práticas cotidianas ocorridas em microprocessos. Ao defender que a ordem social não é pré-estabelecida, mas sim construída localmente nas ações práticas dos atores, Garfinkel (2020) inspirou a *ANT* em tratar os fatos científicos como produções de interações situadas (Latour e Woolgar, 1997). Portanto, do conceito de “indexicalidade” de Garfinkel, usado para dizer que o significado das ações depende do contexto local, a *ANT* adota a ideia de que os significados são negociados localmente pelos atores humanos e não-humanos (Latour, 2000). A lógica de Garfinkel usada para revelar as normas invisíveis por trás da vida social foi chamada por ele de “experimentos de ruptura”, ou “*breaching experiments*”. Lógica semelhante é usada pela *ANT* para estudar as controvérsias científicas que provocam renegociações da ordem devido às instabilidades (Callon, 1986). A característica de recusar macroexplicações também pode ser vista como influenciada pela visão local de Garfinkel, da mesma forma que a agência de não-humanos pode ser vista como reflexo da importância que a etnometodologia dá aos documentos, artefatos e gestos humanos na produção da ordem social.

A defesa de simetria entre atores humanos e não-humanos feita pela *ANT* encontra antecedentes no conceito de “plano de imanência” de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992), exposto no livro *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995). Esse “plano” seria um campo de relações sem hierarquias prévias. Efeito semelhante têm a ideia de Deleuze (2018) de que os seres se definem em suas relações e não em supostas essências fixadas neles. Por conseguinte, o conceito de “rizoma” (Deleuze e Guattari, 1995) para definir as multiplicidades e as conexões não-hierárquicas, tem reflexo na descrição de redes como arranjos fluidos e temporários que é feita pela *ANT* (Callon, 1986). O mesmo ocorre entre o alinhamento de interesses para estabilizar as redes, descrito pelo conceito de tradução cunhado por Callon (1986), e a ideia de “agenciamento”, que Deleuze e Guattari usam para denominar os arranjos dinâmicos feitos entre corpos e afetos (1997).

Outro pensador que, dentre outras coisas, também contribui para a simetria entre atores humanos e não-humanos da *ANT* é o filósofo Michel Serres (1930-2019). Ele igualmente rejeita divisões entre os dois atores e defende que eles habitam redes híbridas (1990) onde os não-

humanos têm agência e transformam as relações sociais (1993). A ideia de contingências na formação das redes, como falhas técnicas (Callon, 1986), também é encontrada em Serres em alguns momentos, como, por exemplo, na sua ideia de que elementos estranhos podem perturbar e transformar sistemas de comunicação (2021). Já o conceito de tradução (Callon, 1986) encontra semelhanças na defesa de Serres de que comunicar não é somente transmitir, mas também traduzir (2021).

1.2 - A Teoria Ator-Rede (TAR) / *Actor-Network Theory* (ANT) como metodologia para estudar a ideia de comunismo para o bolsonarismo.

Além de desenvolvimentos práticos da metodologia *ANT* para demonstrar como controvérsias científicas revelam redes em formação e como técnicos, usuários e artefatos constroem tecnologias em redes (2011), a principal contribuição teórica de Michel Callon foi fazer essa noção de “tradução” de Serres (2021) — de que todo ato de comunicação é uma tradução pois transforma significados — se tornar uma ferramenta sociológica para a *ANT*. Segundo Callon (1986), a “tradução” têm quatro etapas: 1- “*problematization*”: define o problema e os atores relevantes; 2- “*interessement*”: alinha os interesses dos atores; 3- “*enrollment*”, estabelece papéis na rede; 4- “*mobilization*”: garante que os atores representem a rede (1986).

John Law também contribuiu com estudos empíricos mobilizando a *ANT* para analisar sistemas tecnocientíficos complexos (2002). Dentre suas contribuições teóricas, quatro conceitos se destacam: 1- “modos de ordenação” para mostrar como as redes são estabilizadas criando padrões de organização social (1994); 2- “heterogeneidade radical” para descrever a diversidade dos elementos que compõem as redes e não podem ser reduzidos a uma única lógica (2002); 3- “métodos fracos” para estudar realidades fluidas e não-lineares, rejeitando métodos rígidos e categorias fixas (2004); e 4- “materialidade” para a capacidade dos objetos, tecnologias e espaços participarem ativamente da construção social, não como pano de fundo, mas como atores capazes de moldar práticas (2002).

Já as contribuições desenvolvidas por Latour, destacam-se as recusas das dicotomias (1994), a defesa da simetria generalizada (1991), a agências dos não-humanos (2005), o rastreamento de associações como método para mostrar como as redes se estabilizam (2012), a substituição da noção de social como entidade pré-dada pela ideia de grupos que estão em permanente construção — “não há grupos, apenas a formação de grupos” (2012, p. 49). No âmbito empírico, destaca-se seu estudo intitulado *Laboratory Life* (Latour & Woolgar, 1979), um marco para mostrar que não-humanos — como instrumentos, amostras, artigos, etc — têm

agência. Neste estudo, Latour e Woolgar utilizam os termos “inscrições” (dados transformados em gráficos, artigos, tabelas...), “caixas-pretas” (fatos que deixam de ser questionados) e “rede sociotécnica” (humanos e não-humanos produzindo conhecimento) como conceitos-chaves para defender que os fatos científicos não são descobertos, mas construídos por meio de práticas materiais e discursivas em laboratórios.

Feita essa breve exposição sobre as principais contribuições dos três notáveis da *ANT*, me detenho agora no aprofundamento de alguns dos seus termos técnicos para, em seguida, demonstrar brevemente como estes termos estão contemplados no *magnetismo anticomunista*.

O termo “agência distribuída” é um dos conceitos centrais da *ANT*. Ele serve para explicar que a capacidade de agir não está concentrada em sujeitos, mas sim nas associações entre atores que formam uma rede onde nenhum ator age sozinho. Os diferentes tipos de atores, humanos e não-humanos (leis, cartazes, algoritmos, charges, celulares, etc) estão numa relação de simetria radical, compartilhando o mesmo status na produção de efeitos. A *ANT* estabelece uma simetria entre os dois ao “trazer os não-humanos ao centro do debate sociológico e postular que os mesmos são dotados de agência” (Latour, 2012, p. 12) quando estes objetos produzem efeitos na rede. Portanto, as dicotomias de sujeito/ objeto e humano/ não-humano não existem na *ANT*. Qualquer coisa que faça diferença numa rede pode ser um ator (2012). Isso não quer dizer que os objetos agem como os humanos, mas sim que eles também têm capacidade de transformação (Law, 2004) para alterar as redes (Latour, 2005). Por exemplo, um semáforo interfere no trânsito assim como um guarda de trânsito (Latour, 2012). A mesma capacidade de transformação pode ser vista em contratos ou em algoritmos das redes sociais (Callon, 1986). Não se trata de negar a agência humana, mas sim de dizer que essa agência não ocorre isoladamente, mas em conjunto com atores não-humanos (Latour, 2005).

Além dessa simetria, os atores podem ter alguns tipos de papéis. Eles podem ser “mediadores” quando transformam a ação (caso de algoritmo de redes sociais), podem ser “intermediários” quando um ator repassa a ação sem causar transformação, caso de um cabo de internet que transmite os dados, podem ser um “ator-chave” quando são indispensáveis para a estabilidade da rede e também podem ser um “nó central” quando fazem muitas conexões. O “processo dinâmico” que liga esses elementos pode ser chamado de “ator-rede” (Latour, 2012).

Muitas vezes o termo “actante” é utilizado pela *ANT*. Durante a década de 1990, Callon e Law usaram para distinguir os não-humanos dos atores humanos. Já Latour, embora não tenha abandonado o termo (2012), passou a usar “ator” indiscriminadamente a partir do seu livro *Reassembling the Social*, lançado em 2005, como maneira de reforçar a simetria radical entre todos os atores.

Já “redes” significa o conjunto de conexões que por algum motivo são estabelecidas entre diferentes atores. Elas são instáveis, suas relações dinâmicas sofrem alterações por meio de interações e ficam inativas se não forem mobilizadas. Por exemplo, um escândalo científico ou uma nova perspectiva desafiadora podem desmontar uma teoria que já estava estabilizada como uma caixa-preta; uma rede de fornecedores que servem como matéria-prima na confecção de algum produto pode sofrer falhas causadas por algum problema climático ou acidental, fazendo com que a rede tenha que se reorganizar para poder superar essa instabilidade e se estabilizar novamente (2012). Como demonstrarei mais a frente, é dessa forma que analiso o significado de comunismo para o bolsonarismo.

Latour chama de “quadros de referência instáveis e mutáveis” as estruturas dinâmicas que fazem parte das redes, organizam a ação social e estão em constante transformação. O aspecto “instável” e “mutável” desses quadros ocorre devido às associações heterogêneas entre humanos e não-humanos e aos resultados provisórios de negociações, conflitos e alinhamentos dentro da rede (2012).

O conceito de “infralinguagem” inclui objetos, instrumentos, protocolos, afetos, tom de voz, etc, que apesar de estabilizarem as redes, não são traduzidos em palavras, mas sustentam sentidos sem verbalização por meio de processos implícitos. Podem ser materiais, afetos e práticas corporais. Por exemplo, o tom alarmista dos discursos é uma infralinguagem, assim como é o algoritmo que silenciosamente privilegia certos discursos nas redes sociais da internet (2012).

Outro termo de Latour (2012) importante para esta pesquisa é “ponto de passagem obrigatória” (*obligatory passage point - OPP*). Trata-se de um nó estratégico (físico ou abstrato) de uma rede onde todos os atores (humanos e não-humanos) devem atravessar para que a rede se mantenha estável ou para que alguma instabilidade seja resolvida. Esse “ponto” não é necessariamente um ator, mas pode ser comparado como um “funil” onde a rede deve passar para centralizar interesses distintos e estabilizar a rede. Se visto como um ator, seria um ator-chave mediador cuja mediação é obrigatória para que não desestabilize a rede. Por exemplo, o algoritmo de uma rede social, como o *Facebook*, é um *OPP* quando visto como passagem obrigatória de todas as publicações feitas no site, e é um ator-mediador quando observado compondo, por exemplo, a rede de discursos políticos compartilhados por alguma corrente política.

Já sobre o significado de ideias e conceitos, tema desta dissertação, eles podem se enquadrar na *ANT* tanto como redes quanto como atores não-humanos.

Eles são redes quando se estabilizam (ou não) através de associações materiais; ou seja, quando se estabilizam nos arranjos dinâmicos e concretos entre atores humanos e não-humanos (2005). E eles são atores não-humanos quando têm capacidade de alterar redes (Latour, 2012), como ocorreu, por exemplo, na interferência que a ideia de “aquecimento global” produziu nas políticas públicas (Latour, 2004) e na reorganização de laboratórios e práticas que o conceito de “micróbios” produziu após seu surgimento (2000).

Vistos como rede, ideias e conceitos se materializam (“associações materiais”) quando inspiram a criação de instrumentos, tecnologias, artefatos, etc. Por exemplo, quando a ideia de “segurança cibernética” levou a produção de novos formatos aprimorados de antivírus (Law, 2009) e quando práticas econômicas foram transformadas após o significado de “mercado livre” como produtor de crises ganhar espaço (Callon, 1998). Dessa maneira, a ideia de comunismo para o anticomunismo/bolsonarismo pode ser vista como ator quando altera a formação de redes para a implementação de políticas públicas, impedindo-as de terem sucesso ao causar instabilidades (ver capítulo 3).

Como exemplos empíricos de situações cotidianas analisadas sob o escopo da *ANT*, uma porta sendo fechada envolve, respectivamente, um mecanismo, um ator-humano e um ator não-humano: a fechadura, o humano e uma chave. Nesta relação, nenhum dos atores têm agência sozinho, todos precisam se associar para formar uma rede e produzir o efeito desejado que estabiliza a rede (Latour, 1992) ao abrir a porta. Em outro exemplo, a eficácia de uma vacina depende do antígeno, da seringa e da campanha de saúde pública para que a proteção, como o efeito de uma rede, ocorra com sucesso (Latour, 1988).

Estes exemplos de aplicações empíricas da *ANT*, encontram certo paralelo na explicação que proponho para a ideia de comunismo para o bolsonarismo/ anticomunismo. Assim como as vacinas precisam de campanhas de saúde para terem eficácia, o mesmo pode ser visto com o meu objeto quando eu trato da deliberada formação da mentalidade anticomunista no senso comum brasileiro. E da mesma forma que a agência é distribuída entre todos os atores da rede formada para abrir a porta, o mesmo ocorre com os atores-rede do processo de tradução que está contido na formação do meu objeto. É este processo que chamo de *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista* (ver gráfico nº5).

Esse *ordenamento* é composto por 6 etapas que — dentre outros encaixes na *ANT* — podem ser vistas como “atores-redes” interligados ou, mais apropriadamente, como uma operação de tradução que transforma o significado de comunismo para servir às tarefas que o magnetismo anticomunista precisa cumprir para atender o objetivo de cumprir sua causa fundante. Uma dessas etapas trata de produzir o que a *ANT* chama de “inscrições”, ela ocorre

na etapa 4 do meu modelo e eu a chamo de *camuflagens*. No sentido da *ANT*, essas *camuflagens* servem para inscrever sentidos em materiais como discursos e propagandas, e também pode ser visto como a etapa de *mobilização* do conceito de tradução de Callon (1986).

Como vimos anteriormente, o processo de formação do significado de ideias e conceitos (caso do objeto desta pesquisa) é uma rede quando se estabiliza por meio de associações materiais nos arranjos dinâmicos e concretos entre atores humanos e não-humanos (Latour, 2005). É justamente este arranjo dinâmico, ou processo de estabilização, que meu objeto passa e eu chamo de *ordenamento padronizado* (ver capítulo 3). O *magnetismo anticomunista*, portanto, é uma explicação teórica para como a ideia de comunismo para o bolsonarismo se forma. Dentre o seu procedimento de funcionamento, o *magnetismo semântico* (etapa 3 do *ordenamento*) se apresenta como um processo do que Callon chama de “tradução” (1986). Esse magnetismo associa o *status quo*, o senso comum e as forças opositoras ao *status quo* como atores em uma rede cuja estabilidade perpassa por outros processos de tradução subsequentes (etapas 4, 5 e 6 do gráfico nº5). Cada uma dessas etapas configura um ator-rede mobilizando discursos, leis, instituições, mídias, propagandas, valores, etc.

Ao rejeitar hierarquizar os significados de comunismo para meu objeto, eu mostro a simetria de seus atores e exponho como eles se estabilizam quando chegam no final do *ordenamento* e atendem a razão que os orienta (ver gráfico nº5). Quando esse *ordenamento*, ou *magnetismo anticomunista*, é naturalizado, fazendo a ideia de comunismo para o anticomunismo/ bolsonarismo se tornar parte do senso comum, conquistando a opinião pública na defesa do *status quo*, ele adquire uma das características das teorias e se torna o que a *ANT* chama de “caixa-preta”.

As teorias para Latour “são redes estáveis de associações [...] que devem ser rastreadas em práticas” (1999, p. 20). Rastrear em práticas significa dar exemplos históricos-empíricos dessas associações. Portanto, sendo o *magnetismo anticomunista* uma explicação teórica para o significado de comunismo para o bolsonarismo, faço esse rastreio nos quatro capítulos seguintes, com destaque para o capítulo 5, onde demonstro como minha explicação teórica se formou e como ela prosseguiu se desenvolvendo ao longo do tempo.

O *magnetismo semântico*, cujos efeitos são produzidos na etapa 3 do *ordenamento*, pode ser visto: (a) como um ponto de passagem obrigatória (*OPP*) pois filtra e transforma atores para que elas caibam nos padrões comportamentais e nos critérios objetivos do anticomunismo; (b) como ator-“dispositivo de tradução” alinhando interesses para estabilizar temporariamente o significado de comunismo e para desestabilizar redes opositoras; e (c) como ator-“quadro de referência instável e mutável” pois ele depende da composição do *status quo*

e do senso comum de cada época e, portanto, se redefine de acordo com as mudanças nestas composições. Suas alterações ocorrem provocadas por atores heterogêneos humanos e não-humanos como leis, valores, mídia, conceitos, valores, tecnologias, etc.

Essa rede de associações que é feita para formar a ideia de comunismo para o bolsonarismo sofre contingências e, portanto, pode falhar. No capítulo 3 demonstro o que causa essas falhas e como essa rede se comporta para se estabilizar novamente.

Para evitar generalizações e essencializações, em diversos momentos desta dissertação eu rastreio casos específicos de como essa rede faz associações e demonstro como o anticomunismo se comporta em seus diferentes tipos, e não como uma bloco único chamado “anticomunismo”.

O conceito de “infralinguagem” é contemplado na minha análise quando trago à baila o ângulo das fotos de comunistas foragidos publicadas nos jornais brasileiros e na seção do jornal onde os comunistas apareciam (ver capítulo 3). E o conceito de “ponto de passagem obrigatória” é contemplado para descrever o papel que o *magnetismo semântico* têm no *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista* (ver capítulo 3).

A dose de ineditismo contida no meu objeto é outro fator que faz a *ANT* ser um método apropriado, isso pode ser observado nesta passagem de Latour: “À sociologia da associação compete o novo, aquilo que não possui qualquer substância *a priori* e cuja existência precisa ser constantemente reafirmada para que possa continuar a existir. (2012, p. 14). A ideia de comunismo para os bolsonaristas não possui qualquer substância *a priori*, a única coisa *a priori* é a causa do seu surgimento. Chamo essa causa de *gérmen do anticomunismo*. É desse subconceito que são derivados os critérios de seleção que padronizam a ideia de comunismo para o bolsonarismo (ver capítulo 3).

As quatro etapas de tradução de Callon (1986) estão representadas no *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista* e suas representações são devidamente explanadas no final do capítulo 4.

1.3- Breve exposição das principais críticas feitas à *ANT*

Como efeito colateral da tentativa de ocupar uma posição conciliadora diante de um dos mais longevos conflitos da sociologia (agência *x* estrutura), muitas das críticas feitas à *ANT* vêm das vertentes sociológicas ligadas ao estruturalismo e são provocadas pelo fato de que a Teoria Ator-Rede não foi feita para pensar projetos políticos ou soluções para problemas sociais, mas sim para análises descritivas. Isso faria dela uma metodologia apolítica, segundo a visão de alguns desses críticos (Haraway, 1991 e Graeber, 2015).

Dentre eles estão o construtivista Pierre Bourdieu, o pós-colonial Arturo Escobar e outros. Eles defendem que a *ANT* ignora estruturas de poder como classe, raça e gênero ao tratar tudo simetricamente (Bourdieu & Wacquant, 1992) e que a *ANT* não oferece ferramentas para julgar injustiças (Sayer, 2011). Autores pós-coloniais, como Arturo Escobar, apontam que a Teoria Ator-Rede ignora saberes não ocidentais (2022, p. 91). Latour se defende argumentando que a *ANT* não é uma teoria, mas um método para rastrear associações, evitando generalizações prematuras (2005) e “sem cair no relativismo ingênuo nem no universalismo abstrato” (2020, p. 140). Diz também que a *ANT* explicita as redes de poder, mas não assume juízo prévio (2004). Annemarie Mol se soma na defesa afirmando que a *ANT* revela múltiplas realidades, por exemplo, ao mostrar que “doença” é diferente para médicos, pacientes e exames (Mol, 1999).

Em *Being Human: The Problem of Agency* (2000), Margaret Archer, defensora do realismo crítico, afirma que a *ANT* negligencia “a emergência de propriedades estruturais e poderes causais que não podem ser reduzidos a redes efêmeras” (2000, p. 112). Em resposta, Latour afirma que a *ANT* não nega estrutura, apenas as percebe como efeitos de redes estabilizadas e afirma que chamar de “estruturas” as associações mais longevas é uma questão de escolha e que não há problema; o problema é tomar isso um dado *a priori* ao invés de um resultado de associações (2012). Em outra crítica, Archer afirma que a *ANT* é empirista demais e acusa o corpo teórico de reduzir tudo a descrições, sem usar nenhuma teoria social (2000); dessa vez é Callon quem responde, afirmando que a *ANT* teoriza processos de tradução, não apenas os descreve (2009).

As críticas marxistas afirmam, dentre outras coisas, que a *ANT* ignora o capitalismo como sistema estrutural. David Harvey diz que ela falha em explicar a totalidade do capitalismo como sistema de exploração global (Harvey, 2008). Latour contra-argumenta dizendo que o capitalismo só existe por meio de micropráticas e não como uma entidade abstrata (Latour, 2005), e Law afirma que o próprio conceito de trabalho alienado depende de redes compostas por máquinas, documentos e normas (2004). A tréplica marxista vem em 2006 com o trabalho de Goran Therborn, o autor sustenta que a *ANT* segue sem explicar como certas redes, como as financeiras, dominam outras (2006).

Outro ponto criticado pelos marxistas é que a *ANT* é muito idealista ao tratar objetos como atores, causando a perda da noção da exploração humana (Callinicos, 2004). Callon responde dizendo que até a bolsa de valores depende de objetos e atores não-humanos, como softwares e gráficos, para funcionar (1986).

Nancy Fraser afirma que a *ANT* falha em denunciar injustiças sistêmicas (Fraser, 2020). A resposta para isso pode ser encontrada quando Latour afirma que a *ANT* não tem como objetivo prescrever soluções, mas sim expor as redes de dominação (Latour, 2004b). A mesma questão serve para responder a crítica de Chantal Mouffe ao dizer que a *ANT* não oferece nenhum projeto emancipatório (Mouffe, 2015).

Mesmo com todas estas discordâncias, o campo da ecologia traz alguns estudos que unem marxismo e a *ANT*. Dentre eles está o estudo de Jason W. Moore que combina o materialismo histórico e a agência não-humana para analisar como o capitalismo transforma ecossistemas. Ele propõe a formação de redes socioecológicas para mostrar como as plantações de cana no século XVI dependiam dos escravizados, do solo e das técnicas de irrigação; e como as crises ecológicas ocorrem quando essas redes são rompidas com o esgotamento de algum dos seus atores (2015). Esse tipo de conciliação entre o marxismo e a *ANT* ainda pode ser encontrada em Hecht (2018), no seu estudo sobre extrativismo na Amazônia, mostrando como leis, tratores e sementes são atores não-humanos nas redes do agronegócio; como toxinas e rejeitos têm agência na transformação de ecossistemas; e como documentos legais são atores não-humanos que habilitam o extrativismo.

De acordo com o que foi exposto, muitas das críticas vêm do fato de que a *ANT* não foi feita para pensar projetos políticos, mas sim para análises descritivas de como as redes funcionam. No entanto, a meu ver, nada impede que essa análise descritiva seja utilizada para pensar esses projetos ou para aprimorar teorias sociais.

Como disse no início deste capítulo, minha escolha por este método é feita estritamente devido à natureza do meu objeto. Não tenciono tomar parte em todas as discussões envolvidas na *ANT*, nem sustentar que se trata do melhor de todos os métodos sociológicos e que ele deva ser utilizado sempre, nem assinar embaixo de todas as provocações que Latour faz aos “sociólogos do social” (2012). Fazer qualquer posicionamento neste sentido está aquém desta dissertação e seria, portanto, uma irresponsabilidade. Portanto, a exposição dessas críticas não foi feita para sustentar que meu trabalho irá se esquivar de todas elas ou, muito menos, de que eu irei solucioná-las ou respondê-las. Como foi destacado anteriormente, eu não utilizo meu objeto para exibir a *ANT*, mas o contrário, utilizo a *ANT* para pesquisar meu objeto e começo a fazer isso a partir do próximo capítulo. Nele dou início à aplicação dessa metodologia adotando como ponto de partida da minha pesquisa a descrição das formulações feitas pelo bolsonarismo para definir o que é comunismo e quem é comunista.

Em seguida, respeitando a ideia da *ANT* de que “o social deve ser rastreado, não pressuposto” e de que o social “não é um tipo de coisa, mas um movimento de associações”

(Latour, 2005, p. 12); o capítulo 3 apresenta até onde a atitude de rastrear a ideia de comunismo para o bolsonarismo levou esta dissertação (Idade Média). Essa digressão histórica é feita respeitando o método *ANT* e serve para (a) demonstrar a abrangência do movimento de associações que formam a rede do meu objeto de pesquisa e (b) revelar a causa do anticomunismo.

CAPÍTULO 2 - DEFINIÇÕES DE COMUNISMO ORIUNDAS DO BOLSONARISMO

Como foi pontuado anteriormente, a percepção de que o bolsonarismo pode classificar qualquer coisa como comunista é notória entre aqueles que não fazem parte da extrema direita. A aleatoriedade na classificação aparenta ser tão predominante que este capítulo poderia ser resumido em: qualquer elemento estranho ao bolsonarismo está sujeito a ser classificado como comunismo. No entanto, como esta dissertação se propõe justamente a dar outra explicação para o anticomunismo bolsonarista, neste capítulo apresento algumas classificações feitas em diferentes camadas da extrema direita brasileira. Seguindo a metodologia *ANT* de devolver aos atores a capacidade de teorização, não irei apontar incoerências nos depoimentos, nem me aprofundar na apresentação de qualquer tipo de contra-argumentação. Portanto, neste capítulo irei me ater na exposição das elaborações para definir “comunismo” e “comunista” feitas pela amostra de bolsonaristas reunida aqui.

No primeiro subcapítulo, exponho definições feitas por apoiadores do bolsonarismo. Trata-se do compêndio de 10 entrevistas que fiz com bolsonaristas para o meu TCC em 2020, de uma breve entrevista de um bolsonarista do estado do Rio de Janeiro feita em 2022 para a agência de notícias AFP e de uma entrevista feita por mim em 2024 pelo *WhatsApp* com uma bolsonarista do Paraná.

No segundo subcapítulo apresento definições feitas por políticos bolsonaristas, dentre eles o ex-presidente Jair M. Bolsonaro. As outras manifestações são de cinco parlamentares de diferentes instâncias legislativas: o vereador de São Paulo (SP), Lucas Pavanato (PL-SP), o Deputado Estadual, Cristiano Caporezzo (PL-MG), o Deputado Federal Nikolas Ferreira (PL-MG), o Deputado Federal, Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e a Deputada Federal, Coronel Fernanda (PL-MG).

Por fim, no terceiro subcapítulo apresento definições de comunismo que podem ser encontradas em três mídias de extrema direita: Brasil Paralelo, Revista Oeste e Gazeta do Povo; sejam elas feitas em matérias assinadas por jornalistas ou em produções audiovisuais.

Escolhi tratar das formulações anticomunistas de Olavo de Carvalho (1947-2022), principal pensador da extrema direita brasileira, no capítulo 4. Essa escolha se deu para aproveitar a contextualização histórica que é feita ali.

2.1 - Apoiadores

Ao perguntar o que é comunismo para os 10 bolsonaristas entrevistados para o meu TCC em 2020⁵, os seguintes argumentos foram utilizados em suas respostas.

Quantidade de aparições do argumento	Comunismo é...
7	Submissão do povo
6	Falta de liberdade
4	Estado repressor/ Interesse próprio/ Corrupção/ Totalitarismo/ Ditadura/ Contra Deus/ Contra a religião/ Satanismo/ Paganismo/ Demoníaco/ Inferno.
3	Todos ficam pobres/ Povo na miséria/ Contra a propriedade.
2	Teoria diferente da prática/ Antinacionalismo/ Internacionalismo. Ideologia política/ Ideologia econômica/ Ideologia social/ Algo que não é bom/ Divide as pessoas.
1	Ruim para os empresários/ Não meritocrático/ Preconceito/ Quem não tem nada é chicoteado/ Movimento Político/ Ideia mirabolante/ Há vários comunismos/ Pedofilia/ Crime/ Maligno/ Tirania/ Causa da segunda guerra mundial/ Doutrinação/ Alienação/ Igualitarismo/ Nova ordem mundial/ Caos/ Antidemocrático/ Vacina da China/ Contra a família/ Ideal oposto ao capitalismo.

Gráfico nº1 - Argumentos utilizados pelos bolsonaristas em 2020 para definir o que é comunismo

Quando a pergunta era “quem seria um comunista?”, as seguintes definições foram mobilizadas em suas respostas

Quantidade de aparições	Quem seria um comunista?
3	Lula/ Dilma/ Fidel Castro/ Raúl Castro.
2	João Dória/ Manuela D’Ávila/ Guilherme Boulos/ Hugo Chávez/ Xi Jinping/ Socialistas.
1	Adolf Hitler/ Bruno Covas/ George Soros/ Papa Francisco/ Estudantes universitários/ Os revoltados/ Quem acredita que as pessoas valem o que têm/ Quem é da Nova Ordem Mundial/ Fernando Haddad/ Karl Marx/ Friedrich Engels/ Fernando Henrique Cardoso/ Che Guevara/ Nicolás Maduro/ Vladimir Lênin/ Josef Stalin/ Mao Tse-tung/ Nelson Mandela/ Cuba/ Venezuela/ Coreia do Norte/ Alberto Fernández/ Esquerda/ Jandira

⁵Para mais, ver: SOUZA, Lucas Assis. A ideia de comunismo para o bolsonarismo de whatsapp no Distrito Federal. 2020. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/28222>

	Feghali/ Vietnã/ José Dirceu.
--	-------------------------------

Gráfico nº2 - Definições utilizadas pelos bolsonaristas em 2020 para definir quem é comunista.

Como foi dito no capítulo 1, o que era comunismo para o bolsonarismo em 2020 pode já não ser a mesma coisa hoje. Portanto, as duas entrevistas a seguir servem para atender esta observação. A primeira foi feita no ano de 2022, para o canal de YouTube da agência global de notícias, AFP, cujo nome é “AFP Português”. A outra foi feita por mim no ano de 2024, pelo aplicativo *WhatsApp*, com uma bolsonarista do interior do Paraná.

A entrevista de 2022 ocorreu em Duque de Caxias - RJ, com uma participante de um comício eleitoral das campanhas daquele ano. A apoiadora de Bolsonaro, que aparenta estar na terceira idade, diz que “nos 16 anos desde quando (*pausa*) o comunismo, partido de esquerda, assumiu o Brasil, só veio decadência e falsa moralidade” (AFP Português, 2022, 0:42). Mesmo sendo uma definição curta, meu método a recebe. Defini-la como insuficiente ou inútil e, em seguida, descartá-la seria romper com a minha metodologia. Mesmo com sua curteza, é possível observar pelo menos quatro associações com atores não-humanos nesta definição (Partido dos Trabalhadores /PT, esquerda, decadência e falsa moralidade).

A entrevista de 2024 foi feita por mim com uma bolsonarista do interior do Paraná, dona de casa, de 54 anos. Sua identidade e informações pessoais serão preservadas. Entrei em contato com ela através de um grupo de repasse de notícias de extrema direita no aplicativo *WhatsApp*. Me identifiquei como estudante de mestrado em sociologia na UnB, disse que pesquisava o significado de comunismo e bolsonarismo para os brasileiros e expliquei que utilizava o aplicativo para conseguir entrevistar pessoas de todo o Brasil.

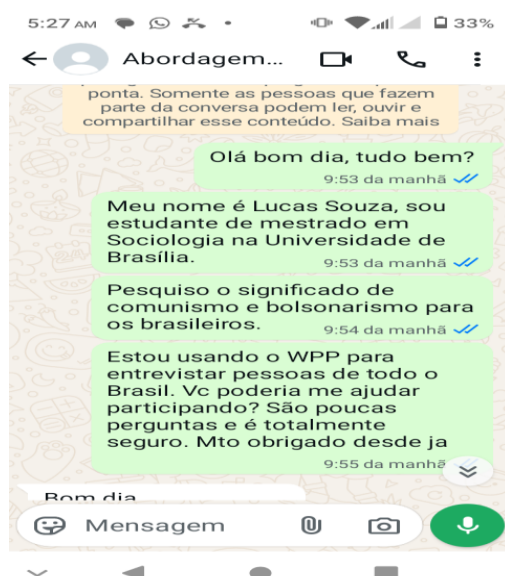


Imagem nº1 - Abordagem da entrevista de 2024

Quando indagada sobre o significado de comunismo para ela, a seguinte mensagem foi enviada para mim:

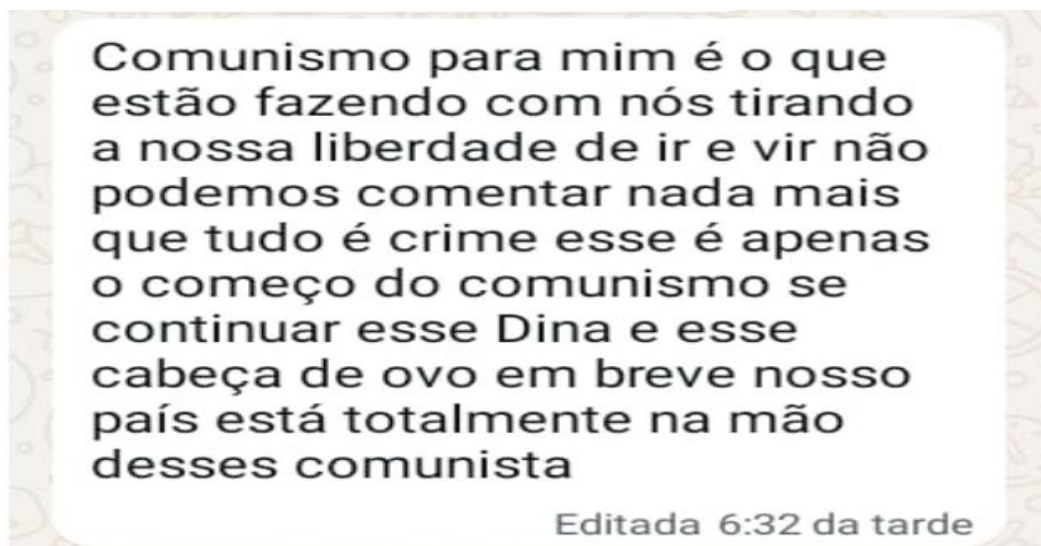


Imagem nº2 - Resposta de 2024 sobre o que é comunismo segundo uma bolsonarista do Paraná.

Quando indagada sobre quem seriam os comunistas, novos elementos surgiram em relação aos apresentados pelos bolsonaristas em 2020. Para ela, comunistas são “Dino, o Xandão e a corja deles todas(*sic*)”. Em seguida, me enviou um vídeo do canal de TikTok “@asideiax”, cujo conteúdo consiste na reprodução de um áudio acompanhado da exposição de slides com imagens de todos os atuais ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), do ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, do Procurador Geral da República, Paulo Gonet, da ex-ministra do STF, Rosa Weber, do coronel G. Dias, do Comandante do Exército do Brasil, General Tomás Ribeiro Paiva e dos símbolos da Globo e da Polícia Federal. Segundo ela, os “maiores comunistas estão aí nesse vídeo”. O áudio, cuja voz aparenta ser de Inteligência Artificial (IA), pragueja contra as figuras que ali surgiam com as seguintes palavras

Malditos sejam todos vocês! Irão pagar por cada lágrima que fizeram escorrer nos rostos do povo de bem desse país! Malditos sejam todos que compactuaram com esta tirania! Não têm o direito de destruir famílias e pessoas, somente por puro prazer de se sentirem Deus. O mal que irá destruí-los já está dentro de cada um de vocês. Cairão um por um e a dor será imensa e prolongada. Sabemos que não acreditam em Deus, mas irão sentir o peso da mão dele em suas miseráveis vidas.⁶

⁶ A conta no Tiktok onde o vídeo foi divulgado primeiramente não está mais disponível. No entanto, o mesmo vídeo pode ser encontrado na conta de instagram @amaraledvar em postagem do dia 5 de dezembro de 2024. Link para a postagem: <<https://www.instagram.com/amaraledvar/reel/DDNU70-PuVp/>>

A título de registro⁷, quando indagada sobre o que é bolsonarismo para ela, respondeu da seguinte forma: “O que é bolsonarismo para mim nada porque eu não sou bolsonarista eu sou da direita (*sic*) votei para o bolsonaro (*sic*) e se ele se candidatar voto novamente”. Depois, ao responder à pergunta sobre quem seria bolsonarista, formulou da seguinte maneira “O que o bolsonaro (*sic*) é para mim foi que é um dos melhores presidentes que o Brasil já teve só o (*sic*) fato de não ser ladrão e corrupto para mim já é o suficiente”. A entrevistada apresentou a avaliação pessoal dela de Jair Bolsonaro, e não do que seria um bolsonarista. Tentei instruí-la sobre a natureza da pergunta, mas não obtive mais resposta. Os erros de português e de pontuação que estão nas frases entre aspas ocorrem por serem a reprodução exata da maneira que a entrevistada escreveu suas mensagens, e estão sinalizados com “(*sic*)”.

2.2 - Políticos

A ideia de comunismo para o vereador de São Paulo (SP) Lucas Pavanato (PL-SP)

O vereador Lucas Pavanato elabora algumas definições de comunismo ao participar de debate com o filósofo marxista Gustavo Machado, realizado no podcast “Inteligência Limitada” em 25 de fevereiro de 2025 (Inteligência Ltda., 2025). Ao ser indagado pelo apresentador, no décimo quinto minuto do vídeo, se gostaria de ser classificado como liberal ou conservador, afirma que quer ser “apresentado como cristão, acho que é a melhor definição” e que têm afinidades com o liberalismo e conservadorismo, mas que “não fecha com nenhuma” dessas correntes e que “a única corrente de pensamento que fecho é com o cristianismo” (*Idem.*).

No minuto 27 do debate, Pavanato diz que o comunismo é uma ideologia mais genocida do que o nazismo. Faltando 6 minutos para completar a primeira hora do vídeo, o vereador afirma que

se o liberalismo é segura na mão de Deus e vai, no comunismo é segura na mão do próprio satanás, é o que acontece na prática. O inferno começa na terra. Ele não vai conseguir citar pra mim nenhuma experiência de socialismo bem sucedida, porque nunca aconteceu e nunca vai acontecer, é uma utopia impossível. (Inteligência Ltda., 2025, 54:00).

Com uma hora e onze minutos de início do debate, Pavanato afirma que quem defende o comunismo está em “posição moral inferior” em relação a quem defende o mesmo que o vereador, “pois defende uma ideologia genocida” (Inteligência Ltda., 2025). Diz ainda que o comunismo é ditadura, confisco de propriedade privada, morte de inocentes, e que isso é

⁷Enquanto fazer entrevistas ainda exercia protagonismo nesta pesquisa, uma das perguntas era sobre o significado de bolsonarismo para os entrevistados.

teorizado e é feito na prática. Vinte minutos depois, em 1:32:30 do vídeo, Pavanato afirma que “é da natureza do comunista matar. É da natureza do comunismo, para se perpetuar no poder, usar a violência” (*Idem.*).

Em uma hora e 58 minutos, Pavanato diz que é normal comunista não gostar de trabalhar. Com duas horas e 3 minutos, afirma que “União Soviética quando estava todo mundo passando fome em 1921 precisou de ajuda dos Estados Unidos, o malvado capitalista, então é sempre assim: o comunista ele quebra tudo e depois pede ajuda do mercado” (*Idem.*). Quando o vídeo marca duas horas e onze minutos, Pavanato diz que o socialismo pressupõe um sistema de governo que sempre deu errado. No minuto seguinte, afirma que a teoria do valor trabalho é necessária para justificar o discurso de exploração marxista.

Em diversos momentos, como nos 23 minutos da segunda hora de debate, Pavanato mantém a definição de comunismo e socialismo dentro do aspecto autoritário e ditatorial. Oito minutos depois, afirma que o socialismo pressupõe revolução, argumento que já havia repetido algumas vezes anteriormente (*Idem.*).

Com duas horas e 39 minutos de debate, ao criticar a postura a favor do aborto legal de Gustavo Machado, Pavanato diz que os comunistas sacrificam vidas em nome da ideologia, assim como a mulher mata o feto para se livrar do problema, os comunistas fazem o mesmo para se livrar dos seus problemas em nome da revolução. Diz que as pessoas, para os comunistas, são meios para um fim, da mesma forma que um bebê é para a mãe que aborta. Afirma que a vida para o comunista está em segundo plano e que para ele, Pavanato, não está. Segundo o vereador, isso mostra a diferença entre ele e o comunista Gustavo Machado (*Idem.*).

Existem diferenças que são legítimas, outras não! Um homem que legitima a morte não está no mesmo patamar do que eu. Eu tenho muitos defeitos, mas jamais defenderei esse absurdo. Você não, você moralmente defende uma ideologia inferior, uma ideologia que relativiza a vida humana, e por isso nos regimes que vocês defendem a morte predomina. Essas são as verdades. Por isso eu deixei essa pergunta por último (sobre o aborto), para mostrar quem é você! Em última instância, você é um homem que relativiza a verdade, um homem que relativiza a vida. Então se vão injetar veneno no coração de uma criança para ela ter um ataque cardíaco, se vão picotar ela em pedaços, não importa pra você. Porque o que importa é que a bonita, que foi irresponsável junto do seu parceiro irresponsável também, ela possa matar o próprio filho e se livrar do problema. Então, é muito legal terminar o debate e deixando claro quem é o comunista que veio debater comigo, um homem que não tem apreço nenhum pela vida.

(Inteligência Ltda., 2025, 2:41:07)

Com duas horas e 48 minutos de debate, Pavanato comemora o fato de Machado não ter mandato político, pois ele seria uma pessoa contra a vida e com poder (Inteligência Ltda., 2025). Diz que vai orar pela vida de Machado porque

A Bíblia ensina a orar pelos seus inimigos, e orar para que essas pessoas se conscientizem, que esse debate sirva para mostrar as inconsistências do pensamento dele, como ele é um cara que não está preocupado com a vida. Então um bebê totalmente formado (mostra boneco de feto), lá com suas 10 semanas, ele pode ser morto simplesmente porque uma pessoa foi irresponsável e pessoas defendem isso com a maior cara lavada, e acha que tá saindo bonito ainda, que tá saindo bonito na fita, da mesma forma que passa pano pra regime comunista que matou milhões. Então vocês veem que é sempre no sentido da morte que a ideologia dele aponta. Eu não, eu sou um defensor da vida. Então se você, assim como eu, acredita em um mundo mais livre, se você acredita na liberdade, se você acredita que a vida é importante, se você acha que sim, que nós temos que sim, defender valores e princípios, eu peço para que você me siga nas redes sociais. (Inteligência Ltda., 2025, 2:49:34)

Na sequência, Pavanato diz que está tentando fazer o melhor com seu mandato de vereador, sem relativizar a vida e os “os princípios que Jesus deu para mim” e retoma o assunto do aborto para rebater a crítica de Machado de que seus argumentos eram baseados em conceitos morais e religiosos (*Idem.*). Em 2 horas e 51 minutos, diz que “em nenhum momento utilizou argumento que fosse religioso”, que sua opinião não é de base religiosa, mas sim filosófica (*Idem.*).

A vida tem que ser defendida desde sua concepção. Por quê? Porque se você relativiza o estágio de desenvolvimento, se você diz que a partir de um determinado estágio a vida passa a ter valor, mas antes ela não tinha, você tá dizendo que seres humanos mais desenvolvidos têm mais valor e o mais frágil ele tem que ser descartado, independente se ele tá sentindo dor, independente das circunstâncias. Por quê? Porque você é utilitarista (olha para Machado), assim como todo marxista é utilitarista. Eles buscam a própria satisfação a despeito da moralidade. Eu sou um cristão. Então acima de ideologia eu não posso balizar ou admitir qualquer coisa que fuja dos meus princípios. (*Idem.*, 2:51:17)

A ideia de comunismo para o Deputado Estadual Cristiano Caporezzo (PL-MG)

Em debate no podcast Três Irmãos com o professor de História e YouTuber, Humberto Matos, Cristiano Caporezzo se apresenta como bolsonarista e passa o debate tecendo ataques ao comunismo (Podcast 3 Irmãos, 2025). Em certo momento, o deputado diz que o conceito de mais valia é na verdade a “expressão máxima da mentalidade de inveja dentro do pensamento socialista” (*Idem.*, 34:04) e cita o Livro Negro do Comunismo para dizer que o comunismo matou 100 milhões de pessoas no século XX (Podcast 3 Irmãos, 2025, 40:01). Quatro minutos depois, ele passa a citar a lista de mortos por países a que o livro se refere (*Idem.*, 44:33).

Depois, Caporezzo cita Gramsci para dizer o que seria para ele um dos desejos dos comunistas.

comunistas desejam a ocupação de espaços dentro do teatro político e cultural de uma maneira invisível. Gramsci fala inclusive de gases onipresentes, que você não consegue enxergar a realidade sem passar pelos valores da ideologia comunista. E o PT é a expressão máxima dessa força.

(*Idem.*, 48:01)

Na sequência, Caporezzo diz que comunistas como Humberto Matos

servem para sustentar o PT no poder. Porque o PT fala ‘eu não sou comunista, comunista é esse cara aqui’ e aponta para pessoas como ele. E de repente a população fala, ‘realmente, o PT não é comunista, comunista é esse defensor do comunismo, ou o Jones Manoel, esses caras são os comunistas’, mas quem aplicou Antonio Gramsci com sucesso foi o PT. Ninguém foi mais importante para o movimento comunista em toda a história da América Latina e [...] do hemisfério sul do que o Partido dos Trabalhadores.

(*Idem.*, 48:26)

No minuto seguinte do vídeo, Caporezzo prossegue dizendo que o PT foi o responsável

por aliar a maior democracia da América do Sul ao eixo China, Rússia e Irã. Ele teve uma segunda função, o Partido dos Trabalhadores, que é o fortalecimento continental do comunismo através do Foro de São Paulo. Perceba, eles são tão gramscistas que eles conseguiram ocultar as suas intenções, por mais de 16 anos o Foro de São Paulo existiu como uma iniciativa 100% comunista, liderada por Lula e Fidel Castro, e ele fala [aponta para Humberto] que o Lula não é comunista! Que a Dilma que esses dias estava tirando foto com cartaz de líder comunista de ditador, não é comunista. Mais do que isso. Historicamente, o comunismo sempre sugou os recursos do capitalismo. Não existiu na história do Brasil, transferência de dinheiro do povo brasileiro, centenas de bilhões de reais que foram encaminhados para diversas ditaduras socialistas ao redor do mundo. O PT construiu muitas obras; lá na Argentina, em Cuba, na Venezuela... tem aqui uma lista extensa de empréstimos do dinheiro do povo brasileiro para Cuba, Venezuela, Argentina, República Dominicana, Equador, Peru, Panamá, Moçambique, Nicarágua, Bolívia, Colômbia, Uruguai, Luanda... Pergunta pra ele [aponta para Humberto] se algum desses governos que o Brasil mandou dinheiro pra lá na época do PT não era de esquerda. (*Idem.*, 48:59)

Após igualar esquerda e comunismo no trecho acima, Caporezzo afirma que o PT é a instituição mais comunista e mais bem-sucedida da história do Brasil (*Idem.*, 50:20). Minutos depois, usa os mesmos adjetivos para descrever o Foro de São Paulo na história da América Latina (*Idem.*, 54:36).

O deputado estadual argumenta que se “você procurar a lógica no comunismo você nunca vai entender nada do comunismo, porque comunismo tem a ver com poder e não com economia e mercado” (*Idem.*, 1:05:41). E diz que o movimento comunista é um movimento extremamente complexo e repleto de vertentes, que para começar a entender ele é preciso saber que os comunistas não ligam em fazer alianças paradoxais para fazer alianças de poder, porque os comunistas não se incomodam com a incoerência (*Idem.*).

você nunca vai encontrar um comunista coerente. Mas se você observar o comunismo pelo aspecto de uma força política que quer agregar poder conforme um eixo de ação, de repente tudo vai ficar muito claro diante de você e você vai entender o comunismo. Só parece ser incoerente, mas na verdade têm método (*Idem.*, 1:06:31).

Aos 70 minutos de vídeo, Caporezzo diz que não existe comunista honesto e, três minutos depois, que o comunismo sempre é parasitário e que a URSS só cresceu parasitando os EUA (*Idem.*). Três minutos depois, afirma que

Aqui no Brasil o PT financiou o comunismo no mundo pelo BNDES. A única coisa que é parasitária em essência se chama comunismo, essas pessoas são parasitas, e não os capitalistas, que são pessoas que empreendem (*Idem.*, 1:13:21).

Aos 76 minutos de vídeo, Caporezzo diz que as classes que existem num país comunista são somente “pobre e o super-rico” e que os comunistas são os maiores defensores do super-rico “porque eles sugam o dinheiro dali, e eles querem manter o povo na pobreza porque o povo pobre é massa de manobra eleitoral” (*Idem.*, 1:16:10). No minuto seguinte, o Deputado Estadual afirma que nada que os comunistas falam é verdade, que vivem de retórica vazia, “tudo que eles defendem é para concentrar poder e com isso, verdadeiramente, impor os seus interesses, oprimindo a população” (*Idem.*, 1:17:24).

Com cerca de uma hora e trinta e um minutos de debate, Caporezzo segue dizendo que tudo que foi criado no comunismo é uma mentira, que não têm nada de bom no comunismo, que os comunistas são extremamente mau caráter, que vivem como verdadeiros parasitas da sociedade capitalista, que o comunismo é o regime mais genocida e assassino da história da humanidade, que “o caráter revolucionário mais essencial dos comunistas” (*Idem.*, 1:31:33) é a revolução perpétua e que todo comunista, com o poder nas mãos, não vai simplesmente abolir o Estado, mas fazer dele sua propriedade e “fazer a sociedade conforme a sua imagem e semelhança” (*Idem.*, 1:32:25).

Dez minutos depois, o deputado afirma que o comunismo ganha poder segregando a sociedade, colocando “pobre contra rico, branco contra preto” (*Idem.*, 1:41:00) e que enquanto no capitalismo as pessoas ficam com o fruto do seu trabalho, “no comunismo quem fica é o partido” (*Idem.*, 1:42:46). Por fim, com 110 minutos de vídeo, Caporezzo fecha sua participação dizendo que o comunismo é o “holocausto revolucionário” (*Idem.*, 1:51:08).

A ideia de comunismo para o Deputado Federal Nikolas Ferreira (PL-MG)

Nikolas Ferreira, em participação para o podcast “PodeCrer”, publicado no canal de YouTube “Fábio Lacerda, diz que o livro “O que você precisa saber para não ser um idiota”, de Olavo de Carvalho, foi sua indicação para um colega que o admirava e queria indicações do que ele deveria ler para ser como o Deputado (Lacerda, 2023).

Participando do programa “Pânico na Jovem Pan” em maio de 2021, ao ser perguntado pelo comentarista Samy Dana sobre um vídeo seu criticando o uso de máscara na pandemia e o comentarista afirmar que as máscaras ajudam, Nikolas diz que há uma cobrança desproporcional no uso de máscara, ele afirma “um cara falar ‘pô, você não usa você é um genocida’, pô, comunista chamar a gente de genocida é o cúmulo” (Pânico Jovem Pan, 2021, 3:28).

Em vídeo intitulado “NIKOLAS FERREIRA REVELA COMO O COMUNISMO ATUA DENTRO DAS FACULDADES - FABIO LACERDA PODCAST” publicado no canal do Youtube “Fabio Lacerda” no dia 7 de junho de 2023 — mas que se trata de um corte de vídeo originalmente publicado no canal Rede Super de Televisão em 31 de julho de 2021, intitulado “Nikolas Ferreira fala sobre a sua vida com Jesus e trabalho no meio político - #PODCRER - 14” — Nikolas Ferreira afirma que

O problema da universidade, pastor, não é o comunismo, é o anticomunismo, você não pode ser anticomunista. Você não pode falar que você é a favor da arma, você não pode falar que você é contra matar crianças no ventre, você não pode falar que você apoia o Bolsonaro (Lacerda, 2023, 2:20).

A seguir trato da participação de Nikolas no podcast “Inteligência Ltda.”, episódio 271, ocorrido no dia 20 de setembro de 2021 (Inteligência Ltda., 2021), cujo corte utilizado como amostra aqui foi publicado quatro dias depois no canal “Pura Beleza” com o título “NIKOLAS FERREIRA - O comunismo atingiu todos os setores - INTELIGÊNCIA LTDA #271”. Após dizer que mídia têm um poder muito grande nas pessoas, Nikolas afirma que a questão teórica de esquerda vem da noção de hegemonia cultural de Antonio Gramsci e diz que política significa influência. Os argumentos expostos a seguir serão utilizados novamente por Ferreira no podcast *Flow*, em 1 de dezembro de 2021 (História Cabeluda, 2021).

Ou seja, o que está te influenciando de fato é política. Então hoje a esquerda ela está em todo lugar. Ela já não é mais aquela coisa assim “ah foice e o martelo é de esquerda”, óbvio que é, mas ele não precisa se mostrar com um vermelho para ele poder ser de esquerda. Então pô, tu abre o Netflix, aí lá vai ter: depravação sexual, sexualidade precoce. Você abre a novela, têm adultério. E geralmente o cara mais galã da novela, o mais bonito, ele é adúltero. E aí o homossexual é o legalzão, é o cabelereiro, o gente boa, o piadista, e o crente é o chato. A mulher crente é a de coque com saia. Aí eu falo, pô, os caras tão fazendo o quê? Um genocídio cultural onde cristão é trouxa, idiota, quem é conservador é careta, “ah, você é jovem e quer esperar o casamento pra transar? Putz, você é um idiota. Mas aí, você mostra um artista qualquer que mostra o corpo dele igual um... aí é legal (Pura Beleza, 2021, 1:17).

Na sequência, Nikolas repete o argumento feito no vídeo publicado meses antes, de que o problema da universidade não é o comunismo, mas sim o anticomunismo. Após o

apresentador do podcast, Rogério Vilela, perguntar se Nikolas acredita que se trata de uma “lavagem cerebral”, ele diz que não, que o estudante de universidade que estiver assistindo ele sabe o que ele tá falando, porque quando

you chega lá you não pode ser anticomunista, o problema não é o comunismo, o problema é you não poder se colocar contrário. Então you chega na sala, you quer sofrer preconceito? Não fala que you é gay [...]. Fala que you é cristão. Fala assim: ah eu sou contra o aborto, “quê? You é contra o aborto, seu machista, o corpo é da mulher” e you, não, pera aí, o corpo não é dela, o corpo é dela [se corrige], mas o bebê ali não é dela. E aí you vai sentindo uma opressão cara, uma hostilidade muito grande. Ou seja, hoje o jovem conservador ele tá tendo a condição de falar o pensamento dele, mas até 10 anos isso não tinha, não tinha página de direita. Aí, essa que é a minha crítica aos caras. A esquerda tem tudo, Vilela, a esquerda tem tudo! A esquerda tem a produção artística, cultural, novela, televisão, Hollywood, têm a putaria toda! E a direita tem o quê? O que a direita tem? Nada. (Pura Beleza, 2021, 2:14)

Ao ser indagado sobre sua definição do que é ser um conservador, Nikolas afirma que faz parte de ser conservador ser contra mudanças drásticas e que não precisa necessariamente

conhecer teóricos porque o conservadorismo é natural. Então, não é igual Marx, que chega e tem uma cartilha, you tem que seguir, caso contrário, you não é comunista. Não, o conservadorismo é o que, eu tenho minha família, mantenho meus princípios, meus valores, meus limites, então assim, meu avô é conservador (Pura Beleza, 2021, 6:06)

E o apresentador do podcast completa: “sem nem saber o que é isso” (*Idem.*, 6:21). Nikolas segue dizendo que houve uma

propaganda muito grande para poder [...] colocar que tudo que é da direita é ruim e tudo da esquerda é bom. Isso é chamado de monopólio da virtude. Então, opa! sou de esquerda, tudo que eu defendo é bom, you é de direita, tudo o que you faz é ruim. (*Idem.*, 6:41)

Depois, o Deputado Federal cita um caso que, segundo ele, envolve o ator José de Abreu: “um jornal”, diante de um ato extremo e polêmico do ator, classificou Abreu como “bolsonarista de esquerda. [...] Colocaram tipo assim, o bolsonarista é algo horroroso, e já que ele é ruim, ele é um bolsonarista, mas de esquerda, não vai falar que ele é um extrema esquerda” (*Idem.*, 6:57).

Em primeiro de dezembro de 2021, participando do podcast *Flow*, Nikolas diz que a burrice ajudou o brasileiro a não ser de esquerda

Eu não sei quem que fala isso, mas eu boto fé que a burrice ajudou o brasileiro a não ser de esquerda porque ele não entende nem isso. Ele fala assim, ‘Marx? Que Marx mano, vá a merda’ tá ligado? mais-valia é o cacete, eu quero trabalhar. (História Cabeluda, 2021, 10:16)

Na sequência, um dos apresentadores, conhecido como “Monark”, concorda dizendo que “pior que isso é muito verdade, tá ligado? A nossa ignorância tá sendo um escudo divino”, Nikolas concorda “Deus têm propósitos em tudo cara” e diz que quando Deus foi criar o Brasil, botou o QI abaixo para proteger os brasileiros (História Cabeluda, 2021, 10:45).

Quando participou do podcast do canal de Youtube “Positivamente Podcast”, a apresentadora, Karina Bacchi, perguntou para Nikolas sobre o que combinava e o que não combinava com a palavra de Deus em relação a esquerda e a direita. O Deputado responde da seguinte forma

A direita e a esquerda são espectros políticos, então isso começa lá na Revolução Francesa, onde uns queriam manter o reino, outros queriam a revolução, mas hoje ficou, assim, vou utilizar estes termos porque fica mais genérico, fica mais fácil de explicar [...]. Para ser bem resumido, a direita ela estuda e ela trabalha por um governo menor e maior liberdade para o indivíduo, porque a totalidade das pessoas, ela é formada por cada indivíduo. Se você tira a individualidade você torna o ser humano uma massa, e essa massa perde a personalidade, essa massa perde a sua vontade, o seu direito, então você vira ali simplesmente uma massa, e é o que a esquerda geralmente quer. Então, mais Estado é o que a esquerda quer. [...] é você ter mais atividade do Estado na sua vida. Então, seja na regulamentação do seu trabalho, seja nas relações ali com a própria igreja. Hoje, por exemplo, você tem na China, na Coreia do Norte, os pastores ali fazendo o sermão, mas têm que enviar primeiro pra alguém do Partido Comunista pra dar um “ok” e depois ele pregar, caso contrário você não pode. Então, é um Estado muito grande. E todo mundo confunde um Estado muito grande com um Estado cuidador, o que é uma mentira. Por quê? Quem produz dinheiro, quem produz prosperidade, não é o Estado, é o trabalho. Então, quanto mais você percebe que onde têm mais Estado você tem menos liberdade. Então nos países, por exemplo, como Cuba, Coreia do Norte, você tem Camboja com Pol Pot, você tem a União Soviética, né? Passando ali pelos três ali, Stalin, Lenin... você percebe que o Estado ele toma um poder muito grande na vida da pessoa, e geralmente ele é acompanhado com a supressão da sua liberdade religiosa, por quê? Porque o Estado se torna Deus. Então, enquanto, por exemplo, a esquerda ela defende a liberdade individual da mulher na reprodução por exemplo, então ela defende o aborto, a direita ela defende a família, por quê? Sem a procriação você vai acabar com a humanidade, concorda comigo? (Bacchi diz “uhum” duas vezes) Por que a direita defende a família tradicional? Porque nós somos conservadores. O que isso quer dizer? Que nós somos retrógrados? Que a gente não quer avanço nenhum? Não. Mas é porque a gente quer conservar aquilo que é bom. Então, basicamente, você vai colocar, isso, uma régua na sua vida, e vai falar: a família tem dado certo? Muito embora tenha seus problemas, não é o homem perfeito, mas, têm dado certo? É a base da sociedade? Então nós vamos conservar. Casamento é algo que dá certo? A instituição casamento? Sim, então vamos manter. Divórcio é algo bom pra sociedade? Não, então isso aqui eu não quero. Matar uma criança dentro do ventre, é bom? Não, porque a mulher tem dez vezes mais propensão ao suicídio, de automutilação, de depressão, então eu não quero. (Bacchi sugere “vício, criminalidade”) Exatamente, a criminalidade, a questão das armas, os países que têm mais armas têm mais liberdade? Então isso aqui tá dando certo. Então, o que que (*sic*) acontece, você vai colocar uma regra para você, onde, a direita ela quer um Estado menor mas um Estado forte, a esquerda um Estado grande, inchado que atrapalha sua vida. E a melhor matéria prima para análise é o passado. O presente tá acontecendo, o futuro não aconteceu, então a única coisa que você consegue analisar é o passado, correto? Analisa. O que que (*sic*) aconteceu nos países de esquerda: perseguição aos cristãos, desarmamento, opressão, genocídio; os

verdadeiros genocidas são os comunistas e não nós que queremos sair de casa para trabalhar durante uma pandemia. (Positivamente Podcast, 2022, 0:26)

Em vídeo publicado em 15 de dezembro de 2023 em seu canal oficial no YouTube, intitulado ““Sou comunista, e daí?””, Ferreira afirma que “o comunismo não é simplesmente um gosto subjetivo de cada um, pelo contrário, é muito mais do que isso, tanto é que o próprio Lula, agradeceu por ter um comunista no STF” (Ferreira, 2023, 0:11). Depois utiliza trecho de Lula afirmando que toma as acusações de ser comunista como um elogio. Nikolas trata isso como prova de que Lula é comunista e emenda outro vídeo antigo do presidente ainda jovem, afirmando que deveria haver um socialismo vindo da cabeça do povo brasileiro. Em 2 minutos e 40 segundos, Nikolas afirma quais são os problemas de ser comunista e exibe argumentos sobre o “Holodomor”, cita a lista de 100 milhões de mortes dos regimes comunistas que é feita pelo Livro Negro do Comunismo, fala sobre o famoso vídeo de Che Guevara admitindo os fuzilamentos e mostra um vídeo de um padre falando sobre o livro “Arquipélago Gulag”, de Aleksandr Soljenítsin, que aborda as memórias de um ex-prisioneiro nos campos de trabalho forçado da União Soviética (*Idem.*). O padre fala sobre perseguições aos cristãos e repete a contagem de 100 milhões de mortos do Livro Negro do Comunismo e diz que esse número foi descoberto em documentos da KGB. Afirma também que os comunistas obrigavam padres a abençoar fezes e urina e que crucificavam pessoas por horas, depois colocavam a cruz no chão, passavam por cima da pessoa defecando e urinando, dizendo que Jesus tinha voltado (*Idem.*). Em seguida, Nikolas cita Olavo de Carvalho para definir que “o comunismo não é um grande ideal que se perverteu, mas uma perversão que se vendeu como um grande ideal” (*Idem.*, 5:30).

Nikolas prossegue indicando o livro “Torturado por amor a Cristo”, de Richard Wurmbrand, segundo o qual os comunistas teriam seduzido os cristãos com discursos sobre amor, mas depois eles eram torturados para denunciar outros cristãos para o regime comunista

Quando a esquerda chega na Romênia eles querem ganhar as pessoas com discurso de amor, parecido com algo não? E chuta qual foi a primeira classe de pessoas que eles conseguiram enganar. Sim, os cristãos. Uma embalagem de amor, mas escondia um conteúdo muito perigoso dentro, eles conseguiram enganar essas pessoas (Ferreira, 2023, 5:44)

Em seguida, em 6 minutos e 14 segundos, Nikolas pergunta ao espectador “você prefere acreditar nesse pastor que viveu o comunismo ou no relato dessa galerinha aqui? Você escolhe”, exibindo uma montagem com as fotos dos youtubers comunistas Gustavo Gaiofatto e Ian Neves, da política integrante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Manuela D’Ávila e

uma foto do atual ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Flávio Dino, usando um boné verde escuro com uma estrela vermelha.

Prossegue dizendo que “a melhor propaganda anticomunista é deixar um comunista falar” e passa a exibir corte da participação de Elias Jabbour no podcast “Inteligência Limitada”, onde Jabbour defende a pena de morte no processo revolucionário socialista (em 2025, Jabbour voltou ao podcast e disse que mudou de ideia). Após o fim do corte, Nikolas diz “e esse cara é assessor de quem? Da Dilma” (2023, 6:23).

Finaliza o vídeo com uma citação sem autoria: “O maior truque já realizado pelo diabo foi convencer o mundo de que ele não existe” (*Idem.*, 7:05), e questiona o espectador:

Agora você entendeu porque os comunistas querem que você ache que o comunista não passa de uma mera fantasia? Pois é. Geralmente o diabo não chega com um tridente vermelho. Vermelho até que chega. Mas, chega com uma foice e martelo e com o aspecto de amor. Não seja mais enganado. Comunismo mata e quem defende ele é cúmplice (Ferreira, 2023, 7:15)

No dia 16 de março de 2025, Nikolas participa com um discurso no ato bolsonarista em Copacabana, feito para clamar por anistia aos envolvidos no 8 de janeiro de 2023. O Deputado inicia pedindo “uma salva de palmas [...] para o homem que salvou o Brasil do comunismo: presidente Jair Messias Bolsonaro, o meu, o seu e o nosso presidente” (CS News 28, 2025, 0:32). Finaliza seu discurso dizendo em alto tom que

esse país não é país de ministro do STF, esse país não é país da esquerda, esse país é dos brasileiros, esse país é de vocês de verde e amarelo que amam a nossa nação, não desistam, não parem, não lutam (*sic*) porque o Brasil é nosso. Que Deus abençoe vocês. (2025, 4:50)

Em 8 de abril de 2025, mesmo não sendo membro do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar da Câmara dos Deputados, Nikolas discursou na reunião que aprovou o parecer do relator dep. Paulo Magalhães (PSD-BA) favorável à cassação do mandato do Deputado Federal Glauber Braga (PSOL-RJ)⁸. Nikolas disse que os parlamentares de esquerda estão se fazendo de santos e que vai lembrar quem são esses parlamentares: “Vocês fazem parte de um partido da foice e o martelo que matou cristãos. Vocês fazem parte de um partido que recebeu Nicolás Maduro, ditador”, o plenário reage com vaias e contestações, Nikolas retoma “[...] comunista não merece nenhum pinga de pacificação com vocês sabe por quê? Se fosse o contrário...” e é interrompido pelas deputadas federais do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Sâmia Bomfim (SP): “nazista muito menos”; Talíria Petroni (RJ): “e fascista,

⁸Aqui apresento a contra-argumentação feita por outros parlamentares presentes visando contextualizar as falas de Ferreira.

merece?"; e pela deputada Jandira Feghali (PCdoB-RJ): "lava a boca pra falar do comunismo, lava a sua boca" (Terra Brasil, 2025, 1:38). Ferreira retoma

Eu vou lembrar quem vocês são, vocês são de um partido que exalta Lenin, que exalta Stalin [...]. Vocês literalmente são aqueles que defendem Stalin que matou milhões de pessoas na União Soviética! Comunista é aquele que passa, que passa...(2020, 2:28)

E é interrompido por Sâmia Bomfim (PSOL-SP), "que derrotou os nazistas na Segunda Guerra Mundial, por isso que você não gosta de comunista". Ferreira ironiza, "é isso aí, eu sei que ouvir é difícil, vocês não têm o costume de ouvir, é isso aí." Em seguida, é interrompido por Chico Alencar (PSOL-RJ), "pega a história do nazismo, vocês não conhecem a ascensão do nazismo? É igual a de vocês e do Trump, o Musk tá lá fazendo sinal do nazismo", após pausa para pedido de ordem de outros parlamentares e do presidente do Conselho, Ferreira prossegue "Eles não conseguem, eles não conseguem ouvir, é de praxe, não têm problema. [...] Provem o meu ponto. O primeiro ponto, é o seguinte, mais uma vez vou retomar quem vocês são, vocês são aqueles" que tiram "uma foto com Cesare Battisti" (*Idem.*, 2:57)

A esquerda é a mesma que defende Hugo Chávez. [...] a esquerda é a mesma [...] que exalta Che Guevara que matou e fuzilou homossexuais e quem disse isso foi o próprio Fidel Castro na Folha de São Paulo. Pesquisa e depois me conta. A esquerda é a mesmíssima que apoiou a ditadura de Nicolás Maduro e recebeu eles aqui de tapete vermelho e que passa tanques de guerra em cima de pessoas. Ou seja, é difícil lembrar quem vocês são. Tudo o que vocês podem acusar de mim é absolutamente factóides, agora, eu tenho de fato que acusar vocês e lembrar quem vocês são. Ou seja, neste momento aqui agora, senhor presidente, é um ótimo momento de mostrar que a esquerda, se possível, ela teria sim, na época do regime militar, colocado e feito uma ditadura [...] do proletariado como Fernando Gabeira disse, a própria esquerda disse isso. Eles tão me chamando aqui de fascista, duvido saber escrever fascismo. Não sabem! [...] Achei digno (*sic*) a posição do Glauber de fazer a greve de fome, tá dando exemplo do que é o comunismo, parabéns, não deixa só a população de esquerda passar fome mas ele também. [...] Vocês não assumem o B.O. daquilo que vocês defendem. Quer exaltar foice e martelo, tudo bem. Vocês então coloquem na conta de vocês as mortes. Eu preciso lembrar isso, porque o comunista é inacreditável. Na hora que ele tá desfavorecido ele vira um anjinho, amigos, olha só, falando baixo, pedindo piedade, "não vota para cassar não", se fosse a gente, amigos, como vocês tratariam? Ou seja, [...] vocês estão sendo hipócritas. [...] Vocês defendem José Dirceu que foi o mentor do maior escândalo de corrupção da história no nosso país. Vocês defendem o Partido que é responsável por quebrar nossas estatais, por destruir moralmente esse país, ou seja, vocês não aguentam ouvir a verdade.[...] A grande questão é: o Brasil vai ver esse vídeo e vai saber quem vocês são: comunista não merece o apaziguamento, comunista é genocida, comunista defende a morte de seus opositores, comunista não tem pacificação com cristãos, já perseguiram e mataram diversos, seja na Polônia, seja na Ucrânia, seja na União Soviética, seja em (*sic*) Pol Pot lá em Camboja, seja aqui perto de nós, ou seja, isso que vocês são. (*Idem.*, 3:57)

Projeto de lei para proibir o comunismo feito pelo Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP).

Em 2016, o Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) apresentou o Projeto de Lei nº5358/2016 (ver Anexo nº1) propondo a inclusão do comunismo e seus símbolos (foice e martelo) como incremento à lei que proíbe a apologia ao nazismo e às suas simbologias. Também propõe alterações para incluir o “fomento ao embate de classes sociais” como um dos crimes previstos nas leis de combate ao racismo e ao terrorismo (Brasil, 2016, p. 1).

Na justificativa do projeto, o deputado faz algumas definições de comunismo e de comunistas. Eduardo inicia seu texto apontando as 100 milhões de mortes do Livro Negro do Comunismo. Afirma que “agremiações de diversas matizes, defendem esse nefasto regime, mascarando as reais faces do terror em ideais de igualdade entre as classes sociais”, que os comunistas estão mandando suas mensagens de maneira “subliminar” por meio de “textos jornalísticos”, de “falsas expressões culturais”, da “doutrinação escolar” e das “atuações político-partidárias” que sempre se dizem em busca da justiça social (Brasil, 2016, p. 3).

Prossegue afirmando que os adeptos do comunismo já fizeram “toda a sorte de barbáries contra agentes do Estado” que tentaram impedir “sua causa”. Segundo o Deputado, nas décadas de 60 e 70 “grupos criminosos justificaram inúmeros atos terroristas por, em tese, se oporem ao chamado regime militar” e que esses grupos diziam que lutavam por democracia, mas, na verdade, queriam “implantar a ‘ditadura do proletariado’”. Depois, ataca dizendo que “a mentira é o oxigênio desses canalhas travestidos de idealistas do bem comum” (*Idem.*).

Segundo Eduardo, os comunistas distorcem a realidade e manipulam o “inconsciente coletivo” ao vender o comunismo como perfeito e promover “a satanização de tudo que a ele se contraponha”. Cita países que fizeram a criminalização da ideologia, “Polônia, Ucrânia, Lituânia, Geórgia e Moldávia” e passa a traçar um histórico do comunismo e do anticomunismo no Brasil a partir da revolta de militares comunistas em 1935. Prossegue o histórico dizendo que em 1952 “o Deputado Humberto Moura (UDN/CE) propôs a criação da Medalha de Mérito anticomunista por meio do Projeto de Lei nº 1.857” e que, no mesmo ano, o Deputado Dario de Barros (PTN/SP) propôs o Projeto de Resolução nº 163 “para criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar [...] a amplitude da penetração comunista no País e alertava que os órgãos mais representativos da imprensa sistematicamente chamavam a atenção” para a ameaça de um levante comunista. Em seguida, Eduardo ressalta que as ações comunistas não se restringem a “assaltos [...], sequestros, explosões e mortes de todo tipo”, mas também “se ramificaram nos meios acadêmicos, jornalísticos, sindicais, políticos e artísticos” (Brasil, 2016, p. 4).

Depois, Eduardo faz referência ao Projeto de Lei nº 3.016 que o Deputado Mendes de Moraes (PSP/DF) apresentou em 1961 para reprimir a propaganda comunista e, em seguida,

destaca que o deputado usava como justificativa a Revolução Cubana e a “influência e ajuda ostensiva da U.R.S.S. e da China” no Brasil e nas Américas (*Idem.*).

Afirma que muitos que defendem “as premissas comunistas são, de fato, pessoas bem-intencionadas, mas os que estão à frente desse levante não” são e “usam da mentira para iludir e manipular a boa-fé de inocentes úteis ao seu projeto de poder”. No parágrafo seguinte, Eduardo trata professores, meios de comunicação e artistas como agentes dessa “manipulação da boa-fé”.

Quantos jovens já não se encantaram pelo discurso apaixonado do “professor” de história e entregaram seu vigor engajando-se na defesa de uma sociedade mais justa? Quantos já não se questionaram do papel das Forças Armadas no cumprimento de seu dever constitucional, em passado próximo, ao lerem as matérias atuais de alguns meios de comunicação? Quantos já não se comoveram ao verem seu ídolo, artista, músico, apresentador relatando o terror da tortura? (Brasil, 2016, p. 4)

Progride dizendo que “não cabe defesa à tortura” para, em seguida, de certa forma amenizar, justificar ou relativizar a tortura, dizendo que se ela ocorreu não foi antes do terrorismo e que o “Estado brasileiro teve de usar seus recursos para fazer frente a grupos que não admitiam a ordem vigente e, sob esse argumento, implantaram o terror no país” (*Idem.*).

Posteriormente, Eduardo afirma que a eleição de Dilma Rousseff como presidente se deve à carência de aperfeiçoamentos que a democracia brasileira tem e acabou por permitir o comunismo a se estabelecer “formalmente” no Brasil. Segundo o deputado, Dilma é “egressa de grupos” terroristas e, como seu antecessor, usou “o recurso da mentira” para iludir e manipular a população (Brasil, 2016, p. 5).

Equipara “Fidel Castro, Che Guevara, Carlos Lamarca, Carlos Marighella, dentre outros facínoras sanguinários” ao condenado por tortura, Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, ao dizer que os comunistas defendem os primeiros e “se escandalizam com referências” ao segundo. Em seguida, numa espécie de justificativa, o deputado escreve que Ustra “atuou no DOI-CODE, órgão oficial do Estado de repressão ao terrorismo, em 1970. Em 1969, Marighella publicou seu ‘Manual de Guerrilha’, que ensinava como matar, roubar, sequestrar, praticar atentados contra militares” (Brasil, 2016, p. 5) e afirma que

É hora de dar um basta. O Comunismo é tão nefasto quanto o Nazismo e, se já reconhecemos em nosso ordenamento jurídico a objeção ao segundo, devemos também fazê-lo em relação ao primeiro. (Brasil, 2016, p. 5)

Em seguida, argumenta que “não existe liberdade de imprensa, opiniões, religiões e até mesmo de ir e vir” nos países comunistas. Por fim, afirma que o Projeto de Lei em questão tem

por finalidade dar um basta na manipulação mentirosa perpetrada há anos por políticos profissionais que iludem pessoas bem-intencionadas e distorcem fatos históricos, ocultando o que verdadeiramente está por trás das falácias comunistas, onde seus regimes mataram milhões de inocentes e promoveram incontáveis atentados. Nesse sentido (o projeto de lei) traz a discussão do parlamento tema de alta relevância, calado pela “ditadura do politicamente correto”, mas que deve ser debatido para que a verdade liberte nossa sociedade e nos conduza para a ordem e o progresso (Brasil, 2016, p. 6)

Projetos de lei para criminalizar o comunismo feitos pela Deputada Federal Coronel Fernanda (PL-MG)

Em 2023, sete anos após Eduardo Bolsonaro fazer sua proposta de criminalização do comunismo, a então recém-eleita deputada federal Coronel Fernanda (PL-MG), apresenta dois Projetos de Lei no mesmo dia, o PL nº446/23 (Anexo nº2) e o PL nº447/23 (Anexo nº3). Assim como o projeto de Eduardo, o primeiro projeto da Coronel Fernanda altera a lei antirracismo. No entanto, enquanto o deputado paulista adiciona o comunismo ao parágrafo que criminaliza a apologia ao nazismo, o projeto de Fernanda substitui o nazismo pelo comunismo; descriminalizando o primeiro e, ao mesmo tempo, criminalizando o segundo.

A deputada inicia o texto de justificativa do Projeto se referindo ao número de “cem milhões” de mortes causadas pelo comunismo (Brasil, 2023, p. 2). Como o restante desse texto será basicamente o mesmo utilizado no projeto de Eduardo Bolsonaro e o mesmo utilizado no segundo projeto da deputada, irei abordar somente a justificativa do último projeto (Brasil, 2023b) da Coronel Fernanda.

O Projeto de Lei nº 447/23 (Brasil, 2023b) propõe a vedação da criação de partidos políticos cujos quais a “identidade, ideologia e história no mundo demonstre que a sua finalidade é implantar um regime antidemocrático, como o nazismo e o comunismo/socialismo, dentre outros” (*Idem.* p. 1 e Anexo nº3).

A Deputada trata o comunismo como contrário ao Estado Democrático de Direito, reafirma a contagem de 100 milhões de mortos e fala sobre o fim de direitos individuais em países comunistas ou socialistas. Assim como no projeto anterior, dedica alguns parágrafos para descrever o site do *Global Museum on Communism*, utilizando praticamente o mesmo texto do PL nº446/2023.

Os criadores do site afirmam que o museu serve como símbolo de esperança e lugar necessário para lembrança em tempos em que muitos estão esquecendo o alto preço que o comunismo cobra como a detenção da população e do resto do mundo livre. Educando sobre os horrores do passado e apontando os perigos atuais, o Museu Global do Comunismo/socialismo assegura que “nunca novamente as nações e pessoas permitirão que uma tirania aterrorize o mundo” (Brasil, 2023b, p. 3)

Em seguida, diz que “os crimes do comunismo/socialismo merecem e devem ser expostos assim como foram e continuam sendo expostas as atrocidades do nazismo” (*Idem.* p. 4). Afirma que o “comunismo/socialismo atenta contra a dignidade da pessoa humana, contra a liberdade, contra a vida e contra o Estado Democrático de Direito” (*Idem.*, p. 4) e que, por isso, as proibições ao nazismo deveriam se estender ao comunismo, pois os crimes do comunismo foram ainda maiores do que o “nacional-socialismo de Adolf Hitler. Ou seja, matou e mata mais do que qualquer outra ideologia, foi e é ainda mais genocida, do que o nazismo” (*Idem.*, p. 5).

Segue aproximando comunismo e nazismo e fala que embora o genocídio não esteja no cerne do comunismo como está no nazismo, ambos devem ser tratados iguais. Pois assim como o nazismo,

O comunismo/socialismo marxista também é uma utopia, mas de outra natureza. Busca a superação do capitalismo e a construção de uma sociedade em que a maioria proletária da população dá as cartas. Isso pressupõe a destruição da sociedade burguesa, e a máxima de que: “**os fins justificam os meios**”. A revolução do proletariado pressupõe a desapropriação, o emprego da força e a eliminação de adversários. No comunismo/socialismo, portanto, os fins justificam os meios violentos, dentre eles o extermínio. No nazismo, o extermínio é a própria finalidade, portanto, ambos praticam o extermínio, não importando a finalidade. (*Idem.*, grifos da deputada)

Ainda estabelecendo essa aproximação entre os dois extremos do espectro político, a deputada cita um debate entre “o jornalista e acadêmico Anatol Lieven” e a “historiadora Anne Applebaum”. Fernanda diz que Applebaum aponta um traço em comum entre nazismo e comunismo: “ambas valeram-se da retórica da desumanização de seus inimigos para que eles pudessem ser perseguidos e dizimados em grande escala” e compara Che Guevara a Josef Mengele, como dois “assassinos frios [...] dispostos a matar em nome de suas ideologias” (*Idem.*, p. 6).

A ideia de comunismo para o ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro.

Em 18 de julho de 2019, o canal no YouTube “Poder 360” publicou vídeo sobre a visita de Jair Bolsonaro aos EUA. Em jantar na residência oficial do embaixador do Brasil em Washington, ao lado de Olavo de Carvalho e Ernesto Araújo, Bolsonaro diz que sempre sonhou “em libertar o Brasil da ideologia nefasta de esquerda” (Poder 360, 2019, 1:11). Em seguida, diz que Olavo de Carvalho é sua maior inspiração para isso (2019, 1:20), diz que ele é o maior responsável pela revolução “que estamos vivendo” (2019, 1:34) e prossegue para afirmar que

O Brasil não é um terreno aberto onde nós pretendemos construir coisas para o nosso povo, nós temos que desconstruir muita coisa, desfazer muita coisa, para depois nós começarmos a fazer. Que eu sirva para que pelo menos eu possa ser um ponto de inflexão, já estou muito feliz. O nosso Brasil caminhava para um socialismo, para o comunismo, e quis a vontade de Deus, entendo dessa maneira, que dois milagres aconteceram, um é a vida, o outro é a eleição. (Poder360, 2019, 1:39)

Em pronunciamento oficial para Rádio e Tv em 7 de setembro de 2020, Bolsonaro se coloca como crítico ao nazismo, fascismo e comunismo (Uol, 2020). Diz que na Segunda Guerra Mundial a Força Expedicionária Brasileira (FEB)

foi à Europa para ajudar o mundo a derrotar o fascismo e o nazismo. Nos anos 60, quando a sombra do comunismo nos ameaçou, milhões de brasileiros, identificados com os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas, foram às ruas contra um país tomado pela radicalização ideológica, greves, desordem social e corrupção generalizada. O sangue dos brasileiros sempre foi derramado por liberdade. Vencemos ontem, estamos vencendo hoje e venceremos sempre. (UOL, 2020, 1:25)

Neste pronunciamento, Bolsonaro traça uma linha histórica de lutas no Brasil que, segundo ele, fazem parte da conquista e manutenção da independência brasileira (Uol, 2020). Como observar-se na citação acima, ao se referir a década de 60, Bolsonaro cita o comunismo como um dos elementos dos quais o Brasil teve que superar para seguir independente.

Em 31 de maio de 2022, Bolsonaro participa do aniversário da cidade de Jataí, Goiás. O evento também é tido como inauguração da “1ª etapa do Complexo Esportivo JK”. O então presidente diz que seu governo

é radicalmente contra o aborto! É contra a ideologia de gênero! É contra o comunismo! É um governo que é temente a Deus acima de tudo. Dizer a todos vocês de Goiás: somos um povo livre e tudo faremos para que esse povo continue livre apesar da tentativa de alguns de quer mudar o nosso regime. O nosso regime é o democrático, amamos a liberdade acima de tudo e o nosso Deus acima de todos. [...] Somos do mesmo sangue, temos no coração as mesmas cores verde e amarela da nossa bandeira. E eu quero terminar com uma passagem bíblica: ‘Nada temeis, nem mesmo a morte, a não ser a morte eterna!’ Brasil acima de tudo, Deus acima de Todos. (UOL, 2022, 5:36)

Em 16 de julho de 2022, Bolsonaro compareceu à Santa Missa de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Lá faz pronunciamento dizendo que ora a Deus para que “o nosso povo, vocês brasileiros, não experimentem as dores do comunismo” (Portal Uai, 2022, 0:43) e é aplaudido e ovacionado em seguida. Dois meses depois, em uma missa em Brasília, realizada em 6 de setembro de 2022, Bolsonaro lê em conjunto com os fiéis um pronunciamento feito em linguagem de oração, usando a conjugação verbal imperativa, onde a frase “Afastai para longe de nós a peste do comunismo e toda ideologia nefasta que atenta contra todos e (inaudível) mandamentos” (Poder 360, 2022, 1:39) provoca aplausos e ovações dos fiéis. A

mesma reação acontece em outras frases semelhantes que não citam o comunismo diretamente, como “Afastai com a força da Santa Cruz todos os poderes inimigos que ameaçam o povo brasileiro” (2022, 2:34).

Em 7 de setembro de 2022, Bolsonaro participou de missa em paróquia militar na região central de Brasília. Acompanhado de ministros de Estado e da primeira-dama, Bolsonaro novamente cita a prática de pedir em oração que o povo brasileiro “não experimente as dores do comunismo” (Jovem Pan, 2022, online).

Em pronunciamento feito em manifestação do dia 13 de setembro de 2022, Bolsonaro diz que agradece a Deus

a missão que Ele me mandou de me colocar na Presidência da República. Temos o mal pela frente. O capeta pela frente que quer impor o comunismo no nosso Brasil. Uma pessoa que foi liderança mundial em corrupção. Uma pessoa que nada deixou de bom para o nosso país. [...] Um ex-presidente que nunca respeitou a família brasileira. (Jovem Pan, 2022b, 0:03)

Em Duque de Caxias, outubro de 2022, Bolsonaro diz mais uma vez que pede a Deus para que o povo brasileiro “não experimente as dores do comunismo, olhe os nossos irmãos Venezuelanos, o país mais rico do mundo em petróleo e o povo mais pobre que o povo haitiano” (AFP Português, 2022, 0:25).

Em pronunciamento feito nas redes sociais enquanto ainda era presidente, Bolsonaro equipara o comunismo ao nazismo:

A ideologia nazista deve ser repudiada de forma irrestrita e permanente, sem ressalvas que permitam seu florescimento, assim como toda e QUALQUER ideologia totalitária que coloque em risco os direitos fundamentais dos povos e dos indivíduos, como direito à vida e à liberdade [...] É de nosso desejo, inclusive, que outras organizações que promovem ideologias que pregam o antissemitismo, a divisão de pessoas em raças ou classes, e que também dizimaram milhões de inocentes ao redor do mundo, como o Comunismo, sejam alcançadas e combatidas por nossas leis (UOL, 2022b, 0:15)

Em ato evangélico em São Paulo realizado em 6 de agosto de 2022, Bolsonaro diz novamente que reza para que o povo brasileiro “não experimente as dores do comunismo” (UOL, 2022c, 1:02) após comparar o Brasil com outros países latinos, como Argentina, Chile e Colômbia, que tinham governos de esquerda ou tidos como tais, e diz que os problemas que esses países passam se devem às escolhas que seus povos fizeram, escolhas que foram feitas deixando de lado a razão.

Devemos comparar o Brasil, por exemplo, com um país que é o mais rico em petróleo do mundo, que é a Venezuela. Comparar o que aquele povo está sofrendo, o que ele está passando. Nos olhar, olharmos também para outros países da América do Sul, como a Argentina, o Chile e agora a Colômbia. Para onde os países estão vindo (*sic*)

e porquê. A resposta é muito simples: nós somos escravos das nossas decisões. Decisões erradas ou feitas com o coração, com emoção, deixando de lado a razão, o sofrimento pode se abater em todos nós. Então, eu só peço a Deus uma coisa que aconteça em nosso país. Primeiro, uma rotina que eu tenho como hábito: todo dia levantar, rezar o pai nosso e pedir a Deus que o nosso povo não experimente as dores do comunismo (UOL, 2022c, 0:01).

Antes do início de debate realizado pela Band News e UOL, o então advogado de Jair Bolsonaro, Frederico Wassef, diz que Bolsonaro se referia ao comunismo no episódio do qual o então presidente havia dito que “tinha pintado um clima” (UOL, 2022d) entre ele e venezuelanas menores de idade

Eu sou advogado do Presidente da República e posso garantir uma vez mais que o presidente Bolsonaro está sendo vítima de *fake news*, de distorção da verdade e da realidade. O que o presidente Bolsonaro falou de forma clara e transparente é sobre o grande mal que é o comunismo. O que que (*sic*) está acontecendo hoje? A Venezuela, a população além de ser assassinada pelo ditador comunista, ditador esse que é apoiado pelo PT, pelo outro candidato, gerou pobreza, miséria, sofrimento e desgraça, que é o fruto do comunismo em todos os países do planeta terra onde se instalou desde a Segunda Guerra Mundial. Então hoje nós temos milhões de venezuelanos atravessando a fronteira e vindo pedir socorro ao Brasil. E aí o presidente narra sobre esse mal, o comunismo, a realidade do comunismo no presente na América Latina, Argentina, Venezuela (UOL, 2022d, 0:29)

Em seguida, o jornalista da UOL, Diego Sarza, o interpela:

- Mas isso ficou claro. O que não ficou claro foi o uso da expressão “pintar um clima” em relação às adolescentes.
- O que ele falou do clima é muito claro, gente, é o clima da questão do comunismo! Do mal presente hoje do comunismo e ele fala, inclusive, daquelas garotas que são vítimas! Eu vi essa fala. É muito claro, não há como distorcer! Ele está ali denunciando um grave crime, de garotas que sofreram crimes, que foram violentadas nesse trajeto e que muitas, infelizmente, são obrigadas a partir para aquele outro caminho para tentar ganhar a vida e ter o que comer, e ele faz um alerta do mal que é o comunismo. Olha aqui pra Argentina aqui do lado, acabou de quebrar, o pessoal passando necessidade, fugindo para o Brasil. (*Idem.*, 1:21)

Conforme prints de matéria da Revista Oeste assinada por Sarah Peres (2024), em 1º de agosto de 2024, Bolsonaro afirmou em sua conta no Twitter que os “progressistas ‘odeiam o cristianismo’” ao comentar a notícia de que a campeã olímpica Rayssa Leal poderia ser punida por ter usado a linguagem de Libras para transmitir uma mensagem religiosa durante transmissão de evento oficial. Segundo Bolsonaro, o ódio ao cristianismo “não ocorre ‘porque ele ofende grupos minoritários, pois não ofende’, mas por causa do ‘sistema de valores que este último ensina, um grande obstáculo ao avanço do comunismo’” (Peres, 2024, online). E continua

Com a destruição dos valores ocidentais, da família, do que nos une, do que nos faz perdoar, do que nos faz buscar sempre evoluir, nos transformamos em seres meramente de carne, sem alma, sem reação, sem espírito, desleixado, sem fê, de fácil

controle físico e mental, então nos tornam massas de manobra fabricadas pelo sistema e gratos pelas migalhas que lhe devolvem depois de lhe roubarem absolutamente tudo, principalmente o que te valoriza e te põe de pé todos os dias (Peres, 2024, online)

O ex-presidente prossegue dizendo que é por estes motivos que o cristianismo foi “mortalmente perseguido em todos os regimes comunistas do século XX e ainda é no século XXI”. A Revista Oeste continua sua reportagem sobre o pronunciamento de Bolsonaro afirmando que o ex-presidente disse que “essa perseguição ocorreu em cada momento com ‘uma roupagem diferente’, mas com o mesmo objetivo, o de ‘controle absoluto’” (*Idem.*) e cita Coreia do Norte, Venezuela e Nicarágua como exemplos. Finaliza com um ataque aos “tradicionais veículos de desinformação”:

A história e o que seus olhos veem não mentem como os tradicionais veículos de desinformação pagos com seu dinheiro. Por fim, estão ajudando a completar o ciclo, censura-se a internet para facilitar a conquista do fim desejado por esta gente. (Peres, 2024, online)

Por fim, nas eleições municipais de 2024, dia 22 de outubro, Bolsonaro participou de culto evangélico junto com o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e o prefeito da capital paulista, Ricardo Nunes (MDB). Novamente, Bolsonaro repete que reza diariamente para que o “povo não sofra as dores do comunismo” (Revista Oeste, 2024, online).

2.3 - Mídia

Brasil Paralelo

“Brasil Paralelo” é uma produtora de *streaming* de conteúdo revisionista. De caráter privado, costuma afirmar em suas propagandas que se recusa a receber investimento público. Além de conteúdo audiovisual, a plataforma da empresa também oferece cursos e seu *site* oficial publica notícias e artigos sobre diversos assuntos. Em um desses artigos, intitulado “Entenda o que é comunismo e quais foram suas principais consequências”, publicado em 20 de março de 2024 e assinado como “Redação Brasil Paralelo”, a afirmação de que Karl Marx e Friederich Engels nunca provaram suas teorias, seja de maneira “arqueológica” ou “historiográfica”, é repetida ao longo do texto. Em certa altura, a “redação” da mídia propõe uma síntese das principais ideias de Karl Marx que é feita em quatro sentenças:

Em síntese, as principais ideias de Karl Marx são:

- Instituição de uma sociedade igualitária, ou seja, sem subordinação a classes superiores.
- Fim da propriedade privada e do capitalismo.

-Fim da religião e dos conceitos morais clássicos, buscando instaurar um Paraíso amoral na Terra, afirma o PhD em História Andrei Znameski, que viveu parte da sua vida na União Soviética.
-Fim da família, levando os bebês a serem criados por toda a sociedade (Brasil Paralelo, 2024, online)

No artigo o negrito é usado para destacar a seguinte frase: “os maiores genocídios da história ocorreram em governos comunistas” e prossegue fazendo referência a sempre presente lista das 100 milhões de mortes, levantada pelo contestado Livro Negro do Comunismo. Ao tratar do materialismo histórico-dialético, a Brasil Paralelo afirma que este conceito marxista, de influência hegeliana, têm os seguintes desdobramentos

Defendendo a materialidade de tudo, os valores morais se reduzem à materialidade também, **importando sobretudo os bens econômicos**. Não há respeito à dignidade única de cada pessoa, sua liberdade, vida e escolhas. O comunismo seria um paraíso terrestre, uma sociedade idealizada. **Em prol de um futuro idealizado, sacrifica-se o presente.** (*Idem.*, grifos do autor)

O artigo prossegue dizendo que “é intrínseco ao comunismo ser contra a família e a religião” e que não existem coisas como livre mercado, liberdade e direitos básicos nos países que hoje se dizem comunistas ou socialistas. Finaliza o artigo com publicidade da sua série anticomunista intitulada “A história do comunismo”, da qual trato a seguir.

A série — cuja trilha de abertura é uma música anticomunista sobre a queda do muro de Berlim, cuja tradução é legendada somente no final do último episódio — é composta por seis episódios, sendo os três últimos exclusivos para assinantes da Brasil Paralelo: 1- “O Marxismo de Marx”; 2- “Sonho de Lenin”; 3- “Pesadelo de Stalin”; 4- “Ilha de Cuba”; 5- “A Cortina do Leste Europeu”; e 6- “China, na sombra do Partido”. A direção é de Henrique Viana.

Os episódios são acompanhados por trilhas sonoras tensas, típicas de filmes de terror. A paleta de cores se mantém em tons escuros, sobretudo vermelho e preto, e o uso da sombra é constante. As dublagens dos episódios disponíveis no YouTube também conservam um tom tenso.

O primeiro episódio inicia com o narrador desenvolvendo ideias sob a ótica maniqueísta do bem e do mal, que revoluções muitas vezes são tentativas de fazer o bem através do mal. Embora seja sabido que o comunismo marxista têm como objetivo uma sociedade sem classes e sem Estado que seria alcançada através de forte intervenção estatal comandada pelo proletariado, um dos poucos entrevistados brasileiros da série — talvez o único, trata-se do mestrando em filosofia na Universidade de São Paulo (USP), Bruno Fontana, apresentado como “especialista em idealismo alemão” — afirma no minuto 27 do primeiro episódio que o

último estágio da dialética para Karl Marx seria o “Estado comunista” (Viana, 2024, episódio 1).

No minuto 34 do mesmo episódio, a teoria econômica de Marx é classificada como uma teoria de exploração, em seguida Marx é tratado como um “reacionário” que quer voltar para a autarquia. Quando o episódio passa a falar do Manifesto Comunista, a trilha de terror aumenta. Por volta dos 50 minutos do episódio, o comunismo é classificado como uma “religião laica” e como um “substituto à religião” (*Idem.*).

No segundo episódio, por volta dos 19 minutos, um dos entrevistados, Ronald Suny, afirma que “Lênin foi o maior traidor de classe da história”, devido à origem “nobre” do líder soviético (Viana, 2024, episódio 2). No terceiro episódio, Stalin e Lenin são aproximados reiteradamente, ambos são classificados como “dois assassinos e intelectuais” e os erros do segundo são tidos como de responsabilidade do primeiro. Aos 41 minutos, um dos entrevistados diz que uma pessoa que analisa os atos da Revolução Bolchevique levando em conta o contexto histórico e político dela está tentando “desculpar” o que os revolucionários fizeram. O episódio finaliza responsabilizando Cuba pela “Crise dos mísseis” (Viana, 2024, episódio 3).

O episódio de número quatro trata da Revolução Cubana. Os revolucionários são relacionados com o terrorismo. O Estado de Bem-estar Social que foi instalado na revolução é tido como fruto dos investimentos da URSS e sem vínculo com a economia doméstica cubana. Um dos entrevistados afirma que o governo revolucionário de Cuba compartilhou características com a URSS, como a burocracia, o controle cultural, o exílio de opositores, a economia planificada e o partido único. A nacionalização dos setores econômicos também é ressaltada durante este episódio (Viana, 2024, episódio 4).

O penúltimo episódio aborda o comunismo no leste europeu e a queda do muro de Berlim. Em certo momento, um dos entrevistados, ao se referir à Stalin, afirma que a principal figura do marxismo-leninismo era um assassino sociopata. A desilusão e o desencantamento são tratados como importantes na história do comunismo, pois é devido a estes dois sentimentos no povo que o comunismo não foi destruído pela OTAN, mas sim pelas ideias, e que muitas dessas ideias foram formuladas por comunistas dissidentes (Viana, 2024, episódio 5).

O último episódio trata da China. Ao contrário da chamada feita no episódio anterior, destacando a pungência econômica da China atual, a maior parte do episódio trata das medidas econômicas equivocadas que foram adotadas durante o governo de Mao Tsé-Tung e da Revolução Cultural implementada pelo mesmo. O início do episódio faz um paralelo entre a

queima de livros na perseguição contra o confucionismo, ocorrida 200 anos antes de Cristo na China, com o comunismo chinês atual (Viana, 2024, episódio 6).

Ao falar sobre o número de mortos na fome chinesa, os entrevistados apontam números diferentes. Um deles diz não ser possível saber com exatidão o número certo e, na sequência, repete o número levantado pelo Livro Negro do Comunismo, “50 ou 60 milhões”. O entrevistado seguinte, Stephan Smith, diz que o número certo seria 30 milhões e Frank Dikotter diz que na verdade seriam 45 milhões (*Idem*).

Neste episódio as perseguições políticas do stalinismo são novamente referenciadas, dessa vez como comparação ao maoísmo. Dikotter afirma que no comunismo o que importa é a prática e não a teoria, que a ideia de “os fins justificam os meios” é uma prática clássica dos comunistas e que a história do comunismo é “a história de um expurgo atrás do outro” (*Idem*).

Sobre a família, o episódio afirma que o controle das crianças pelo Estado é uma característica do comunismo chinês e que este queria destruir os laços familiares. Após quase dez minutos de falas de duas chinesas anticomunistas, o documentário passa a afirmar que, do governo Nixon ao governo Obama, os EUA investiram cerca de 500 bilhões de dólares na China após a abertura do seu mercado. Na sequência, exibe uma contagem de tempo até 2018 com uma montagem mostrando o desenvolvimento das cidades chinesas (*Idem*).

Ao final do último episódio, a edição do Brasil Paralelo pergunta aos diversos entrevistados estrangeiros se existiu “algum regime comunista de acordo com os escritos de Marx”. Exceto por um entrevistado que disse “muito pouco”, todos afirmam que não, para depois fazer ressalvas de que Marx pouco falou sobre como uma sociedade comunista deveria ser. Um dos entrevistados, Andrey Znamensky, afirma que cada vez que algum regime marxista comete um erro, os marxistas afirmam que algo que Marx dizia não foi respeitado. Victor Sebestyen diz que o comunismo não deu certo por causa da magnitude dos seus objetivos, outro entrevistado diz que foi por causa da natureza humana. Norman Naimark afirma que o marxismo não pode se tornar real e que, onde ele foi tentado, resultou em menos liberdade para as pessoas. Por fim, são mobilizadas ideias de que o comunismo envolve saber torturar, que todas suas experiências tiveram “matanças massivas e opressão” e que se Marx voltasse hoje iria dizer “trabalhadores de todo o mundo, perdoai-nos” (*Idem*).

Revista Oeste

Em artigo publicado no dia 25 de fevereiro de 2024 na seção “cultura” da Revista Oeste, intitulado “Comunismo e nazismo, filhos do mesmo útero” (Alves, 2024), o autor Pedro Henrique Alves diz que

Tais ideologias atuam em frentes distintas, mas, em suma, podemos dizer que elas destroem a capacidade analítica e crítica dos indivíduos, massificam suas respostas e ações e, por fim, conduzem como rebanho os seus adeptos a uma ilusão política tentadora, uma agenda prometida de ordem e felicidade plena, onde os males são esgotados e uma planificação de perfeição é criada por uma força política reguladora (Alves, 2024, online)

Em seguida, diz que “a ideologia substitui, assim, a religião” ao prometer “por meio da política” que se todos servirem sem contestações a “agenda” ideológica, “a sociedade perfeita pode ser alcançada[...]” (Alves, 2024, online). Alves cita Eric Voegelin e Alain Besançon como autores que demonstram as proximidades entre comunismo e nazismo (Alves, 2024).

O mesmo autor, em artigo intitulado “O livro esquecido de 1891 que previu o desastre do comunismo” (Alves, 2024b), de 18 de maio de 2024, afirma que décadas antes da Revolução Russa o jornalista e político alemão Eugene Richter conseguiu prever “os principais elementos de uma sociedade comunista” em seu livro distópico “Cenas de um futuro socialista” (Alves, 2024b, online). A base dessa obra de literatura, segundo Alves, seria “o drama da desintegração da vida familiar e individual sob o regime vermelho e o desencanto seguido de um remorso daqueles que apoiaram a revolução comunista num primeiro instante”. Na obra em questão, o “igualitarismo econômico” seria produtor do empobrecimento, do desinteresse e da “vadiagem profissional”, como as pessoas não teriam mais estímulo financeiro, o trabalho iria “se adequar ao pior padrão de serviço possível” (*Idem.*). Segundo Alves, Richter também faz críticas às supressões de liberdades individuais que seriam fruto da “expansão da sanha estatal de controle social”, para Alves, este é “um dos *insights* mais fenomenais da obra” (*Idem.*).

Alves não deixa de tecer críticas ao livro de Richter. Para ele, o autor alemão acreditar que nessa sociedade comunista ainda haveria um Parlamento com “liberdade de oposição aberta contra o governo” é

contraditório com o ambiente que o próprio autor deu à sociedade que ele descreve. [...] como um Estado desses permitiria um Parlamento livre com partido oposicionista e críticas abertas ao poder vigente? Acredito que aqui tenha faltado coerência estrutural à obra [...]. Apesar desse deslize de roteiro [...] o livro manteve os contornos de uma boa obra distópica. (*Idem.*)

Para o jornalista, o livro distópico prova que “nem sempre precisamos provar uma determinada política para notar sua ineficácia e malefício” e, sendo assim, estas políticas devem ser combatidas “antes da eclosão de seus ovos [...]. Quantos alemães que viveram no canto oriental não gostariam que os alertas de Richter tivessem sido levados a sério pelos políticos e burocratas que, em 1949, aceitaram ser o brinquedinho dos soviéticos?” (*Idem.*). O autor finaliza o artigo defendendo as distopias como análises da sociedade, “o único espaço onde

podemos aplicar um ‘futurismo’ frutífero sem maltratar a liberdade alheia e ainda ofertar uma crítica proveitosa a determinadas ideias, e [...] ao poder vigente” (*Idem.*)

As falas de autoridades criticando o comunismo costumam ser repercutidas pela Revista Oeste. Por exemplo, em artigo publicado no dia 6 de agosto de 2024, intitulado “Milei condena vandalismo em mansão de Messi: ‘o comunismo é alimentado pela inveja’” (Díaz, 2024) e assinado por Rachel Díaz, as críticas do presidente argentino Javier Mile aos ativistas ambientais que picharam a fachada da casa do jogador de futebol argentino, Lionel Messi, ganham destaque. Na ocasião, Milei disse que o comunismo “é uma ideologia fomentada pela inveja, ódio e ressentimento em relação aos bem-sucedidos” (Díaz, 2024, online). Da mesma maneira, ganhou repercussão na revista a afirmação do ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ), João Otávio de Noronha, de que o Estado retirar a criança de sua mãe biológica para colocar num abrigo “é comunismo”, pois sendo “o Estado quem decide para onde vai a criança” e não a sua mãe, que não “pode destinar o filho a quem ela entende confiar”, o Estado estaria mandando na pessoa e isso seria “um das principais políticas que atentam contra a democracia e contra o Estado de liberdade” (Grizafis, 2024, online).

O jornalista Pedro Henrique Alves aparenta ser o nome da Revista Oeste quando se trata de anticomunismo. As ideias que costumeiramente são mobilizadas por ele giram em torno de forçar uma aproximação entre o comunismo e o nazismo, de apresentar o comunismo como um candidato a ocupar o lugar religioso que o catolicismo exerce nas sociedades ocidentais e de mostrar a “mentalidade progressista dos revolucionários” como produtora de um dos “episódios mais bizarros de desumanismos (*sic*) presenciados até então”. Em certo momento, Alves chega a dizer que hoje em dia “ser de esquerda é quase sinônimo de submissão intelectual” (Alves, 2024c, online).

Em matéria de 9 de janeiro de 2025, assinada pela alcunha “Força do Agro” e intitulada “Caso contra a família Bettim é exemplo de comunismo no Brasil”, a Revista Oeste faz uma velha manobra do anticomunismo brasileiro: a de associar reformas sociais ao comunismo. Como o título da matéria sugere, a mídia afirma que a notificação de reintegração de posse feita pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em desfavor de propriedade da família Bettim, seria um ato comunista. “Por meio do INCRA, o Poder Executivo federal tenta arrancar a propriedade da família”. O INCRA alega que a propriedade em questão é improdutiva, a Revista Oeste contesta sem apresentar provas na matéria, mas finaliza chamando o eleitor para assistir o programa no YouTube com o mesmo nome da assinatura da matéria, “Força do Agro” (Revista Oeste, 2025, online).

Gazeta do Povo

Para representar o posicionamento da Gazeta do Povo, foram escolhidas as opiniões do colunista Luís Ernesto Lacombe, da comentarista Cristina Graeml e outras posições do veículo de informação assinadas, sob a alcunha de “Da Redação”.

Em busca da palavra “comunismo” no mecanismo de pesquisa do site da Gazeta do Povo, destacam-se textos envolvendo comparações entre comunismo e nazismo e, na maioria das vezes, tornando-os equivalentes.

Após a participação da comunista Manuela D’Ávila no programa Roda Viva da TV Cultura, a Gazeta do Povo publicou a matéria “31 textos sobre o comunismo que Manuela D’Ávila não conseguiu explicar” assinado por “Da Redação” (Gazeta do Povo, 2018). Trata-se de um compêndio de publicações da mídia que se referem ao comunismo, cujos quais Manuela D’Ávila, segundo a revista, não teria refutado durante sua entrevista no Roda Viva. Já no primeiro parágrafo do texto, a Gazeta afirma que o comunismo fracassou econômica e politicamente, mas foi bem sucedido culturalmente em alguns países “e ainda avança pelo mundo através de filtros politicamente corretos”. Além disso, o comunismo comporia os “regimes e ditaduras que colocaram” em prática ideias que tiveram “efeitos deletérios” (2018, online).

As publicações que a revista arrola neste texto tratam das acusações de que o comunismo teria provocado dezenas de milhões de vítimas e que existem mitos sobre a suposta grandeza do comunismo que teimam em não desaparecer. Também dizem que os antirracistas não devem se aliar ao socialismo e que a ditadura cubana fez campos de concentração, fuzilou e prendeu arbitrariamente, perseguiu homossexuais, aumentou a pobreza e retirou a liberdade de expressão. Além disso, observam-se afirmações de que George Soros financia a esquerda pelo mundo, que Xi Jinping abusa da propaganda na China, que o marxismo é o ópio dos intelectuais, que nada de bom vem do comunismo, que não há nada de ecológico no socialismo e que há censura no regime socialista cubano e na China (*Idem.*).

Em reportagem da *Foundation For Economic Education*, assinada por Marian L. Tupy e republicada pela Gazeta do Povo em 7 de dezembro de 2017, é dito que “os movimentos modernos de justiça racial, como o Black Lives Matter, aderem à premissa historicamente falsa de que o socialismo é antirracista” (Gazeta do Povo, 2017, online).

Em vídeo do canal “Gazeta do Povo - Extras”, intitulado “O comunismo petista de Lula 3 - Cristina Graeml - SEM RODEIOS”, publicado em 14 de março de 2024, Cristina Graeml diz que há três formas de comunismo sendo implementadas no Brasil pelo governo Lula atual.

Uma delas seria via gestão de Paulo Pimenta⁹ na Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, cortando verbas das rádios e TVs que não falassem o que o governo quer. Infelizmente, o corte do vídeo termina sem a comentarista dizer quais seriam as outras duas formas, e esta pesquisa não foi capaz de encontrar o restante da fala.

Em coluna de opinião assinada por Benjamin Powell em 21 de dezembro de 2017, a manchete do texto sugere que a preferência pelo socialismo que ocorreria na geração Y, segundo pesquisa, seria devido à falta de conhecimento de história (Powell, 2017).

Por fim, Ernesto Lacombe, em vídeo publicado em seu canal no dia em 24 de agosto de 2023, faz leitura de uma coluna feita para a Gazeta do Povo e intitulada como “Javalis, comunistas e socialistas”. Nela, o jornalista estabelece uma equivalência entre os javalis e os “comunistas e socialistas”. O contexto da publicação refere-se ao debate sobre a autorização da caça de Javalis (O Globo, 2023). A citação abaixo está sem minutagem pois trata-se da íntegra da fala de Lacombe.

Javali, javaporco, cateto, queixada, eles ganharam proteção. Quem os protege não faz a toa. Há tanta identificação entre esses grupos, os de quatro patas e os de duas. Vejamos. Por onde passam eles destroem tudo. Não respeitam propriedade privada, não respeitam propriedade alguma. “O agronegócio é fascista” dizem os que caminham eretos. Os de quatro patas, grandes presas, dentes afiados, partem para a destruição direta das lavouras, não gostam de teorias, entregam-se à prática, são todos selvagens, agressivos, raivosos, violentos, impróprios, inoportunos. Os de duas patas ainda falam em controlar os meios de produção. Mas como os javalis e seus assemelhados, entregam-se mesmo aos meios de destruição. Vivem de sugar o trabalho dos outros, os de quatro patas por instinto, os de duas patas por instinto, por inveja, egoísmo, preguiça, incompetência, maldade, mau-caratismo. Os dois grupos são uma ameaça a quem verdadeiramente impulsiona o Brasil. E vão além. São uma ameaça aos ecossistemas naturais. Os de quatro patas devastam vegetação nativa, destroem nascentes e margens de rios. Os de duas patas fingem que protegem o meio ambiente e há tolos que acreditam nisso, apesar das provas em contrário. Os javalis comem de tudo, ovos de pássaros, filhotes de outros animais, ovelhas, até carniça. Seus protetores talvez se declarem veganos, comedores de insetos. Eles têm apetite voraz, são uma praga, atacam em bandos. Os javalis não se inspiram em ídolos, seus protetores sim, sempre gente que reúne o pior da espécie humana, de todas as espécies, Che Guevara, por exemplo, também conhecido como chanchó, ou seja, porco. Os dois grupos são mesmo dados à porquice e são vetores de muitas doenças. Os javalis, toxoplasmose, leptospirose, hepatite, salmonela[...]. Os de duas patas propagam tirania, autoritarismo, prepotência, burocracia, injustiça, pobreza, desonestidade, dissimulação, mentira, sordidez, fúria. Os javalis dão prejuízo aos milhões, mas, protegidos pelos que gostam dos prejuízos aos milhões, vão dobrar a meta a toda hora. São grupos perigosíssimos, javalis, os comunistas e os socialistas. Os animais feitos homens. Os homens feitos animais. Porcos e homens, enfim, unidos para chafurdar. Os personagens de George Orwell: major porco, porco bola de neve, porco garganta, porco napoleão, Stalin, Trotsky, Lenin, Mao, Xi, Fidel, Chávez, Maduro, Ortega, Lula. Os animais mais iguais do que outros. É tudo ruim. Não há mais evolução, há revolução. A revolução dos bichos. As criaturas de fora, olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco, e de um porco para um

⁹Paulo Pimenta é deputado federal desde 2003 pelo PT. Ocupou o cargo de ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República de janeiro de 2023 a janeiro de 2025.

homem outra vez. Mas já se tornara impossível distinguir quem era homem e quem era porco. (Lacombe, 2023, online)

Finalizo aqui a exposição da ideia de comunismo para o bolsonarismo feita por diversos atores. A seguir passo a rastrear e a descrever como essa ideia se forma e se organiza no que eu chamo de *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista*.

CAPÍTULO 3 - MAGNETISMO ANTICOMUNISTA

Antes de mais nada, preciso fazer uma consideração para que o texto que vem a seguir não soe como uma transgressão grave ao método *ANT*. Embora o processo de pesquisa deste trabalho tenha seguido passo a passo as teorizações feitas pelos atores, escolhi fazer a exposição do resultado desse processo lento antecipando suas conclusões antes de demonstrar o caminho percorrido até elas. Faço isso por motivos de síntese e para que eu não tenha que retomar todas as associações históricas novamente para embasar a minha explicação teórica sobre a ideia de comunismo para o bolsonarismo.

Portanto, após deixar os atores falarem livremente no capítulo anterior sobre suas definições de comunismo, é possível, à primeira vista e sem julgamentos morais ou científicos, descrever suas falas como mobilizadoras de argumentos que colidem com valores caros ao senso comum brasileiro.

Com essa breve descrição, intencionalmente rasa por motivos metodológicos expostos no capítulo 1, passo a rastrear suas definições com a história do anticomunismo por meio de fontes históricas como Motta (2020) e Darcy Ribeiro (2015). Veremos que a aparente aleatoriedade para definir o que é comunismo e quem é comunista não é exclusividade do anticomunismo bolsonarista e que a minha proposta teórica para explicar o funcionamento do meu objeto vai contra essa interpretação de completa aleatoriedade.

3.1 - *Magnetismo semântico* e os parâmetros da sua *dinâmica*: as três primeiras etapas do ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista

A primeira referência que apresento trata-se da tese central de Motta: a “existência de uma tradição anticomunista arraigada no Brasil, disponível para novas apropriações” (2020, p. 310). É da análise do anticomunismo como uma tradição que proponho sua origem no tradicionalismo, e é sobre como ocorrem essas “novas apropriações” que apresento o subconceito de *dinâmica semântica do magnetismo*. Desses dois pontos brota a minha proposta para explicar as complexidades do anticomunismo. Na Introdução da sua obra, Motta fala dessa complexidade, mas afirma que não pretende abordá-la pois trata-se de uma tarefa que merece um olhar mais cuidadoso (2020). É justamente este “olhar mais cuidadoso” que esta dissertação propõe fazer. O historiador relata da seguinte maneira as diversas interpretações de anticomunismo que ocorrem devido a essa complexidade:

[...] não raro encontramos apreciações superficiais e, às vezes, parciais do anticomunismo, apresentado ora como mera conspiração imperialista, ora como

simples ‘fantasma’ manipulado pela burguesia dominante, ora como rele manifestation de irracionalismo e fanatismo. De fato, tais aspectos são elemento importante para a compreensão do fenômeno anticomunista e não podem ser esquecidos. Mas são facetas de uma realidade complexa que demanda um olhar mais cuidadoso. Parte das referências tende a realçar a instrumentalização do anticomunismo, manipulado por forças imperialistas ou grupos nacionais (muitas vezes atuando em cooperação), visando a outros objetivos que não o combate aos comunistas. Com efeito, a “ameaça comunista” serviu como pretexto para justificar golpes autoritários, reprimir movimentos populares, garantir interesses imperialistas ameaçados pelas campanhas nacionalistas, ou seja, manter inalterado o *status quo*. (Motta, 2020, p. 18)

A interpretação que apresento reúne um pouco de cada fator levantado acima, com destaque para a última frase: “manter inalterado o *status quo*”. Considerando o poder econômico e o poder político como duas tipificações do *status quo*, o anticomunismo, a meu ver, pode ser usado na manutenção da ordem vigente de três maneiras diferentes: ele pode ser utilizado 1- para a defesa do *status quo* político contra integrantes do *status quo* econômico; 2- para a defesa do *status quo* econômico contra o *status quo* político, ou 3- para a defesa do *status quo* econômico por meio do *status quo* político. Por exemplo, o primeiro uso ocorreu em 2021, quando o então governador de São Paulo, João Dória (integrante do *status quo* econômico), foi chamado de comunista pelo bolsonarismo (*status quo* político) por ter adotado medidas de distanciamento social na pandemia de COVID-19 e por ter negociado a compra de vacinas chinesas (Barbosa *et al.*, 2021). O segundo uso ocorre quando grupos de esquerda ocupam o poder (*status quo* político) e o terceiro quando o *status quo* econômico usa o anticomunismo para mobilizar os aparelhos estatais (*status quo* político) contra as forças tidas como “comunistas”.

Além da aparência de que a ideia de comunismo para o bolsonarismo segue uma aleatoriedade irracional onde qualquer coisa pode ser classificada como comunismo ou comunista (Motta, 2020, p.166), atualmente também é compartilhada por alguns a percepção de que todos que se voltarem contra o bolsonarismo acabam sendo classificados de comunistas. Esse tipo de classificação também é expressão do *magnetismo anticomunista*, no entanto trata-se de uma variante do anticomunismo fascista (Bobbio, 2010) e apesar de representar o momento em que o escopo de atração do magnetismo é maior, não é por ela que se percebe quais são os dois parâmetros que regem a *dinâmica semântica do magnetismo anticomunista* e padronizam a classificação de comunismo para o bolsonarismo. Essa impossibilidade ocorre, pois, além da variante fascista não ter presença duradoura na *linha de continuidade*, ela apresenta uma anomalia na *dinâmica do magnetismo anticomunista*: sua atração vai além da ameaça ao *status quo* e classifica como comunista toda e qualquer força que não seja

anticomunista, seja ela uma ameaça ao *status quo* ou não, sob lema de que “comunista é quem não está com a gente” (Motta, 2020, p. 188).

Feitas essas considerações sobre a anomalia que a vertente fascista do anticomunismo representa na minha explicação sobre a *dinâmica do magnetismo anticomunista* retomo à descrição normal do subconceito para colocar em xeque a interpretação de que o anticomunismo segue uma aleatoriedade irracional nas suas classificações de comunismo e comunista.

A metodologia usada por esta dissertação para analisar os fatos históricos contidos em Motta (2020 e 2021) apontam que a semântica que o anticomunismo dá ao conceito de comunismo não é irracional. Na verdade, por trás dessa aparente irracionalidade existe, na verdade, um *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista* orientando as formulações feitas pelos anticomunistas para classificar o que é comunismo e quem é comunista. Um dos parâmetros que padronizam essas classificações é a defesa do *status quo* contra ameaças à sua manutenção. Nenhuma ameaça à conservação da ordem está imune de ser atraída pelo magnetismo anticomunista, seja essa ameaça baseada em fatos ou não. Por conseguinte, a constituição deste *status quo* determina o que é classificado como ameaça. Alguns elementos desta ameaça podem ser assimilados pelo *status quo* caso o outro parâmetro padronizador da *dinâmica do magnetismo* — o senso comum — passe a absorver alguma das pautas dos movimentos que representam perigo para a sobrevivência da ordem vigente, fazendo com que o magnetismo semântico deixe de atrair esses elementos que foram incorporados.

Este movimento de atração e repulsão orientado pela composição datada do *status quo* e do senso comum é o que configura a *dinâmica do magnetismo do anticomunismo* no decorrer da sua linha de continuidade histórica e, como veremos nos aprofundamentos feitos no restante desta dissertação, é o que forma os polos positivo e negativo do ímã do magnetismo (ver gráfico nº3). Essa *dinâmica* tem como objetivo selecionar os argumentos mais adequados para “macular a imagem da oposição como comunista” e “desacreditar todo processo de mudança social” (Mota, 2021, p. 186), num procedimento de “desqualificação da esquerda” (2021, p. 307), para popularizar a manutenção do *status quo* e despopularizar sua oposição (esta é a *dupla tarefa do anticomunismo* que trato no subcapítulo 3.2). Ou seja, ao difamar um conceito maciçamente como foi feito com o comunismo, passa-se a classificar toda a ameaça ao *status quo* com este conceito para simplificar os mecanismos de defesa da ordem vigente. É muito mais fácil classificar toda a oposição com um conceito já difamado do que difamar individualmente cada nova denominação usada por cada um dos movimentos modernizadores que vão surgindo. Por isso o *magnetismo semântico* é uma ferramenta retórica tradicionalista

que representa uma tática de simplificação da defesa do *status quo* e que, devido à fatores históricos, elegeu o comunismo como principal termo detentor do ímã desse magnetismo. Para que a difamação do termo tenha êxito, é necessário mobilizar valores caros ao senso comum de cada época para conquistar a opinião pública na defesa do *status quo* em voga. Portanto, as características datadas do *status quo* e do senso comum são os dois elementos que servem de parâmetro para ditar o comportamento da *dinâmica do magnetismo anticomunista* e dão sentido à aparente aleatoriedade irracional da ideia de comunismo para o anticomunismo/bolsonarismo. Vejamos como os dois (composição do *status quo* e composição do senso comum) se relacionam.

A noção de “revolução” tem em seu âmago profundas alterações no *status quo*. O apoio do senso comum delimita o nível de possibilidade que uma revolução dispõe para atingir ou não a profundidade das mudanças desejadas no *status quo*. Alterações no *status quo* sem grande profundidade são costumeiramente identificadas como “reformas” e tanto revoluções quanto reformas podem encontrar o anticomunismo como oposição. No entanto, quando as forças tradicionais que defendem a manutenção do *status quo* se encontram em vulnerabilidade e temem uma revolução, acabam tolerando reformas sociais. Esse recuo costuma ocorrer exatamente quando o senso comum passa a simpatizar com as mudanças propostas pelo movimento questionador do *status quo*. Este determinismo do senso comum é o que faz sê-lo o parâmetro do que será, ou não, classificado como comunismo. Por outro lado, a ameaça ao *status quo* é o parâmetro para determinar quem é comunista. É essa a relação entre *status quo* e senso comum na *dinâmica do magnetismo anticomunista*. Os aprofundamentos sobre esta noção tratarei mais a frente, agora me limito a expor algumas referências teóricas para a formulação desses dois termos, *status quo* e senso comum.

Seguindo a famosa frase de Karl Marx, “o pensamento dominante de uma sociedade é o pensamento da classe dominante” (Marx, 2002, p. 63), o *status quo* estabelece uma conexão com o senso comum e com a opinião pública. Dessa forma, o *status quo*/ classe dominante de cada sociedade se mune de mecanismos para garantir que o pensamento dominante/ senso comum desta sociedade esteja conectado com seus interesses. Daí vem a necessidade de utilizar propagandas, mídias, valores religiosos, aparelho de ensino, forças de segurança e Forças Armadas para, a partir de retóricas referenciadas no senso comum, conseguir conquistar a opinião pública na defesa do *status quo*. Portanto, contrariando a ideia de “aleatoriedade irracional”, são as alterações ocorridas na constituição do senso comum de cada época que racionalizam as mudanças ocorridas nos critérios de seletividade do que será atraído, ou não, como argumento pelo magnetismo do anticomunismo para definir o que é comunismo.

O marxismo é uma das escolas que tomou como objeto as conexões entre senso comum e classe dominante. Diversos estudos surgiram da frase de Marx citada no parágrafo anterior, “o pensamento dominante de uma sociedade é o pensamento da classe dominante” (2002, p. 63), dentre eles estão os produzidos por Antonio Gramsci (1891-1937). Segundo o sociólogo italiano, o senso comum é a “filosofia dos não filósofos”, ou seja, uma “concepção de mundo absorvida acriticamente pelos vários ambientes sociais e culturais nos quais se desenvolve a individualidade moral do homem médio” (2023, p. 114).

O senso comum não é uma concepção única, idêntica no tempo e no espaço: é o “folclore” da filosofia e, como folclore, apresenta-se em inúmeras formas; seu traço fundamental e mais característico é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada, incoerente, inconsequente, conforme à posição social e cultural das multidões das quais ele é a filosofia. Quando na história se elabora um grupo social homogêneo, elabora-se também, contra o senso comum, uma filosofia homogênea, isto é, coerente e sistemática. [...] Os elementos principais do senso comum são fornecidos pelas religiões e, conseqüentemente, a relação entre senso comum e religião é muito mais íntima do que a relação entre senso comum e sistemas filosóficos dos intelectuais. (2023, p. 115)

Ao afirmar que o senso comum é “grosseiramente misoneísta e conservador” (2023, p. 118), Gramsci reflete a ideia de Marx de que o pensamento dominante de uma sociedade é o pensamento da classe dominante. O magnetismo semântico, aplicado nas diferentes formas de reação das forças tradicionais, pode ser visto como um elemento participante do processo para fazer o pensamento da classe dominante se tornar hegemônico. Ao citar as religiões como fornecedoras dos principais elementos do senso comum, justifica-se novamente o protagonismo da Igreja Católica na construção da *linha de continuidade* exposta no subcapítulo anterior.

Sobre o processo para um pensamento se tornar dominante, David Harvey (2014) apresenta uma interpretação que elucida a importância que o senso comum tem no magnetismo semântico do anticomunismo.

Nenhum modo de pensamento se torna dominante sem propor um aparato conceitual que mobilize nossas sensações e nossos instintos, nossos valores e nossos desejos, assim como as possibilidades inerentes ao mundo social que habitamos. Se bem-sucedido, esse aparato conceitual se incorpora a tal ponto ao senso comum que passa a ser tido por certo e livre de questionamento. As figuras fundadoras do pensamento neoliberal consideravam fundamentais os ideais políticos da dignidade humana e da liberdade individual, tomando-os como “valores centrais da civilização” (Harvey, 2014, p. 15)

Portanto, o *magnetismo anticomunista* surge para fazer o “aparato conceitual” da classe dominante conseguir mobilizar “sensações”, “instintos”, “valores” e “desejos”. E é justamente

para conseguir essa mobilização que a composição do senso comum de dada sociedade é, junto com a composição do seu *status quo*, um dos parâmetros que ditam a dinâmica do magnetismo semântico anticomunista que temos falado. Ou seja, os argumentos escolhidos para definir o que e quem é comunista são aqueles capazes de mobilizar os “instintos”, “valores”, “sensações” e “desejos” das pessoas. Dessa maneira, o magnetismo contribui para que o aparato conceitual da classe dominante seja “bem-sucedido” e, conseqüentemente, faz o anticomunismo se incorporar “a tal ponto ao senso comum” que ele passa “a ser tido por certo e livre de questionamentos”, ou seja, torna-se o que a *ANT* chama de “caixa-preta” (capítulo 1).

Sobre o que chamo de “forças tradicionais” aqui, trata-se do tradicionalismo. Essas forças estão numa relação de antagonismo com as forças modernizadoras (ou modernidade). Esse antagonismo faz sintonia com a noção marxista de luta de classes (detentores dos meios de produção *x* despossuídos). Sob esta terminologia, tradicionalismo e modernidade, as forças das quais o *status quo* precisa ser defendido pelo tradicionalismo podem ser reunidas no termo “forças modernizadoras/ modernizantes” ou, simplesmente, “modernidade”.

Em suma, a definição de “tradicionalismo” que utilizo refere-se à “tradição política de pensamento reacionário” (Vasconcelos e Muniz, 2021, p. 84). Essa tradição é origem de noções como darwinismo social, elitismo político (2021, p. 85), choque de civilizações¹⁰ (2021, p. 87), “guerra cultural” e anticomunismo. A disputa dialética entre tradição e modernidade pode ser vista em Tavolaro (2005) e Domingues (1999). Sobre a definição de modernidade, o sociólogo brasileiro Sérgio B. F. Tavolaro, em artigo intitulado *Existe uma modernidade brasileira? Reflexões em torno de um dilema sociológico brasileiro* (2005), propõe uma maneira de interpretar o conceito que é feita sem tomar o ocidente como modelo a ser seguido. Para isso, flexibiliza os três pilares do padrão de sociabilidade moderno¹¹ para dá-los capacidade de envolver as variadas formas de modernidade existentes.

O primeiro pilar, a diferenciação e complexificação social, fica definido como “padrão variados de diferenciação/complexificação social”, o segundo, a secularização, como “padrões variados de secularização” e, por último, o terceiro pilar se define como “padrões variados de separação entre domínios públicos e privados” (Tavolaro, 2005, p. 13). Forma-se a ideia central do conceito de “múltiplas modernidades”:

¹⁰Termo referente à ideia de que as disputas geopolíticas atuais se situam no conflito entre as civilizações do Oriente e do Ocidente, cujos valores estariam em choque. Em outras palavras, trata-se de uma “estratégia geopolítica e civilizacional, moral-tradicionista” (Vasconcelos e Mariz, 2021, p. 93). Seus principais nomes atuais são Steve Bannon, Alexandr Dugin e Olavo de Carvalho (2021, p. 89)

¹¹1- diferenciação/complexificação social; 2- secularização; e 3- separação entre público e privado (2005, p. 6)

Múltiplas modernidades é a ideia de que não há só a modernidade ocidental e o que não seguir à risca o que eles fazem não é moderno. Há diferenças de modernidade dentro das próprias sociedades ocidentais centrais (2005, p. 16)

Seguindo então esta noção de múltiplas modernidades em Tavolaro (2005) e a de disputas dialética entre tradição e modernidade em Domingues (1999), um horizonte se abre para a análise do anticomunismo como um elemento desta dialética e como um elemento no conflito estabelecido pela formação das múltiplas modernidades. Sobre Domingues, se entendermos as ideias tidas como de esquerda — socialismo, comunismo, anarquismo e socialdemocracia — como integrantes ou representantes do que o sociólogo chama de forças modernizadoras (1999, p. 223), ao lado de outros conceitos que podem ou não serem lidos como de esquerda — democracia, república, direitos humanos —, podemos, por outro lado, consequentemente situar o anticomunismo como integrante das forças tradicionais, contrárias às mudanças modernizadoras, defensores da ordem e do *status quo*.

Esta relação antagônica entre tradição e modernidade é o que preenche de elementos a *linha de continuidade histórica de onde se origina o anticomunismo*. A noção de “linha de continuidade” é trazida por Rodrigo Patto Sá Motta em alguns momentos de sua obra (2020, p. 20 e 206). Uma delas apresenta o anticomunismo como um fenômeno duradouro e estrutural, que está presente ao longo da História.

A ênfase dos cientistas sociais sobre a necessidade de pesquisar os fenômenos estruturais, duradouros, que se reproduzem e permanecem ao longo do tempo, influenciou nosso projeto. O trabalho desenvolvido insere-se nessa linha, na tentativa de olhar o anticomunismo como um fenômeno duradouro, captando as linhas de continuidade presentes ao longo da História (2020, p. 20)

Este lugar em que Motta coloca o anticomunismo, “como um fenômeno duradouro, captando as linhas de continuidade presentes ao longo da História”, também é considerado nesta dissertação. O que eu pretendo acrescentar à esta análise é propor de onde este fenômeno duradouro surge (*linha de continuidade e tradicionalismo*), como ele funciona (*ordenamento padronizado*), quais são os parâmetros que regem seu comportamento (*dinâmica*), qual é a sua causa (*gérmen*) e qual é seu objetivo final (*conquista* da opinião pública para defender o *status quo*).

Embora concorde com Motta na próxima passagem, o ponto central onde minha análise se distancia dele está subentendida nas primeiras palavras: “No decorrer do tempo, diversos aspectos da tradição anticomunista foram mantidos e reproduzidos, ao mesmo passo que novas configurações e temas vieram à baila, acompanhando a dinâmica da História” (2020, p. 305). Minha divergência está somente na data em que Motta imagina que o “tempo” começou a

“decorrer” para o anticomunismo no Brasil. No mais, sobre este trecho, concordo que o anticomunismo foi se adaptando ao longo da História¹².

Devido ao pressuposto escolhido pelo historiador de interpretar o anticomunismo como um fenômeno voltado às expressões marxistas-leninistas (2021, p. 13), Motta vê o ponto inicial do anticomunismo no Brasil nas reações à Revolução Russa de 1917 (2021, p. 25 e 267). Depois, aponta em nota que pode existir uma linha de continuidade entre o anticomunismo e o antianarquismo.

É interessante observar a existência de uma linha de continuidade, nesse e em outros aspectos, entre as representações construídas nas campanhas contra o comunismo e nas perseguições anteriores ao anarquismo (2021, p. 30, nota 23)

Dessa forma, ao separar a origem do anticomunismo das suas “raízes” antianarquistas, Motta parece interpretar a existência de duas linhas separadas uma da outra. Uma referente somente ao anticomunismo e outra que envolve o anticomunismo e o antianarquismo, mas que não ganha relevância na sua análise, sendo tratada apenas na nota de rodapé citada acima. Proponho aqui, portanto, uma imersão nessa nota de Motta. Defendo que, na verdade, trata-se de apenas uma linha de continuidade histórica: a linha do tradicionalismo, da qual o antianarquismo e o anticomunismo estão inseridos. Além disso, defendo que a origem desta linha não está no antianarquismo, mas sim no movimento antimacônico desenvolvido pela Igreja Católica durante a Idade Média (2020, p. 172). Minha contribuição para a concepção desta linha consiste em alongar consideravelmente a extensão dela. Debruçar-me nesta tarefa serve para mostrar de onde diversos elementos atraídos ao significado de comunismo para o bolsonarismo têm origem. Vejamos.

Sob um ponto de vista mundial, a linha de continuidade do tradicionalismo, origem do anticomunismo, tem séculos. Em relação ao surgimento do anticomunismo literal nesta linha — chamo de “anticomunismo literal” aquele que é restrito nas reações feitas especificamente contra a definição conceitual do termo “comunismo” estabelecida pelas Ciências Sociais —, ele surgiu junto com a origem do comunismo na França do século XVIII (Bobbio, 2010), portanto, antes do marxismo. No século seguinte, quando Karl Marx já havia feito suas contribuições, o anticomunismo passou a ter grande destaque na Alemanha, exemplo disso são as leis “anti-socialistas” do governo Bismarck, aprovadas em 1878 no contexto da *Kulturkampf* (Marx, 2012, p.74), em alemão, “guerra cultural”; termo resgatado no final do século XX e amplamente utilizado pela extrema direita atual (para mais, ver capítulo 4).

¹² Este é um dos momentos da obra de Motta que serviram de inspiração para a interpretação que proponho.

Já no Brasil, mesmo se nos atermos à interpretação literal do anticomunismo, podemos encontrar manifestações anticomunistas quatro décadas antes do que imaginava o historiador Rodrigo P. Sá Motta (2021, p. 25 e 267). É o caso da pesquisa de Berenice Bento sobre a Lei do Ventre Livre de 1871, publicada no livro *Abjeção* (2024). A socióloga revela manifestações da retórica anticomunista já nos debates parlamentares que antecederam a promulgação desta lei¹³ (2024, p. 25).

A tensão aumentou quando dissidentes acusaram o governo de práticas comunistas. Pela primeira vez na história política do Brasil, a palavra ‘comunismo’ é acionada como acusação de roubo de coisa privada, tendo o Estado como organizador desse roubo (2024, p. 53).

Segundo Bento, a Comuna de Paris, por ter ocorrido no mesmo ano dos debates da Lei, foi a inspiração para os temores dos senhores de escravos no Brasil (2024, p. 25). Estes temores serviram para os primeiros registros de manifestações anticomunistas por aqui. Ao mesmo tempo, por se tratar de uma reação das forças tradicionais da época contra uma medida abolicionista — política feita em todos os outros países do mundo e que em nada têm de especial com o comunismo — este episódio também representa os primeiros registros do magnetismo semântico do anticomunismo no Brasil, pois atrai ao significado de comunismo um elemento estranho que têm como objetivo servir a causa de defender o *status quo* vigente no momento.

A conexão internacional do anticomunismo brasileiro com a França, país sede da Comuna de Paris, também é tratada por Motta:

A reverência dos anticomunistas brasileiros a modelos estrangeiros acompanhou, compreensivelmente, a dinâmica das relações culturais e políticas do Brasil com o exterior. Nos anos 1920 e 1930, a fonte de inspiração provinha da Europa Ocidental, essencialmente da França. A argumentação anticomunista era retirada de obras europeias, traduzidas ou lidas no original (2020, p. 26).

Com isso, Motta, ao começar sua análise no início do século XX, deixa de captar que a influência do anticomunismo francês já estava presente no Brasil em 1871. O que pode ter ocorrido em 1920, portanto, foi o estabelecimento da influência francesa. Dessa forma, o momento de surgimento do anticomunismo não está em 1917, depois da Revolução Russa (2020, p. 15), mas sim em 1871, após a Comuna de Paris, como demonstra Bento (2024, p. 25, 53). Sem dúvidas, a Revolução Russa foi um marco para o desenvolvimento tanto do

¹³ Polêmica lei que libertava apenas o útero das mulheres negras escravizadas, tornando pessoas livres aqueles que nascessem a partir da promulgação da lei. Esta liberdade envolveu uma série de indenizações aos escravocratas e de algumas poucas políticas públicas para os libertos. Também é conhecida como Lei Rio Branco, nome do então chefe de governo naquele ano.

comunismo como do anticomunismo, no entanto, não representa a origem do último. Seu principal desdobramento é ter feito o comunismo entrar para “o rol das preocupações dos grupos privilegiados” (2020, p. 15), o que teve como consequência fazer a década de 1920 um momento de expansão do anticomunismo no mundo¹⁴. A partir daí as representações contra o comunismo na mídia brasileira passaram a ter presença duradoura, ajudando a criar o clima necessário para, por exemplo, a aprovação da primeira lei anticomunista no Brasil em 1927¹⁵ (2020, p. 31).

Quando o termo comunismo passa a ganhar notoriedade devido às suas execuções práticas, tornando-se a maior ameaça às forças tradicionais, ou seja, ao *status quo*, todos os outros movimentos modernos passaram paulatinamente a serem vinculados ao comunismo pelo *magnetismo semântico*. Com isso, o anticomunismo pode ser visto como uma representação da tradição política de conservação do *status quo* (tradicionalismo). Dessa forma, esta linha de continuidade histórica, traçada por Motta somente até o antianarquismo, pode se estender seguramente até a Idade Média. É por meio dos relatos do anticomunismo católico brasileiro, cuja herança é hoje capitaneada pelo neopentecostalismo, que este ponto de origem consegue ser determinado.

O anticomunismo católico é a matriz mais antiga e representativa das “três matrizes do anticomunismo brasileiro” (Motta, 2020, p. 39) que falei anteriormente. A sua atuação no Brasil não só revela a linha de continuidade histórica de onde vem o anticomunismo, como também possibilita observar o *magnetismo anticomunista* se formar a partir da *dinâmica* estabelecida entre o *status quo* e o senso comum de cada época.

Segundo Motta, “os militares e os religiosos representaram a coluna dorsal do anticomunismo brasileiro” (2020, p. 171). A relevância destes dois grupos exemplifica-se na atuação de duas entidades: a católica, Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP); e a militar, Cruzada Brasileira Anticomunista. Embora a atuação das duas seja relevante, é no texto “*Revolução e Contra -Revolução*”, de 1959, que a TFP estende de maneira significativa a linha de continuidade histórica onde está o anticomunismo. Neste documento, Plínio Oliveira, líder da organização, vincula o combate ao comunismo com o combate aos ataques revolucionários que “o mundo cristão, a boa ordem” vinha sofrendo desde a Idade Média.

¹⁴ Nos EUA, por exemplo, os anos de 1919 e 1920 ficaram conhecidos como os anos do *Red Scare*. Ver MURRAY, Robert K. *Red Scare: A Study in National Hysteria, 1919-1920*. U of Minnesota Press. 1955

¹⁵A lei chamada de “Lei Celerada” impunha uma série de medidas repressivas contra os sindicatos e políticas de esquerda, independente de serem comunistas ou não (2020, p. 31). Volto a tratar dela no capítulo 4

Ali estavam colocados os pressupostos ideológicos da organização que seria fundada no ano seguinte, o seu programa de ação. O argumento central é que o mundo cristão, a boa ordem, passava por um processo de destruição cujo início se dera na longínqua Idade Média. Desde então, a cristandade vinha sendo atacada pela revolução, num processo em que se sucederam luteranos, iluministas, jacobinos e comunistas, todos imbuídos do mesmo objetivo básico, destruir a Igreja. Na verdade, essas “seitas” estavam ligadas a uma trama principal, a uma seita-mestra, da qual nada mais eram que auxiliares: a maçonaria. Os maçons seriam a fonte do mal, agentes sagazes que manipulavam secretamente todas as conspirações revolucionárias (2020, p. 172)

Sob o método utilizado neste trabalho, o processo citado acima expõe a verdadeira extensão da linha de continuidade histórica de onde vem o anticomunismo e mostra a razão da *linha* não ser classificada como “do” anticomunismo: ela é a linha de continuidade *das* representações do tradicionalismo, sendo o anticomunismo uma delas. Por isso, o termo que proponho para introdução do conceito de magnetismo anticomunismo, chama-se *linha de continuidade histórica de onde se origina o anticomunismo*.

Seguindo o texto de Plínio Oliveira acima, a primeira manifestação mundial desta linha de continuidade aconteceu no embate entre Igreja e maçonaria ocorrido na Idade Média, sendo a Igreja o *status quo*, e a maçonaria a ameaça ao *status quo*. Como podemos ver seguindo os próprios relatos dos anticomunistas na obra de Motta (2020), assim como tem sido feito com o comunismo, a maçonaria foi posta pelo tradicionalismo como representante de forças diabólicas (2020, p. 75). Isto faz com que essa classificação da maçonaria, com um significado antagônico aos valores do *status quo* católico da época, seja uma manifestação da ferramenta retórica do *magnetismo semântico*. Quando Motta traça a linha usando o antianarquismo e o anticomunismo, subentende-se que, na visão do historiador, esta linha refere-se ao histórico de reações das forças tradicionais contra as principais ameaças de mudanças no *status quo* de cada época e, sob o ponto de vista deste trabalho, cada um desses momento tem seu *status quo*, sua ameaça e sua variação de magnetismo semântico.

Em alguns momentos o *status quo* precisou usar “camuflagens” para combater as ameaças que tinham grande potencial de popularidade entre a opinião pública. Essa tática serve para difamar o movimento crítico limitando sua capacidade de popularidade com a criação de argumentos que atacam diretamente os valores do senso comum de cada época, sejam esses argumentos baseados em fatos ou não. Ela é um dos três elementos que compõem o subconceito *tripla necessidade intrínseca ao anticomunismo* que trato mais à frente. Em suma, as *camuflagens* são uma maneira de despopularizar o popular e popularizar o impopular: difama-se a crítica contra o *status quo* e apresenta-se a manutenção desse *status* como a salvação contra os “perigos” das forças modernizadoras. Esta manobra está intimamente ligada ao mecanismo

produtor de “mudanças sem rupturas” que é tratado por Raymundo Faoro. Esse mecanismo age para “amaciar” as novas forças por mudanças sociais e mantê-las dentro de limites que não desagradam o *status quo* (Faoro, 2021, p. 705).

Portanto, o aspecto revolucionário contra o *status quo* é o requisito para que a maçonaria seja relacionada como integrante desta linha de continuidade histórica do tradicionalismo. Grosseiramente falando, os maçons eram os “comunistas” da vez. Embora hoje a maçonaria não se apresente para a opinião pública como uma força revolucionária, o histórico desta instituição foi capaz de forjar em si uma aura revolucionária que possibilitou os anticomunistas católicos do século passado vincularem o comunismo à maçonaria:

Nas representações contrarrevolucionárias de inspiração católica o tema do suposto vínculo entre maçons e comunistas foi bastante recorrente: “[...] o perigo comunista não é especificamente distinto do perigo maçônico. Proponho-me chamar a atenção dos católicos para este dado de importância capital: onde quer que a Maçonaria se instalou e goza da liberdade suficiente para executar seu plano secreto, aí se acha, vivo, palpitante, ameaçador, o perigo comunista” (Motta, 2020, p. 172, nota 384)

Como a metodologia escolhida para este trabalho segue a sociologia associativa e, portanto, leva em consideração a opinião dos anticomunistas sobre o comunismo, a citação acima se conecta com a ideia de comunismo para o bolsonarismo — pois ela se associa diversas vezes com argumentos religiosos (vide capítulo 2) — e é mais um relato histórico que serve para visualizar a maçonaria como a primeira ameaça ao *status quo* na linha de continuidade que estou traçando. Este aspecto revolucionário que une comunismo e maçonaria (uma união um tanto inusitada nos dias de hoje) coaduna o que chamo aqui de *gérmen* do anticomunismo, que é a defesa do *status quo*. Esta é a razão fundante da linha histórica onde está inserido o anticomunismo e, dessa forma, é também a razão fundante do anticomunismo. Por conseguinte, o contraponto dessa razão é, naturalmente, o aspecto revolucionário. O senso comum, portanto, se torna o ponto referencial que é posto no meio da corda usada no “cabo de guerra” entre a defesa e a crítica ao *status quo*.

Sendo a Igreja o agente responsável na prossecução desta linha, a relevância desta linha na história do Brasil torna-se perene pois desde a colonização a Igreja atua na formação do senso comum e na manutenção do *status quo*. Suas forças políticas e derivações religiosas estiveram presentes na produção de argumentos para justificar e defender a colonização, a escravidão (Wallerstein, 2007, p. 31), a ditadura militar (Motta, 2021) e hoje, por meio da derivação neopentecostal, faz o mesmo com a extrema direita brasileira (como vimos no capítulo 2). Além desta importância histórica, o anticomunismo católico produziu os

argumentos mais viscerais e maniqueístas (2020, p. 289) que incentivaram atos de terrorismo anticomunista (2020, p. 177).

Depois da maçonaria, o modernismo é o próximo antigo elemento do qual a Igreja mobilizou seus conhecimentos adquiridos durante esta linha de continuidade de preservação do *status quo*

Ainda quanto ao ideário, é necessário destacar que a entidade tinha outros inimigos além dos comunistas. Ela pretendia combater o “modernismo” como um todo, seja o divórcio, o aborto ou as mudanças de comportamento. Mas, na sua acepção, o desregramento nos costumes decorria da mesma fonte básica do mal moderno, a revolução. E no interior desta o comunismo assumia posição de destaque, no papel de inimigo atual da cristandade e adversário mais perigoso dos valores cristãos (2020, p.173).

Desta importância dada ao comunismo, ele passa a ser o conceito aglutinador de todas as ameaças ao *status quo* e, por conseguinte, o magnetismo semântico anticomunista toma forma reunindo todos seus opositores (antigos e atuais) em um só conceito costumeiramente difamado; simplificando, assim, a retórica de defesa do *status quo*. Ou seja, com o passar das décadas, as alterações no senso comum provocadas pelo progresso dos direitos sociais fizeram com que outros conceitos ameaçadores (p. ex.: maçonaria, modernismo, abolicionismo) fossem abandonados ou incorporados por meio do magnetismo semântico à ameaça comunista remanescente. Isso mostra a maneira pela qual a rede da ideia de comunismo para o anticomunismo/bolsonarismo tem instabilidades e como ela se estabiliza novamente. Dessa forma, a exposição do subconceito de *linha de continuidade* serve para explicar como o magnetismo anticomunista faz todos os valores contidos na citação acima (divórcio, aborto e mudanças de comportamento) serem incorporados à ideia de comunismo para o bolsonarismo. É o que ocorre quando a defesa do aborto é conectada ao comunismo pelo vereador Lucas Pavanato ao debater com o comunista Gustavo Machado (capítulo 2).

Estas questões morais e comportamentais, típicas da modernidade da qual a Igreja lutava contra, já vinham sendo relacionadas ao comunismo pelos anticomunistas há muito tempo (2020, p. 190). O Movimento Mundo Cristão (MMC) é um exemplo de grupo que mesclava sua atuação nos dois combates contra o comunismo e contra o modernismo, mas que, por fim, acabou priorizando o anticomunismo. Esse afunilamento na sua atuação tem reflexo na ideia de comunismo para o bolsonarismo quando ela se associa com pautas progressistas alheias ao comunismo.

Portanto, se há uma linha de continuidade entre anticomunismo e antianarquismo, como disse Motta, também podemos dizer que há uma continuidade com a antimaçonaria e o

antimodernismo. Este continuísmo é novamente encontrado em Motta (2020, p. 42), ao citar o livro de 1949, “A Igreja e o Marxismo”, do padre José Maria Cabral:

Contra a Igreja, no decurso dos séculos, se levantaram a Sinagoga, o Império Romano, o Arianismo, os Bárbaros, a Renascença, a Reforma Protestante e a revolução Francesa; todos esses inimigos foram vencidos, também o será o inimigo da undécima hora - o Comunismo Ateu. Aguardamos o soar da hora marcada pela Providência (Cabral, 1948 *apud*. Motta, 2020, p. 42)

O padre, ao citar “a Sinagoga” como ponto inicial, estende a linha de continuidade até o ano 30, ou seja, até o começo da atuação de Jesus Cristo com 30 anos de idade (Lucas 2:23), período dos conflitos do rei Herodes Antipas contra Jesus e seus discípulos (Mateus 14:1-23, Marcos 6:17-28, Lucas 3:19-20, Atos 12:23). Este período — cujas ameaças ao *status quo*, segundo o padre, seriam o Império Romano, Arianismo e Bárbaros — foge do alcance permitido para esta dissertação pois seria necessário mais tempo de pesquisa bibliográfica para tratá-los com responsabilidade. Por isso, o ponto inicial considerado aqui é a Idade Média, pois é a partir dela que as fontes utilizadas para o fim desta pesquisa conseguem estabelecer, sem interrupções e com baseamento, um continuísmo até o atual anticomunismo¹⁶.

Um dos momentos de grande expressão do poder das classes dominantes para conter o progresso de pautas populares utilizando o magnetismo anticomunista está na desmoralização de Getúlio Vargas feita na companhia contra a criação da Petrobrás e da Eletrobrás. Como demonstrarei a seguir, o mesmo ocorreu em 1851 com a recriação do Banco do Brasil. Este momento serve de exemplo para demonstrar os integrantes do tradicionalismo mobilizando o anticomunismo, pois os atores responsáveis pela campanha contra a criação de empresas estatais no governo Vargas são justamente representantes do tradicionalismo. Segundo Darcy Ribeiro,

Essa política de capitalismo de Estado e de industrialização de base provocou sempre a maior reação por parte dos privatistas e dos porta-vozes dos interesses estrangeiros. Assim é que, quando Getúlio Vargas se prepara para criar a Petrobras e a Eletrobras, uma campanha uníssona de toda a mídia levou seu governo a tal desmoralização que ele se viu na iminência de ser enxotado do Catete. Venceu pelo próprio suicídio, que acordou a nação para o caráter daquela campanha e para os interesses que estavam atrás dos inimigos do governo (2015, p. 153)

¹⁶Vale ressaltar novamente que as percepções sobre esta linha de continuidade são fruto da pesquisa feita para uma dissertação que não teve como fim desvendar toda esta linha. O que apresento aqui é resultado de pesquisa sobre a ideia de comunismo para o bolsonarismo. Sendo assim, não intenciono esgotar todas as formas de reações revolucionárias que foram produzidas, nem imagino ter feito os melhores recortes históricos. O que proponho é, a partir de alguns exemplos, esboçar uma explicação para contestar percepção de aleatoriedade irracional que o atual fenômeno do anticomunismo brasileiro tem.

Neste caso, a simples criação de empresas estatais serviu para despertar o fantasma do comunismo em benefício de uma ferrenha campanha de difamação que resultou no suicídio do então presidente. Outra expressão do magnetismo anticomunista provocando a assimilação de medidas populares como característica do comunismo ocorre quase um século antes do caso de Vargas. Trata-se do fim do tráfico de escravos por meio da Lei Eusébio de Queiróz (1850). Com a proibição, o capital empregado no tráfico ficou ocioso e a criação de bancos públicos foi a ideia que o Barão de Mauá (1813-1889) teve para alocar este capital. É sob este contexto que ocorre em 1853 o renascimento de outra importante estatal que estava inoperante desde 1829: o Banco do Brasil. No entanto, algumas pessoas interpretaram a iniciativa como uma ação socialista: sendo os socialistas contra a propriedade, converter a propriedade em capitais, seria um interesse socialista (Holanda, 2014, p. 90).

Dessa forma, podemos observar o magnetismo semântico do anticomunismo agindo contra a criação de duas das principais empresas estatais brasileiras: o Banco do Brasil, em 1851, e da Petrobrás em 1953. Mesmo a criação de estatais não sendo uma exclusividade do comunismo, o anticomunismo agiu contra a criação delas. Essa falta de equivalência — tão recorrente nas teorizações dos bolsonaristas expostas no capítulo 2 —, é explicada pelo conceito do magnetismo semântico do anticomunismo, é ele que torna possível a conexão entre estes elementos e que vincula seu pertencimento ao tradicionalismo. Outro exemplo pode ser visto na luta abolicionista, especificamente no debate parlamentar sobre a Lei do Ventre Livre, ou Lei Rio Branco, que tratei anteriormente.

Portanto, com o nosso ponto inicial firmado na disputa entre Igreja e maçonaria ocorrida na Idade Média, a linha de continuidade do tradicionalismo prosseguiu acumulando experiências e conhecimentos durante os séculos seguintes. A Idade Moderna foi atravessada por lutas da Igreja contra diversos movimentos que passaram a valorizar a razão e questionar a imposição da “fé cega”. Esse é o contexto onde forma-se o antimodernismo que viria a ser engolido pelo magnetismo do anticomunismo. Portanto, as camuflagens adotadas pela defesa do *status quo*, formadas pelo magnetismo semântico, foram se transformando para se adaptar de acordo com o contexto de cada época, num processo onde cada elemento anterior contribui para a formação do elemento seguinte, fazendo com que no anticomunismo atual possa ser encontrado heranças das manifestações que o antecedem.

Se as ferramentas retóricas das forças tradicionais usadas contra as novas forças políticas foram forjadas paulatinamente no decorrer da história mundial, muitos dos argumentos que o anticomunismo mobilizou já estavam incrustadas em alguns aspectos da cultura política do Brasil. Eles não surgiram somente porque havia pessoas que não gostavam

do comunismo. Sua origem não vem desse descontentamento, mas sim de um *modus operandi* que já vinha sendo operado e desenvolvido há séculos nas adaptações feitas de acordo com o “inimigo” de cada época. Tratam-se de reações das elites conservadoras aos movimentos que estivessem fora dos seus interesses, sejam eles comunistas ou não. Isto vai em sentido oposto à o que a passagem de Motta a seguir parece querer dizer quando fala que o anticomunismo surgiu “espontaneamente”

Genericamente, pode-se dizer que o sentimento anticomunista nasceu espontaneamente, gerado pelo medo e pela insegurança. No entanto, transformou-se em movimento organizado a partir da necessidade percebida por algumas lideranças conservadoras de conter a escalada revolucionária (2020, p. 14)

Ao que parece, na visão de Motta, foi o medo e a insegurança que geraram o sentimento anticomunista no século passado, e só depois disso ele foi se organizar. No entanto, seguindo a lógica aqui exposta, a organização já existia e, portanto, pode ter sido ela quem gerou o medo e a insegurança que, na sequência, deram volume para o movimento anticomunista. Sendo assim, seu surgimento não seria casual, mas causal: ele não vem apenas do medo e da insegurança, mas sim da necessidade de proteção do *status quo*.

A intensidade da presença destes dois sentimentos (medo e insegurança) em relação ao comunismo, ao ponto de fazer o anticomunismo poder ser visto como uma “tradição arraigada” (2020, p. 310) na cultura brasileira, acontece, sobretudo, como produto da dedicada propaganda anticomunista, e não como as causas do anticomunismo¹⁷. Esta propaganda, por sua vez, não ocorre somente devido à vontade de *x* ou *y*, ocorre porque *x* ou *y* estão inseridos nas forças tradicionais, ou melhor, na linha de continuidade histórica do tradicionalismo e, conseqüentemente, utilizam dos meios de comunicação disponíveis para manipular a ferramenta retórica (magnetismo semântico) desta linha. Sendo assim, o sentimento anticomunista não “nasceu” espontaneamente, ele é a atualização de uma antiga ferramenta retórica que naturalmente se adaptou ao novo oponente. Caso o termo “espontaneidade” tenha sido usado por Motta com o sentido de naturalidade, estaria de acordo com a interpretação que expus. Isso não ocorre caso ele tenha sido empregado no sentido de eventualidade, como algo que ocorreu por acaso.

“Magnetismo” necessariamente envolve a inclusão de múltiplos atores. Não haveria necessidade de utilizar este termo caso o significado de comunismo para o bolsonarismo, envolvesse ou se resumisse à apenas um ator e, com isso, fosse possível dizer que o

¹⁷ Como mostrarei nos capítulos seguintes, diversas vezes as forças tradicionais falaram abertamente sobre a necessidade da formação de uma mentalidade anticomunista no Brasil (Motta, 2020)

bolsonarismo interpreta o comunismo como a esquerda ou como o PT. Pelo contrário, este trabalho propõe uma explicação justamente para a variedade de atores que a ideia de comunismo para o bolsonarismo consegue envolver. Sem uma explicação que transcende as definições que limitam o anticomunismo ao comunismo, é impossível ter qualquer previsibilidade sobre quais atores podem ser atraídos, pois as classificações de comunismo feitas pelo bolsonarismo não podem ser explicadas somente nestes limites — quando isso é feito, o resultado costuma ser aquele que foi dito antes, o de que essas classificações seguem uma “aleatoriedade irracional”.

Portanto, o subconceito da *linha de continuidade* serve para mostrar os alicerces históricos que provocaram a amplitude semântica do conceito que proponho para explicar a ideia de comunismo para o bolsonarismo: o *magnetismo anticomunista*. A *linha* mostra de maneira ampla porque não é só o comunismo que é atraído para esta ideia e mostra qual é o dispositivo que determina o que será ou não atraído. Esta dissertação propõe chamar este "dispositivo" de *dinâmica do magnetismo semântico* e localizá-lo nas duas primeiras das seis etapas que compõem o *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista* (ver gráfico nº4): defesa do *status quo* e senso comum.

A terceira etapa é o *magnetismo semântico*. Ele atrai para o significado de comunista todos os atores questionadores do *status quo* político e econômico, e atrai para o significado de comunismo tudo aquilo que possa ofender o senso comum. Por outro lado, ele repele argumentos e movimentos que representam valores compartilhados pelo senso comum ou que são de interesse do *status quo*. Trata-se da mesma dinâmica magnética de um ímã: a atração ocorre entre polos diferentes e a repulsão entre polos iguais. Ou seja, o *magnetismo semântico anticomunista* atrai para a sua ideia de comunismo os fatores diferentes (ofensivos) do senso comum e do *status quo*; e repele os fatores iguais (compartilhados) ao senso comum e ao *status quo*. A razão desse comportamento semântico na formação da ideia de comunismo para o bolsonarismo/ anticomunismo, é conseguir cumprir a sua causa fundadora de defender o *status quo* das suas ameaças modernizadoras. Para isso, o anticomunismo tem desde o berço uma *dupla tarefa* cuja execução denota no que chamo de *tripla necessidade intrínseca ao anticomunismo* (TNIA). Os dois parâmetros da *dinâmica*, o *magnetismo semântico* e as *três necessidades*, formam as seis etapas do *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista* cujos aprofundamentos são feitos a seguir.

3.2. As três últimas etapas do *ordenamento* tornando a defesa do *status quo* sinônimo de defesa de valores do senso comum.

Dentre os subconceitos que utilizo para explicar o *magnetismo anticomunista*, está o que chamo de *tripla necessidade intrínseca ao anticomunismo* (TNIA). Classificá-las com o adjetivo “*intrínseca*” vem da relação delas com dois fatores fundantes do anticomunismo. O primeiro deles nós já vimos, trata-se da defesa do *status quo* (*gérmen*). E o segundo vem do caráter popular contido na ideologia que o anticomunismo faz oposição. Estes dois fatores fazem com que, desde sua origem, o anticomunismo tenha a *dupla tarefa* de 1- combater a capacidade de popularização do comunismo (e dos demais movimentos críticos que podem ser atraídos pelo magnetismo) e, ao mesmo tempo, 2- popularizar a manutenção do *status quo*. As *três necessidades*, portanto, referem-se às três etapas que o anticomunismo precisa concluir para conseguir ter êxito na execução dessas *duas tarefas*.

A primeira dessas necessidades surge devido ao anticomunismo ser um termo sem proposição positiva explícita¹⁸ e devido à composição do *status quo* conter dentre suas características fatores impopulares como a desigualdade social. Portanto, muitas vezes a defesa do *status quo* torna-se uma tarefa que precisa utilizar disfarces/ maquiagens/ *camuflagens* para auxiliar a popularização do *gérmen do anticomunismo*. Essas *camuflagens* tem como matéria-prima valores caros ao senso comum que serão manipulados para executar a *dupla tarefa* de atacar a oposição e conquistar a opinião pública. Esse é o panorama que justifica a escolha de classificar as *três necessidades* como *intrínsecas ao anticomunismo*. Por fim, essas três necessidades são as seguintes: 1) criar *camuflagens* para 2) atacar a oposição e 3) conquistar a opinião pública na defesa do *status quo*.

Percebe-se que as duas últimas se referem à *dupla tarefa do anticomunismo* e que elas só ocorrem após a primeira necessidade criar as *camuflagens* que servirão para a *tarefa* de combater a popularidade dos movimentos comunistas ou modernizadores (*atacar* a oposição) e para a *tarefa* de popularizar a defesa do *status quo* (*conquistar* a opinião pública na defesa do *status quo*). A construção exitosa dessas *camuflagens* ocorre após o *magnetismo semântico* usar o senso comum como referencial negativo do que será usado para atacar sua oposição e usá-lo como referencial positivo do que será apresentado como defesa do *status quo*. Portanto, estas necessidades (*camuflar, atacar e conquistar*) dão sentido prático para os dois parâmetros que compõem a *dinâmica semântica do magnetismo anticomunista*. Após os elementos do senso comum e do *status quo* passarem pelo escrutínio do *magnetismo semântico anticomunista*, eles servirão para sanar essas três necessidades que o anticomunismo tem para

¹⁸Com isso quero dizer que, como qualquer outro movimento “anti”, o anticomunismo não determina nenhum ideal específico além de um futuro sem comunismo.

conseguir executar sua *dupla tarefa* de combater a popularização das mudanças sociais e popularizar a defesa do *status quo*. Este é o *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista*.

Consequentemente, é a TNIA que faz com que mudando o senso comum altere-se também o argumento anticomunista, reestabilizando a rede. É devido a ela que o *magnetismo anticomunista* não atrai nada que prejudique sua capacidade de popularização e abandona o argumento que deixa de contribuir para popularizar a manutenção do *status quo*.

Se em cada época que se manifesta o magnetismo anticomunista incorpora os valores pacificados no senso comum em voga, este movimento de atração e repulsão está intimamente relacionado com o processo de mudança social causando instabilidades na rede dinâmica do significado de comunismo para o bolsonarismo. Por exemplo, no século passado o machismo e o erotismo eram usados pelo anticomunismo para acionar emoções humanas básicas e para alimentar uma paranoia coletiva. No senso comum daquela época, o machismo era literalmente lei¹⁹. Hoje em dia, esta forma legislativa não só não existe como foi substituída por leis em defesa da mulher e da igualdade de gênero²⁰. Essas mudanças sociais fizeram o magnetismo anticomunista abandonar os elementos que deixaram de fazer parte do senso comum para atrair novos elementos. O mesmo pode ser visto entre o século XIX e o século XX: quando a escravidão era o senso comum, acabar com a escravidão era comunismo (Bento, 2024, p. 25); já quando a escravidão se estabeleceu na opinião pública como algo repugnante, o comunismo passou a ser a escravidão (Motta, 2021, p. 130, 258, 274 e 295). Outro exemplo está na reação do jornal O Globo contra a campanha de alfabetização lançada pelo Ministério da Educação do governo de João Goulart. Trata-se de uma charge como ator não-humano alterando a rede da ideia de comunismo para o anticomunismo. Em 25 de janeiro de 1964, o jornal publicou a seguinte charge onde o alfabetizador é desenhado com um rabo diabólico contendo o símbolo do comunismo:

¹⁹ Por exemplo, o artigo 6º e o 247 do Código Civil de 1916 incapacitavam de alguns atos a mulher casada sem autorização do marido, e os artigos 178 e 219 legislavam sobre a virgindade da mulher.

²⁰ Além da Constituição Federal de 1988 estabelecer a igualdade entre homem e mulher, hoje temos, por exemplo, a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) e a Lei 14.899/2024 que prevê a criação de planos de metas no combate a violência doméstica contra a mulher.



Imagem nº3 - Charge retirada de Motta (2020, p. 119)

Na legenda da charge está escrito “Vamos soletrar: A salvação está nas reformas de base”. Uma tentativa de acusar as campanhas de alfabetização como propaganda do governo para suas reformas. Hoje não encontramos mais o argumento de que campanhas de alfabetização são característica do comunismo; na verdade, encontra-se mais a ideia de que o comunismo quer as pessoas ignorantes — é o que ocorre, por exemplo, na publicação no site do Instituto Liberal feita no dia 10 de outubro de 2022, do texto intitulado “A verdade sobre o comunismo: a ignorância encoberta pela propaganda”. Nela, o autor, João Luiz Mauad, defende que a ignorância é responsável pela adesão ao pensamento de esquerda (Mauad, 2022). Além disso, no capítulo 2 a relação do comunismo com a ignorância, burrice, etc, pode ser vista nas manifestações de Eduardo Bolsonaro, Jair Bolsonaro e Revista Oeste.

Estas mudanças acompanham o raciocínio sobre a relação entre senso comum e *status quo* na *dinâmica do magnetismo anticomunista*. Quando o analfabetismo fazia parte do *status quo*, alfabetizar a população estava disponível para ser atraído. Agora que a necessidade da alfabetização está pacificada entre a opinião pública, tal argumento não só não é mais utilizado, como é absorvido como argumento anticomunista e, assim como ocorreu com a escravidão, o comunismo passa a ser o analfabetismo. A *tripla necessidade* faz com que alguns argumentos passem a ser evitados, justamente porque o magnetismo do anticomunismo incorpora o senso comum de sua época. Sob escopo da *ANT*, estas são as “controvérsias” e “instabilidades” do meu objeto e a maneira como ele se reorganiza para se estabilizar novamente. Portanto, se o senso comum sofre alterações, alteram-se também os elementos atraídos pelo magnetismo do anticomunismo. Tudo isso acontece atendendo as *três necessidades* (camuflar, atacar e conquistar) que orientam a prática da *dinâmica do magnetismo anticomunista*. Esta dinâmica

está representada no gráfico abaixo feito para descrever a *dinâmica do magnetismo anticomunista*.

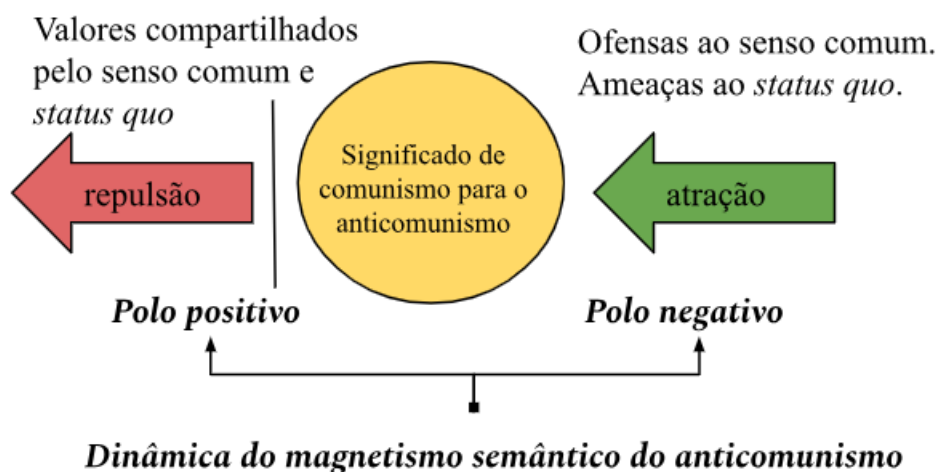


Gráfico nº3 - Dinâmica do magnetismo semântico do anticomunismo

Sendo assim, como vimos nos três exemplos anteriores (gênero, escravidão e alfabetização), o progresso das mudanças sociais interfere no magnetismo semântico. Chega-se ao ponto de o argumento que era usado para difamar as forças opositoras se tornar um valor defendido pela manutenção do *status quo*. Sobre o exemplo do gênero, e embora o comunismo ainda seja tratado como ameaça à família, foi a partir do avanço das pautas feministas que cessaram acusações como a de que o comunismo iria acabar com a família ao dar liberdade para a mulher trabalhar fora de casa (Motta, 2020).

Seguindo esta lógica entre progresso social e anticomunismo, está a primeira reunião de cúpula governamental feita somente para tratar do combate ao comunismo em relação ao Levante Comunista de 1935. A cúpula chegou à conclusão de que a melhoria da qualidade de vida seria um fator para combater a capacidade de convencimento dos argumentos comunistas (Motta, 2020, p. 225). O mesmo tipo de conclusão pode ser encontrado na Carta Encíclica do Papa Leão XIII, *Rerum Novarum*, publicada trinta e três anos depois do Manifesto Comunista, em 15 de maio de 1891. Com o subtítulo “Sobre as condições dos operários”, repleta de críticas ao capitalismo (a usura e a concentração de renda provocavam a miséria do proletariado) e de argumentos do anticomunismo católico (a providência do Estado socialista vai contra a “justiça natural e quebra os laços de família”), o Papa aponta a melhoria das condições sociais e trabalhistas como forma de enfraquecer o socialismo e o comunismo. Embora costume sofrer resistência para ser adotado, esse tipo de combate teve predominância por algumas décadas após a Segunda Guerra Mundial. Sob a principal influência do economista John Maynard

Keynes (1883-1946), ele foi “a pedra fundamental da política econômica nos países de capitalismo democrático reformado” (Hobsbawm, 1994)

Esta percepção de que melhorar a qualidade de vida da população é uma maneira de combater o comunismo e a explicação aqui defendida sobre dinâmica do magnetismo semântico do anticomunismo (envolvendo senso comum e *status quo*), são dois fatores que dão sustentação para a construção da noção de *tripla necessidade intrínseca do anticomunismo* e para a argumentação sobre a correlação que os argumentos utilizados pelo anticomunismo fazem com as condições do sistema capitalista e com as críticas vindas dos outros movimentos contestadores da ordem socioeconômica estabelecida. Portanto, defender o *status quo* resistindo às mudanças sociais que poderiam melhorar a qualidade de vida da população, resulta na primeira necessidade do magnetismo anticomunista: *camuflar* a verdadeira causa do anticomunismo que é defender o *status quo*. Estas camuflagens, oriundas da primeira necessidade, são construídas para atender as outras duas necessidades — *atacar* a oposição e *conquistar* a opinião pública — e usam valores caros ao senso comum para que a defesa do *status quo* se torne sinônimo da defesa de valores, moralidades e tradições compartilhadas pela maioria dos indivíduos de certa sociedade. Para essa criação ter maior chance de sucesso, é preciso utilizar a mídia, o sistema de ensino, a propaganda e, quando possível, os aparelhos repressivos de Estado. A seguir, utilizo alguns exemplos para demonstrar como a formação das camuflagens acontece em cada um desses setores.

Antes, preciso tecer algumas considerações sobre o termo “camuflagens”. Primeiro, não quero dizer que as forças tradicionais anticomunistas não tenham motivos para temer o comunismo, mas sim que alguns desses motivos podem ser vistos como alheios, ou contrários, ao interesse popular e, conseqüentemente, precisam, aí sim, utilizar essas camuflagens. Em segundo lugar, tanto a vasta teoria comunista, quanto fatos históricos das suas manifestações práticas, podem ser utilizadas como camuflagens quando são referidos à movimentos críticos que não são comunistas ou quando são referidos à movimentos comunistas que não defendem a teoria ou a prática utilizada no argumento anticomunista. Por exemplo; um movimento comunista, ou de esquerda, no Brasil ou em qualquer lugar, pode ser criticado por falhas ocorridas em experiências de governos comunistas ocorridos em outro país e em outros tempos; um projeto de lei produzido por um político comunista, ou de esquerda, que proponha alguma reforma social, pode ser acusado de usar o projeto como meio para atingir algum aspecto revolucionário, como o fim da propriedade privada, ou para uma revolução comunista por completo. Portanto, quando trato a seguir do combate à corrupção como uma camuflagem, não quero dizer que não existe corrupção no comunismo ou nos demais movimentos atraídos ao

termo pelo magnetismo; mas sim que como a corrupção do erário ocorre tanto nos países capitalistas quanto nos comunistas, tanto nos partidos de direita quanto nos de esquerda — o combate à corrupção se torna uma camuflagem quando a corrupção é relacionada ao comunismo como um diferencial ou como uma definição, equivalendo, por meio do magnetismo semântico, o combate à corrupção ao combate ao comunismo.

Combate à corrupção

O combate à corrupção é um elemento moralista recorrente nas camuflagens criadas pelo magnetismo anticomunista e aparece corriqueiramente ao lado do discurso anticomunista. Foi assim em 1937, em 1964 e também na história recente do Brasil (Motta, 2020, p. 314). Rodrigo P. Sá Motta, em livro sobre a ditadura militar, *Passados presentes* (2021), aborda a união entre corrupção, moralismo e anticomunismo. A passagem a seguir também pode ser utilizada para demonstrar a conexão entre o antimodernismo e o anticomunismo que abordei anteriormente.

A sensibilidade moral conservadora denuncia a corrupção na mudança de comportamentos trazida pelo mundo moderno, que ameaçaria a família e os valores tradicionais. Importante registrar que alguns discursos conservadores responsabilizam a esquerda pelos novos comportamentos, com o argumento de que interessa aos comunistas corromper tanto a moral como as práticas políticas, de modo a destruir a ordem e implantar um sistema revolucionário (Motta, 2021, p. 200)

Motta conta que, nas vésperas do golpe de 1964, a maneira vista como mais eficaz para mobilizar a opinião pública contra João Goulart era o anticomunismo. Segundo Motta, “chamar as pessoas às ruas contra um governo considerado corrupto, demagogo, reformista, caudilhista não era tão eficaz como mobilizá-las contra um governo acusado de bolchevizar o país” (2021, p. 71). Sob o ponto de vista aqui construído, esta eficiência do argumento anticomunista ocorre devido ao magnetismo semântico. Ele é o responsável por tornar o anticomunismo capaz de mobilizar todas as outras categorias do parágrafo citado acima (“comportamento”, “família e os valores tradicionais”). Embora a esquerda também tenha o combate a corrupção como uma de suas bandeiras (2021, p. 199), a utilidade política do tema pela direita é mais recorrente

ao menos no Brasil, a mobilização do tema tem sido particularmente marcante entre os segmentos de direita, que, apresentando-se como defensores da manutenção da ordem, mostram-se mais sensíveis às denúncias contra forças que pretendiam corromper a sociedade e os valores tradicionais (Motta, 2021, p. 199)

Esta passagem demonstra como a unificação entre corrupção e comunismo ocorre por meio da defesa do *status quo*. É o magnetismo anticomunista o elemento responsável por

conectar esses três fatores (corrupção, comunismo e *status quo*) e, por isso, é ele que pode explicar por que o tema da corrupção se repete mais no campo da direita do que na esquerda.

No golpe de 64, a relação entre esquerda, comunismo e corrupção se cristalizou na opinião pública (2021, p. 204). Após a tomada do poder, a mobilização permaneceu por meio do combate aos corruptos que, por serem “aliados dos comunistas”, não deixariam o novo regime ter sucesso. Segundo Motta, “Tratava-se de encontrar outro inimigo para combater, já que a ofensiva anticomunista não será suficiente como discurso legitimador para a ditadura e para suas ações e agentes repressivos”, no entanto, o problema da corrupção era mais percebido quando “os alvos estavam relacionados à esquerda” (2021, p. 205). Seguindo o raciocínio apresentado no subcapítulo anterior, essa troca de papéis entre o combate ao comunismo e o combate à corrupção, onde um substitui o outro no protagonismo argumentativo para conquistar a opinião pública, ocorre visando destacar o argumento que, em dado momento, têm mais capacidade para impactar o senso comum e convencê-lo da necessidade de defender a manutenção do *status quo*.

Apesar do barulho provocado, a “cruzada” do regime militar contra a corrupção se limitou ao confisco de bens de algumas dezenas de indivíduos e empresas, e à perseguição contra alguns políticos que, na maioria, eram desafetos da ditadura. Por outro lado, nenhum grupo empresarial que apoiou a ditadura foi investigado (2021, p. 213). Com a diminuição da censura ocorrida no passar dos anos, diversos escândalos de corrupção dos integrantes do regime militar vieram à tona (2021, p. 214). Segundo Motta, quanto mais liberdade de expressão havia, mais corrupção aparecia escondida pela censura e pelo autoritarismo (2021, p. 220). No fim, “não há qualquer evidência de que a ditadura tenha conseguido reduzir a corrupção pública” (2021, p. 221) e os escândalos de corrupção militar que foram revelados não provocaram reações dos grupos que haviam usado a anticorrupção como uma das justificativas na derrubada do governo de João Goulart. Como já pode ter ficado evidente, essas contradições podem ser explicadas sob a ótica do *magnetismo anticomunista* apresentada aqui: elas ocorreram porque na verdade o combate à corrupção era usado como camuflagens para atacar a oposição do regime militar e conquistar a opinião pública ao tornar a defesa do *status quo* sinônimo da defesa de moralidades compartilhadas pelo senso comum. A corrupção pode ser vista sendo associada pelo bolsonarismo ao comunismo nas falas de Bolsonaro que associam o Partido dos Trabalhadores (PT) ao comunismo e que associam os governos do PT à corrupção generalizada (capítulo 2).

Sem envolver a crença no exemplo usado a seguir, e relembrando as considerações sobre o termo “camuflagens” feitas anteriormente, um dos momentos fortes do anticomunismo católico está na aparição de Nossa Senhora de Fátima e na revelação das mensagens anticomunistas contidas nos “Segredos de Fátima”. Neste episódio sobrenatural ocorrido em 1917, Nossa Senhora teria aparecido diversas vezes para três crianças portuguesas: Lúcia dos Santos (1907-2005), Jacinta Marto (1910-1920) e Francisco Marto (1908-1919). O primeiro relato dessas aparições foi publicado no jornal português, *O Século*, em 17 de outubro do mesmo ano (Anexo nº4). O artigo, escrito pelo jornalista Avelino de Almeida e intitulado “Uma embaixada celestial... especulação financeira?”, relatava o que o jornalista presenciou ao compor a massa de pessoas que foi ao local das aparições no dia 13 de outubro e questionava se aqueles acontecimentos não seriam uma tentativa de valorizar os terrenos daquela região.

Dos três “pastorinhos de Fátima” (assim ficaram conhecidas as crianças envolvidas no caso), apenas Lúcia passou dos 11 anos de idade. Ela se tornou freira e em 1937 — em carta ao Bispo de Leiria, Dom José Alves Correia da Silva (1872-1957), intitulada “Segunda Memória da Irmã Lúcia” — falou pela primeira vez sobre o conteúdo dos “Segredos de Fátima” (Lúcia, 2007). Segundo a seção de apresentação do documento “Mensagem de Fátima” hospedado no site oficial da Santa Sé, em 1941 o mesmo Bispo orientou Irmã Lúcia a escrever, na íntegra, as duas primeiras partes do Segredo que foram publicadas no mesmo ano. Lúcia escreveu a última parte três anos depois, mas este texto se manteve oculto até o ano 2000.

O segundo segredo, publicado junto ao primeiro, afirma que Nossa Senhora de Fátima, dentre outras coisas, teria dito às crianças que a “Rússia iria espalhar seus erros pelo mundo”, caso o país não fosse consagrado ao Imaculado Coração de Nossa Senhora²¹. Segundo a orientação interpretativa feita pela própria Irmã Lúcia ao Papa João Paulo II, o conteúdo apocalíptico do terceiro segredo relata o que seriam os erros da Rússia sendo espalhados pelo mundo caso os pedidos de Nossa Senhora não fossem atendidos. Em carta escrita em 1982, Lúcia afirmou que a Rússia já estava fazendo isso

A terceira parte do segredo é uma revelação simbólica, que se refere a este trecho da Mensagem, condicionada ao facto de aceitarmos ou não o que a Mensagem nos pede: “Se atenderem a meus pedidos, a Rússia converter-se-á e terão paz; se não, espalhará os seus erros pelo mundo, etc”. Porque não temos atendido a este apelo da Mensagem, verificamos que ela se tem cumprido, a Rússia foi invadindo o mundo com os seus erros. E se não vemos ainda, como facto consumado, o final desta profecia, vemos que para aí caminhamos a passos largos. Se não recuarmos no caminho do pecado,

²¹ Trata-se de um ritual católico feito pelo papa, consiste em dedicar o país à Virgem Maria. Alguns papas já o fizeram, inclusive o recente papado do Papa Francisco (2013-2025).

do ódio, da vingança, da injustiça atropelando os direitos da pessoa humana, da imoralidade e da violência, etc (Santa Sé, 2000, online)

Devido a estas referências sobre o país que passou por uma revolução comunista no mesmo ano que as aparições teriam ocorrido, Nossa Senhora de Fátima se tornou padroeira da luta contra o comunismo (Motta, 2020, p. 271) e, por conseguinte, suas aparições muitas vezes tiveram uso político, sobretudo em Portugal (Santos, 2023 e Rampinelli, 2012). O ano do episódio sobrenatural foi o suficiente para elas serem interpretadas por muitos como uma resposta divina à Revolução Bolchevique (Motta, 2020, p. 124). Somado a isso, está o contexto político de quando Irmã Lúcia decidiu falar sobre o conteúdo da mensagem de Fátima e de quando a Igreja, sob autoridade do Bispo de Leiria, decidiu orientar Lúcia a redigir por completo os Segredos de Fátima: o final da década de 1930 e a década de 1940, respectivamente, foram palco da Segunda Guerra Mundial e de uma URSS pungente, dessa forma, o anticomunismo era uma força política muito presente nestes episódios.

Trazendo a discussão para o plano nacional, após a Proclamação da República a Igreja passou por uma queda de popularidade que só começou a ser contornada por meio do anticomunismo da década de 1930. Para interromper essa queda a Igreja se apresentou como capaz de parar o comunismo no Brasil (Motta, 2020, p. 189). Nesta mesma década, o ensino religioso voltou para as escolas públicas com os mesmos objetivos de combater o comunismo e interromper a queda de popularidade do catolicismo (2020, p. 190). Para esta pesquisa, o primeiro caso é mais um episódio que serve para relatar a tentativa de popularização de uma força tradicional (Igreja) por meio das camuflagens criadas pelo magnetismo anticomunista. Já o segundo caso versa sobre a utilização dos aparelhos estatais de ensino para, por meio dos valores religiosos, popularizar estas camuflagens no senso comum, criando uma mentalidade anticomunista (ver próximo capítulo).

Os valores religiosos são amplamente utilizados pelo bolsonarismo para definir seu significado de comunismo. No capítulo 2 isso pode ser visto com destaque nas falas de Lucas Pavanato e de Jair Bolsonaro.

Comportamento

O erotismo como camuflagem foi muito usado na primeira metade do século XX. Comunistas e comunismo foram diversas vezes representados como sedutores, tentadores e conquistadores da juventude. A sedução de jovens mulheres por militantes comunistas como uma maneira de trazê-las para a ideologia vermelha foi assunto do material produzido pelo grupo anticomunista “Liga da Defesa Nacional” em campanhas direcionadas à juventude que

buscavam apresentar o comunismo como uma ameaça à família. O material, publicado em 1973, tinha como título “*Brado de alerta*” e, dentre outras coisas, afirmava o seguinte:

Se se trata de uma moça, o mais coerente é ser algum militante de partido ou facção comunista destacado para fazer-lhe a corte. Aceita esta, aos poucos vai a moça sendo atraída, até apaixonar-se pelo recrutador. Não raro as facilidades levam a jovem a perder-se; a partir daí [...] torna-se joguete nas mãos do amante que a transforma, em curto prazo, em instrumento do grupo (Motta, 2020, p. 89).

O ano de 1973 também é palco de uma reincidente invenção da propaganda anticomunista originada na reação ao Levante Comunista de 1935. Em 02 de janeiro de 1936, o jornal *O Diário* publicou que os rebeldes que haviam conseguido o controle de Natal-RN “violaram virgens inermes” (2020, p. 93). Segundo Motta, esse rumor foi amplamente desmentido por fontes confiáveis. Mesmo assim seguiram se repetindo e, em 1973, José Campos de Aragão, no livro intitulado “*A Intentona Comunista de 1935*”, diz que os rebeldes, ao tomarem conta a capital do Rio Grande do Norte, organizaram desfiles de moças para que os chefes do levante pudessem escolher “três concubinas” (2020, p. 93, nota nº 246).

No século passado, era comum encontrar na imprensa brasileira e nos posicionamentos de outros anticomunistas, expressões como “livrar o operário da sedução comunista”, “a sedução do comunismo”, “sujeito ao namoro sedutor dos comunistas”, “quem resistirá à forte tentação?” (Motta, 2020, p. 92). Em artigo publicado também no jornal *O Diário*, em 24 de abril de 1936, o padre Sebastião Fujol argumentou que

Para o comunista, amor é instinto só. Não deve ter limitação nenhuma, nenhuma lei. Porta aberta a todas as paixões sexuais. Assim, tudo o que favorece a exibição de sexo, como jornais, revistas, filmes, certos programas de TV, concursos de beleza, tudo é um convite ao amor livre. Preparação para o comunismo. (Motta, 2020, p. 89)

Essas percepções podem ser encontradas ainda hoje e costumam ser mobilizadas para atacar as universidades públicas como, por exemplo, no documentário produzido pela Brasil Paralelo, *Unitopia* (2024), publicado no site de vídeos *YouTube*. Os primeiros minutos da peça são dedicados à entrevistas com universitários conservadores relatando que, nos seus primeiros momentos no *campus*, presenciaram homens homossexuais *seminus* se beijando, mulheres com os peitos para fora e pessoas *seminuas* pintadas de vermelho.

Democracia e valores democráticos

Outra camuflagem muito utilizada até hoje é a defesa da democracia. Sua retórica, típica da matriz liberal do anticomunismo, se baseia na construção de uma oposição entre a

democracia e o comunismo. Essa camuflagem ganhou notoriedade após os regimes autoritários caírem em descrédito devido ao nazifascismo da Segunda Guerra Mundial (Motta, 2020, p. 66). Adotar a democracia como sistema político passou a ser um dos requisitos para o alinhamento político internacional do ocidente (2020, p. 67) e, consequentemente, a nossa Constituição Federal de 1946 (CF 46) estabeleceu a democracia “como fundamentação ideológica do regime político instaurado”. Sendo assim, os grupos anticomunistas passaram a destacar a democracia nas suas representações, algo comum nos anos que precederam o golpe de 1964. Segundo Motta, embora houvessem

muitos atores sinceramente democratas atuando naquele cenário [...] boa parte dos discursos em defesa da democracia não passava de exercício retórico [...]. No fundo, democrata significava simplesmente o oposto de comunista, quer dizer, anticomunista, o que era uma licenciosidade conceitual muito conveniente, pois permitia usar o simpático adjetivo para designar grupos que nada tinham de democráticos (2020, p. 66).

Para se tornar uma camuflagem, o conceito de democracia foi, portanto, esvaziado e ocupado pelo anticomunismo, permitindo a assimilação de “grupos que nada tinham de democrático”, dentre eles, o grupo que ocupou o poder em 1964. Sob o ponto de vista construído nesta dissertação, algumas reflexões teóricas podem ser feitas sobre a relação entre democracia, comunismo e anticomunismo.

O esvaziamento do conceito de democracia, permite que ela seja definida pela oposição ao comunismo, ou seja, pelo anticomunismo. Ocorre que, como vimos, o anticomunismo é um conceito cuja definição só não é completamente esvaziada porque segue o *ordenamento padronizado* para defender o *status quo* em poder de forças tradicionais que não costumam ter grande estima nas pautas democráticas. Esta movimentação semântica circular de conceitos políticos, nada mais é que a dinâmica do magnetismo atuando para sanar a sua *tripla necessidade*. Este processo de esvaziamento de conceitos políticos populares para preenchê-los com causas impopulares é a construção das *camuflagens* e estrutura o cenário para o autoritarismo usar a democracia ao seu favor contra o “comunismo”. Ou seja, num contexto político onde a democracia faz parte do senso comum, o magnetismo semântico do anticomunismo faz a defesa da democracia (camuflagem popular) tornar-se justificativa para uma ditadura (causa impopular) conservadora (defesa do *status quo*, causa do anticomunismo) em nome de evitar a suposta ameaça comunista. Nas vésperas do golpe de 1964, por exemplo, as manifestações contra João Goulart levantavam cartazes com dizeres como “Democracia tudo, comunismo nada” (2020, p. 291).

[...]a falta de compromisso da frente anticomunista com a democracia efetiva ficou patente nas características adotadas pelo regime político derivado do movimento de 1964. No entanto, seria exagerado dizer que todos os grupos direitistas usaram o argumento democrático só como fachada. [...]Por outro lado, alguns setores consideravam “democracia” mero sinônimo de regime de livre-iniciativa (Motta, 2021, p. 272)

No que concerne a ideia de comunismo para o bolsonarismo, o mesmo comportamento citado acima pode ser observado após o resultado das eleições de 2022, quando os eleitores do candidato derrotado, Jair Bolsonaro, acamparam na frente de quartéis do exército para pedir uma intervenção militar (apelidada pelo bolsonarismo de “intervenção federal”, conforme pode ser visto no pequeno cartaz verde-claro que a moça de camisa amarela e calça preta segura na imagem abaixo) em defesa da “liberdade” ameaçada por uma “ditadura comunista”. Estes eventos foram amplamente divulgados pela imprensa brasileira, como o fez o portal Uol em 2 de novembro de 2022, em reportagem intitulada “Ato bolsonarista no DF reúne religiosos e monarquistas em clamor por golpe” (Andrade, 2022). Em consonância com o exemplo histórico citado acima, foi mais uma vez em nome da defesa de valores democráticos, como a liberdade, que a ameaça de uma ditadura comunista foi utilizada para pedir por uma ditadura conservadora/ reacionária/ neofascista.



Imagem nº4 - Foto de Hanrrikson de Andrade, publicada no portal UOL em 02/11/2022

Quando as propostas comunistas para a propriedade privada são postas de maneira exagerada e o anticomunismo afirma, por exemplo, que o comunismo quer tomar a casa de todos cidadãos, o direito à propriedade privada se apresenta como outro valor das democracias atuais que pode ser utilizado como camuflagem pelo magnetismo. Segundo Motta, em 1964 “a propriedade era um valor mais querido que a democracia” (Motta, 2020, p. 306) e durante a história do anticomunismo brasileiro, a defesa da propriedade foi mais recorrente do que “profissões de fé no capitalismo” (2020, p. 67). Sob a análise do magnetismo anticomunista,

essa diferença de recorrência entre esses dois argumentos ocorre para favorecer o argumento com maior capacidade de popularizar a defesa do *status quo*. A crença no capitalismo como sistema mais adequado era, naquele momento, menos capaz de popularizar a manutenção do *status quo* do que era a defesa da propriedade.

O uso desses valores democráticos como camuflagem serve para evitar a impopularidade que pode ser causada ao declarar abertamente a intenção autoritária de um golpe ou a manutenção de um sistema econômico desigual. Portanto, é a impopularidade do objetivo político das forças tradicionais que faz o magnetismo anticomunista ser utilizado para tentar popularizar a manutenção do *status quo* ao atrair valores democráticos para seu discurso. Com outras palavras, Motta descreve o que acabei de dizer da seguinte forma

A oposição entre “comunismo” e “democracia” foi outro elemento marcante no conjunto das representações do período. Inúmeros grupos direitistas denominaram-se democratas e se declararam defensores da democracia, bem como propuseram reformas democráticas em lugar das reformas “comunistas” atribuídas ao governo Goulart. A tendência devia-se, em parte, a uma tentativa de identificação com os valores do mundo ocidental, quer dizer, com os Estados Unidos. Por outro lado, a expressão possuía a vantagem de oferecer apelo mais amplo e até certo ponto neutro, efeito que não seria alcançado se os inimigos do comunismo fossem identificados como “católicos”, por exemplo. (Motta, 2020, p. 271)

A última frase de Motta acima descreve exatamente o porquê de o anticomunismo utilizar as camuflagens: para popularizar sua defesa do *status quo* por meio de “expressões” que tenham “a vantagem de oferecer apelo mais amplo e até certo ponto neutro”. E, seguindo a noção de *dinâmica do magnetismo semântico*, a escolha dessas expressões varia conforme as características do comunismo de determinada época. Por exemplo, até a década de 60 o crescimento econômico da URSS fazia as críticas anticomunistas se voltarem para os costumes e para a religião, evitando o tema da economia. O pensador católico, Tristão de Athayde, em texto escrito em 1936, dizia que “a estratégia de criticar a URSS do ponto de vista econômico” era “equivocada e pouco eficiente” (2020, p. 68).

Sobre a relação do comunismo com o ataque a valores morais básicos da humanidade, a disseminação da propaganda anticomunista também opera para sanar a *tripla necessidade do anticomunismo*. A torção semântica de transformar o comunismo em sinônimo de transgressões à moralidade dominante, serve para atingir o senso comum e fazer a defesa do *status quo* se tornar a defesa da moralidade. Em contrapartida, e sob a metodologia aqui utilizada, essa torção e a capacidade do anticomunismo de classificar como comunista todas pautas e movimentos que questionem ou ameacem o *status quo*, revelam o *gérmen* do anticomunismo, ou seja, revela que a verdadeira preocupação é a manutenção do *status quo*.

Esta manobra política ocorre também na torção semântica de outros conceitos políticos, como a “democracia”, que vimos anteriormente, e “soberania” e “fronteira”, que tratarei a seguir.

Soberania, fronteira e economia

Sob promoção americana, o governo brasileiro do general Castelo Branco e o governo argentino do general Juan Carlos Onganía passaram a construir uma nova ideia de soberania que não era somente baseada em fronteiras geográficas, mas também ideológicas. Dessa forma, caso alguma força política opositora chegasse ao poder em algum Estado aliado, a intervenção militar dos EUA seria uma possibilidade com respaldo legal (Wallerstein, 2007, p. 16). Com isso, outro mecanismo foi desenvolvido para servir à manutenção do status quo: as chamadas *standby force*²², nome dado aos agrupamentos militares de países membros de órgãos internacionais, como a OEA, colocados à postos “para intervir em defesa das fronteiras ideológicas, onde quer que uma ameaça de subversão se manifestasse” (2007). Em *História Militar do Brasil* (1965), Nelson Werneck Sodré (1911-1999) afirma que após a Segunda Guerra o grande esforço do imperialismo americano no Brasil era difundir o anticomunismo nas forças armadas convidando os integrantes do Estado Maior do Exército brasileiro para viagens de estudos anticomunistas e, assim, aproveitar a estrutura da hierarquia militar para, de cima para baixo, espalhar o anticomunismo nos quartéis (1965, p. 406).

Sendo assim, todas essas torções semânticas causadas para servir à defesa do *status quo* foram se acumulando e se relacionando no decorrer das décadas. Os elementos atraídos pelo magnetismo vão se alterando de acordo com as mudanças ocorridas nas correntes políticas ou na sociedade. A década de 1970, por exemplo, traz consigo as primeiras manifestações práticas do neoliberalismo, ocorridas primeiro no Chile de Augusto Pinochet e depois na Inglaterra de Margareth Thatcher. Como vimos, a tática de esvaziamento de conceitos políticos para torcer sua semântica em sentido diverso, já vinha sendo feita com o conceito de democracia há algum tempo antes da década de 70, o incremento do neoliberalismo neste processo foi fazer da democracia um “subproduto do neoliberalismo econômico”, e não mais um meio para o desenvolvimento (Batista, 1994, p.11).

No final da década de 80, a ascensão do neoliberalismo deu forma ao documento chamado “Consenso de Washington”²³, cujo teor contém o anticomunismo como um dos ditames da política externa americana. Ele delibera que os países latinos deveriam adotar

²² “Forças de guarda” em tradução livre

²³ O Consenso de Washington defendia a ingerência de instituições americanas em países subdesenvolvidos visando a proliferação de medidas econômicas neoliberais (Batista, 1994).

políticas neoliberais de austeridade para que pudessem receber financiamento de instituições americanas. O economista coreano Ha-Joon Chang tornou-se um dos maiores críticos do Consenso de Washington. Em seu livro *Chutando a escada*, lançado em 2002, Chang descreve como as exigências do Consenso adotadas no final do século XX iam contra o caminho trilhado pelos países desenvolvidos.

[...] a atual política ortodoxa faz o possível para "chutar a escada". O fomento à indústria nascente (mas, convém ressaltar, não exclusivamente via proteção tarifária) foi a chave do desenvolvimento da maioria das nações, ficando as exceções limitadas aos pequenos países da fronteira tecnológica do mundo ou muito próximos dela, como a Holanda e a Suíça. Impedir que as nações em desenvolvimento adotem essas políticas constitui uma grave limitação à sua capacidade de gerar desenvolvimento econômico (Chang, 2004, p. 26)

Essa barreira neoliberal de desenvolvimento dentro do próprio sistema capitalista e o anticomunismo operando como barreira à outras alternativas de desenvolvimento, servem para o controle político e econômico dos países periféricos. Como o neoliberalismo vai de encontro à base econômica defendida pelo comunismo, de forte intervenção estatal e investimento público (Harvey, 2014), é natural que o anticomunismo e seu magnetismo estejam presentes nos mecanismos do neoliberalismo. Segundo Harvey,

o neoliberalismo se tornou hegemônico como modalidade de discurso e passou a afetar tão amplamente os modos de pensamento que se incorporou às maneiras cotidianas de muitas pessoas interpretar, viverem e compreenderem o mundo (2014, p. 13)

Um dos aspectos dessas maneiras neoliberais de interpretar e compreender o mundo, é a noção de “realismo capitalista” de Mark Fisher (2020). Nela, ser realista é aceitar que o capitalismo venceu e que não há alternativa de sociedade, o “capitalismo é único jogo a ser jogado” e, assim, os protestos passam a acontecer sem propor alternativas sistêmicas e as pessoas passam a acreditar que a caridade, sozinha, pode resolver os problemas sociais, “sem precisar de nenhum tipo de organização política ou de reorganização sistêmica” (2020, p. 29).

Devido ao “realismo capitalista”, o ser humano — que no século passado adotava lemas como o da geração de 68, “sejamos realistas, tentemos o impossível!” — deixa de sonhar com um mundo melhor e passa a sonhar somente com seu sucesso individual no sistema capitalista. Noções como a “ontologia empresarial” (“empresarização” de tudo) e meritocracia, além do enfraquecimento dos sindicatos — que antes serviam para oferecer explicações sistêmicas aos problemas vividos pelos trabalhadores — fizeram com que os problemas sociais, oriundos do sistema econômico, fossem “privatizados”, ou seja, tratados como doença psíquica, cuja

solução passa a residir dentro das mentes, não mais na esfera social (Fischer, 2020). A meu ver, o longo trabalho do magnetismo semântico do anticomunismo para desacreditar e enfraquecer as críticas sistêmicas ao capitalismo, serviu como “pavimentador” do avanço dessas ideias neoliberais a partir da década de 1970.

Uma última consideração sobre as relações entre o magnetismo comunista e o neoliberalismo. No subcapítulo 2.1, após o marxista Gustavo Machado dizer que é a favor do aborto legal, Luvas Pavanato diz que, sendo assim, Gustavo acredita que “seres humanos mais desenvolvidos têm mais valor e o mais frágil têm que ser descartado” porque, “assim como todo marxista”, Gustavo é “utilitarista”. Ao fazer isso, Pavanatto, seguindo o ordenamento do magnetismo anticomunista, acaba atribuindo ao marxismo noções típicas de pensadores neoliberais, como a defesa da maioria, a defesa do mais forte e a meritocracia (Brown, 2019) que são associadas por serem ofensivas ao senso comum.

Política exterior e maniqueísmo

Da mesma forma que acontece com o anticomunismo, o uso de valores morais na justificativas das invasões militares deu a elas uma aura da luta do bem contra o mal e, logicamente, todos querem se ver do lado do bem (Wallerstein, 2007, p. 25). Dessa forma, as incursões militares das grandes potências tornaram-se defesa dos interesses universais da humanidade que “todos” concordam e compartilham; formando o que Wallerstein chama de *Universalismo Europeu* (2007, p. 60).

O que estamos usando como critério não é o universalismo global, mas o universalismo europeu, conjunto de doutrinas e pontos de vista éticos que derivam do contexto europeu e ambicionam ser valores universais e globais — aquilo que muitos de seus defensores chama de lei natural — ou como tal são apresentados. Isso justifica, ao mesmo tempo, a defesa dos direitos humanos dos chamados inocentes e a exploração material a que os fortes se consagram. É uma doutrina moralmente ambígua. Ela ataca os crimes de alguns e passa por cima dos crimes de outros, apesar de usar os critérios de uma lei que se afirma natural (2007, p. 60)

Adequando o objeto desta dissertação nesta passagem de Wallerstein (2007), em primeiro lugar, o anticomunismo é uma dessas “doutrinas e pontos de vista éticos” que compõem o universalismo europeu. Em segundo lugar, seja o anticomunismo literal ou o magnético, as produções da dinâmica do seu magnetismo participam da seleção de quem terá seus crimes tolerados ou perseguidos. Em terceiro lugar, segundo Wallerstein, o conceito de universalismo europeu funciona como uma espécie de fábrica de senso comum, ou seja, uma fábrica de produzir “um conjunto de doutrinas e pontos de vista éticos que derivam do contexto

européu e ambicionam ser valores universais e globais” (2007), o que se assemelha ao ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista.

Assim como a defesa dos valores religiosos que falamos anteriormente, a defesa dos valores tido como universais para a humanidade têm forte apelo emocional e leva o anticomunismo para um estágio maniqueísta no qual suas representações radicais têm mais probabilidade de acontecer

Este maniqueísmo é visto nas “três ondas anticomunistas” (Motta, 2020, p. 309): década de 1930, no pré-golpe de 1964 e atualmente. Na segunda onda, por exemplo, o maniqueísmo anticomunista da Igreja Católica, e do empresariado brasileiro, se manifestou das seguintes maneiras: em documento publicado na edição de 10 de março de 64 do *Jornal do Brasil*, a Igreja afirmava que seus membros não podiam ficar “omissos e desinteressados na luta do bem contra o mal, da luz contra as trevas, do heroísmo contra a covardia”. Dois dias depois, no mesmo jornal, o empresariado registrou seus temores da seguinte maneira “a causa principal dos males, cabe insistir, reside no desvirtuamento da autoridade civil que faz o jogo da investida totalitária, transigindo, ostensivamente, com os comunistas” (Motta, 2020, p. 289).

Um dos exemplos mais conhecidos do maniqueísmo produzindo radicalismos ocorreu na década de 50, nas ações do político americano Joseph Raymond McCarthy (1908-1957). Sua tática, chamada de macarthismo, consistia em usar a mídia para denunciar, de maneira leviana, supostos comunistas dentro do governo americano. Essa perseguição foi apelidada como “caça às bruxas” devido ao aspecto fantasioso que carregava consigo. No Brasil, o almirante Pena Boto é quem incorpora o papel de McCarthy, fazendo surgir o termo penabotismo como a versão brasileira do anticomunismo exagerado do macarthismo. Ambos tinham a “ênfase em denunciar a infiltração comunista no governo” e a “atração pela polêmica jornalística” como estratégia (Motta, 2020, p. 166). No entanto, essa tática não era novidade no Brasil. Antes de Pena Boto e McCarthy, o deputado Adalberto Correia já utilizava os mesmos métodos quando se tornou presidente da Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo, criada em 1936, durante a primeira onda anticomunista, em resposta à “Intentona” Comunista de 1935. Os anticomunistas que não queriam ser vistos como fanáticos irracionais buscavam se distanciar de Pena Boto; o deputado Amaral Netto, por exemplo, discursou que não queria que confundissem seu “anticomunismo com penabotismo” (2020, p. 232). Mesmo assim, Pena Boto foi durante muito tempo a liderança mais atuante do anticomunismo no Brasil. Dentre as diversas organizações anticomunistas que tiveram destaque no Brasil do século XX, a organização chefiada por ele, a Cruzada Brasileira Anticomunista, se destaca

como a mais atuante no estrangeiro. Seus eventos no Brasil eram capazes de reunir entidades internacionais contra o comunismo (Motta, 2020, p. 164).

Os efeitos extremos que o maniqueísmo é capaz de causar por meio dos seus argumentos dramáticos, servem para o objetivo do magnetismo anticomunista de criar camuflagens para atingir a opinião pública por meio do senso comum. As pesquisas de Noam Chomsky em *Poder e Terrorismo* (2005) trazem algumas percepções sobre esta utilidade do anticomunismo. Como disse anteriormente, a interpretação do anticomunismo que proponho traz um pouco de todas as análises que foram arroladas por Motta (2020, p. 18) e, embora algumas delas sejam vistas como teorias conspiratórias, as interpretações sobre o anticomunismo que envolvem uma deliberada manipulação do termo por setores capitalistas ocidentais, recebem certa sustentação de veracidade nas pesquisas documentais de Chomsky.

(...) o medo do comunismo sempre foi uma completa fraude. Sabemos disso (...) a partir de documentos internos confidenciais liberados para divulgação pública. A coisa vem do governo Kennedy. Creio que é por isso que nunca é citada (Chomsky, 2005, p. 95).

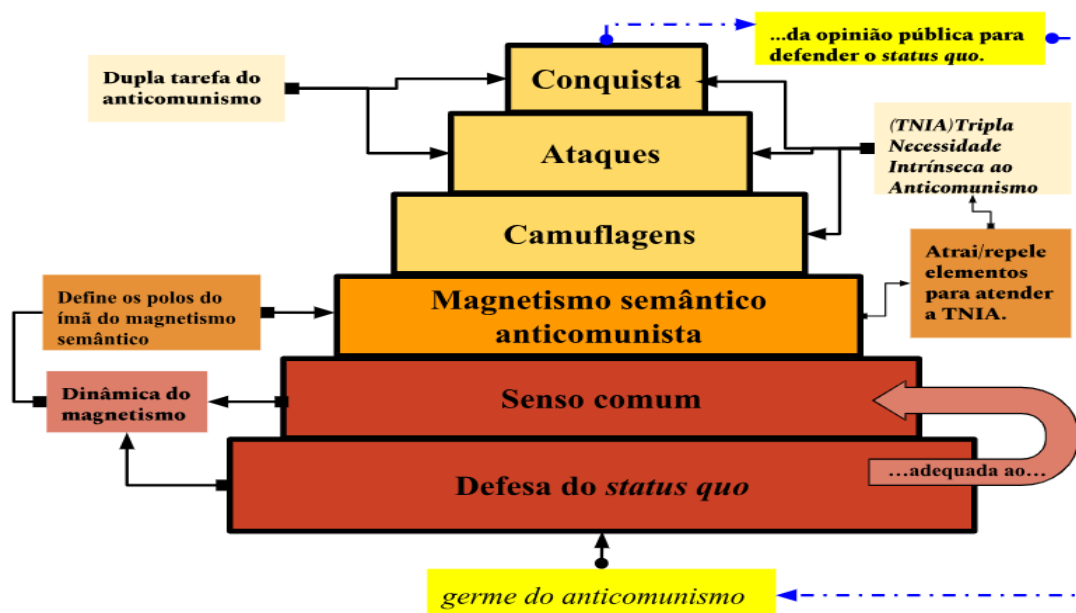
Essa “fraude”, segundo Chomsky, tem serventia para a organização empresarial mundial que atua pela “manutenção do *status quo* internacional”, mesmo que, para ter sucesso nessa manutenção, seja necessário desrespeitar a soberania de outros países (Lima Jr., 2008, p. 125). Esta percepção ajuda a entender a política externa adotada por EUA e Reino Unido que desde o século passado é voltada para a “tarefa de manter um império global”. Segundo Chomsky, as guerras do século XX, incluindo a Guerra Fria, seriam uma luta pelo controle do maior número de trabalhadores (Barsky, 2004, p. 57 *apud* Lima Jr., 2008, p. 124).

Ao unir a manutenção do *status quo* com o “controle dos trabalhadores”, estas observações convergem para a definição de anticomunismo que venho construindo aqui, sobretudo sobre a *tripla necessidade intrínseca do anticomunismo*. Como o controle de trabalhadores que Chomsky fala ocorre por motivações econômicas, controlar a mão de obra não requer apenas ferramentas econômicas, mas também psicossociais, dentre elas, a meu ver, está a ferramenta retórica do magnetismo anticomunista. Se a causa do anticomunismo é a manutenção de um *status quo*, e esse *status quo* se sustenta na exploração do trabalho da maior parte da população, a manutenção desta realidade é naturalmente antipopular, por isso, para sanar essa impopularidade da causa do anticomunismo, precisa atender as três necessidades que temos falado.

Sendo assim, o anticomunismo precisa mascarar sua causa, ou seja, criar *camuflagens* populares, caso contrário, as duas necessidades restantes — *atacar* a concorrência e *conquistar* os trabalhadores — ficam comprometidas. É para sanar essa tripla necessidade, intrínseca à natureza do anticomunismo, que age o fator magnético que tenho falado. Ao conectar seus diversos adversários num mesmo conceito que será constantemente alvo de todos tipos de ataques perante a opinião pública, sejam estes ataques fundamentados em fatos ou não, o anticomunismo consegue sanar as três necessidades ao mesmo tempo. Isso se dá pois o magnetismo anticomunista reúne em si toda a concorrência ao *status quo* e, com isso, faz com que qualquer proposta de alteração social seja passível de ser enquadrada como comunista e, por conseguinte, seja alvo da retórica anticomunista longamente desenvolvida e disseminada.

3.3 - O ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista e seu enquadramento na ANT

A pirâmide a seguir representa graficamente a minha proposta para explicar o *magnetismo anticomunista*. Sua estrutura é formada para mostrar como os subconceitos apresentados aqui procedem para atingir a causa do anticomunismo. Chamo esse procedimento de *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista*. Portanto, no gráfico estão representados todos os subconceitos contidos no conceito de *magnetismo anticomunista*: o *germe* do anticomunismo, a *dinâmica do magnetismo semântico do anticomunismo* e a *tripla necessidade intrínseca ao anticomunismo* (TNIA). Trata-se do processo pelo qual o anticomunismo, por meio do magnetismo, cumpre o seu papel de defender o *status quo* e reagir às mudanças sociais propostas pelas forças modernizadoras.



Por via de regra, os gráficos em pirâmide são feitos com a ideia de que sua estrutura tem como objetivo sustentar as classes e estamentos “superiores”. No entanto, a pirâmide acima não serve ao propósito de representar a estratificação de uma sociedade, mas sim de simbolizar o *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista*. Sendo assim, sua estrutura tem como objetivo atingir o elemento contido na sua base. Ou seja, o topo da pirâmide — que é a conquista da opinião pública — representa o sucesso da sua base: a defesa do *status quo*. A *ANT* chamaria isso de “estabilização”. As etapas no meio do caminho representam o processo pelo qual o *germe do anticomunismo* consegue, por meio do *magnetismo anticomunista*, executar a sua *dupla tarefa* de despolarizar sua oposição e de popularizar a manutenção do *status quo* na opinião pública.

Devido à esta dissertação usar a *ANT* como método, é possível que indaguem o porquê deste gráfico não ser uma rede. A resposta para esta indagação está no primeiro parágrafo deste trabalho e a explicação desta resposta está no capítulo 1. Em suma, o gráfico não é uma rede pois a intenção deste trabalho não é apresentar uma fotografia datada da ideia de comunismo para o bolsonarismo, mas sim apresentar uma descrição de como essa ideia se forma, se altera e se mantém. Portanto, a pirâmide acima refere-se ao procedimento que forma as redes da ideia de comunismo para o anticomunismo/ bolsonarismo ou, em termos da *ANT*; a) refere-se ao processo dinâmico que liga os atores e forma a rede (Latour, 2012) da ideia de comunismo para o anticomunismo/ bolsonarismo em determinado tempo histórico ; b) refere-se à o que John Law (1994) chama de “modos de ordenação” para designar como as redes são estabilizadas e criam padrões de organização; c) contempla o que Callon (1986) chama de quatro etapas do processo de tradução.

De baixo para cima, descrevo a seguir cada elemento do gráfico. Depois de descrever cada um deles, apresentarei suas equivalências na *ANT*.

No primeiro degrau, como base da pirâmide do ordenamento do magnetismo anticomunista, está o *germe do anticomunismo*: a defesa do *status quo*. Ele também representa um dos elementos que compõe a *dinâmica do magnetismo semântico anticomunista*, sendo, portanto, um dos parâmetros para definir o que será atraído, ou repelido, como significado de comunismo para o anticomunismo/ bolsonarismo.

No segundo degrau está o segundo parâmetro que compõe, junto com o *status quo*, a *dinâmica do magnetismo anticomunista*: o senso comum. Ambos servem de parâmetro para, em conjunto, padronizar o comportamento dos *polos do magnetismo semântico anticomunista*

ao atrair (polo negativo) tudo aquilo que ameaçar o *status quo* e ofender o senso comum, e repelir (polo positivo) tudo aquilo que agrada o *status quo* e o senso comum. A frase formada por meio da seta ao lado direito do gráfico, “Defesa do *status quo* adequada ao senso comum”, define a relação entre a base e o primeiro degrau da pirâmide: a defesa deve ser feita tendo como referência a composição do senso comum. Esta condição faz o degrau seguinte ser ocupado pelo magnetismo semântico anticomunista que surge para, por meio dos três degraus que o sucedem, cumprir a *dupla tarefa* de despolarizar a oposição e popularizar a defesa do *status quo*.

No terceiro degrau, em laranja, está o *magnetismo semântico anticomunista*. O “mediador” (*ANT*) entre os dois elementos que formam o subconceito de *dinâmica do magnetismo* e as três necessidades da TNIP. Essa posição se dá pois ele funciona como um ímã que seleciona os fatores que serão transportados dos dois primeiros degraus para sanar as necessidades dos três últimos e, por fim, atender a sua base, finalizando o *ordenamento*. É ele que completa o efeito magnético dos polos negativo e positivo, descritos no parágrafo acima, ao apresentar o significado de comunismo para o anticomunismo/ bolsonarismo como o objeto detentor do magnetismo semântico cujos polos têm como parâmetro de atração e repulsão a composição do senso comum e do *status quo*. Dessa forma, fica definido o padrão classificatório para a) o que será e o que não será comunismo; e, b) quem será e quem não será comunista para o anticomunismo/ bolsonarismo. O gráfico nº3 descreveu exatamente esse raciocínio: o senso comum e o *status quo*, em conjunto, são os parâmetros para “atrair (polo negativo)” ao significado de comunismo para o anticomunismo/ bolsonarismo “tudo aquilo que ameaçar o *status quo* e ofender o senso comum, e repelir (polo positivo)” desse significado “tudo aquilo que agrada o *status quo* e o senso comum”.

O magnetismo anticomunista atua, portanto, para impedir a popularização das forças modernizadoras e, ao mesmo tempo, popularizar a manutenção do *status quo* adequando sua defesa aos valores do senso comum. Para conseguir êxito nesta *dupla tarefa* e realizar a causa da base da sua pirâmide, surge o subconceito de *tripla necessidade intrínseca ao anticomunismo* (TNIA) formando os três últimos degraus: **camuflagens** para **atacar** a oposição e **conquistar** a opinião pública na defesa do *status quo* — saindo, portanto, do topo da pirâmide para retornar à sua base (conforme traçado em azul no gráfico). Estabilizando, assim, o *ordenamento padronizado do magnetismo semântico do anticomunismo*.

Estas explicações que apresentei se relacionam da seguinte maneira com os termos técnicos da *ANT* que foram apresentados no capítulo 1:

Seguindo as quatro etapas da tradução de Callon (1986), o *ordenamento padronizado* se enquadra da seguinte forma: a defesa do *status quo* é a etapa de problematização pois define o problema (defender o *status quo*) e os atores relevantes (forças modernizadoras e forças tradicionais); o senso comum é a etapa de *interessement* pois sua composição alinha os interesses dos atores selecionando o que será ofensivo ao senso comum; o magnetismo semântico é o *enrollment* pois estabelece papéis na rede atraindo e repelindo atores; e a *tripla necessidade intrínseca ao anticomunismo* é a etapa de *mobilization* pois garante que os atores representem a rede. Os *ataques* são uma tradução pois configuram a rede da ideia de comunismo para o anticomunismo/ bolsonarismo visando desestabilizar a oposição; e na *conquista* é onde ocorre a estabilização do *ordenamento* ao tornar o significado de comunismo uma *caixa-preta*, naturalizando seu significado.

Neste *ordenamento*, o *magnetismo semântico* é também o que Bruno Latour chama de “ponto de passagem obrigatória” (*obligatory passage point*) (2005): um “funil” onde todos atores devem passar para que a rede do significado de comunismo para o bolsonarismo/ anticomunismo se estabilize. Os atores do senso comum e do *status quo* que são atraídos precisam da mediação do *magnetismo semântico* para servirem às práticas da TNIA. Portanto, a remoção do *magnetismo semântico* da pirâmide resultaria no colapso do processo de tradução ocorrido no *ordenamento*.

A composição do *status quo* e a composição do senso comum podem ser vistos como que Latour chama, em *Science in Action* (1987), de atores-chaves (*key actors*). Pois suas composições alteram radicalmente a rede, pois elas não estão apenas presentes fazendo conexões, mas sim alterando todas as conexões feitas entre todos atores da rede e entre todas etapas do *ordenamento*, fazendo delas também atores-chave do próprio modo de ordenação do magnetismo anticomunista.

Por fim, a ideia de comunismo para o bolsonarismo/ anticomunismo de certo momento é um quadro de referências instável (Latour, 2012) formado pelas associações em rede dos atores humanos e não humanos de certa época. Ela ocorre como efeito de uma rede cujo modo de ordenação (Law, 1994) é o *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista*, e cuja estabilidade depende das traduções feitas entre os atores que a compõem.

CAPÍTULO 4 - O magnetismo anticomunista concretizado em práticas históricas do século XX.

Neste capítulo apresento como o *magnetismo anticomunista*, pode ser encontrado em momentos históricos que demonstram sua formação e seu desenvolvimento. Portanto, a história do anticomunismo mobilizada a seguir têm como critério de recorte os movimentos de associação com o *magnetismo anticomunista*; não só com o anticomunismo comum, mas com a concretização da atração de atores heterogêneos ao significado de comunismo. Como vimos no capítulo anterior, o *magnetismo* já havia atraído o Banco do Brasil e a abolição à ideia de comunismo no século XIX. Consequentemente, os relatos históricos a seguir são a continuação da exposição destes momentos. A diferença é que no capítulo anterior colhi exemplos para auxiliar na explicação do meu conceito, e agora, com o conceito explicado, passo a tratar cronologicamente dos momentos históricos onde o *magnetismo anticomunista* pode ser observado.

4.1. A Lei Celerada (1927) e o Anticomunismo nas Décadas de 1920-1930

Como destacado no capítulo anterior, os desdobramentos da Revolução Bolchevique fizeram o anticomunismo no Brasil ganhar volume no decorrer da década de 1920 e desaguar na aprovação da primeira lei anticomunista por aqui, a Lei Celerada de 1927. Neste ano, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) aumentou suas atividades. Em resposta, o anticomunismo intensificou a sua propaganda e todo um ambiente de histeria e conspiração foi criado pela imprensa. Uma organização de greve de trabalhadores foi transformada pela propaganda anticomunista numa “preparação de um terrível plano dos revolucionários” (Motta, 2020). O resultado foi a aprovação da “Lei Celerada”, projeto proposto pelo deputado Aníbal de Toledo, que além da criminalização do PCB, representa um dos efeitos do magnetismo semântico: o de reprimir todas as esquerdas por meio do anticomunismo. Sobre a campanha anticomunista da mídia, Motta afirma que

Tratava-se, evidentemente, de um artifício para justificar a necessidade das medidas repressivas preconizadas pela “Lei Celerada”. Produzindo notícias sobre conspirações comunistas visando perturbar a ordem e relacionando-as à influência de uma entidade estrangeira, os jornais ajudavam a criar ambiente favorável à aprovação da lei. (Motta, 2020, p. 32)

O comunismo, nestes tempos, ainda era visto como uma ideologia “exótica” que não teria grandes possibilidades de obter sucesso no Brasil (Motta, 2020, p. 58). Somente a partir

da Revolução de 30 que isso mudou, e o comunismo tornou-se um “perigo interno, digno de atenção cuidadosa das autoridades responsáveis pela manutenção da ordem” (2020, p. 32). Devido à multiplicidade de vertentes políticas que compunham o lado vencedor da disputa armada de 1930, o fim da República Velha trouxe consigo algumas indeterminações sobre o futuro. Parcelas da Igreja, da imprensa e dos grandes proprietários do país temiam que alguma ideologia fora do conservadorismo tomasse o poder (2020, p. 32).

A mudança da conjuntura política entre 1927 e 1930 provocou mudanças de postura da imprensa que podem ser exemplificadas aqui no comportamento do jornal *Estado de S. Paulo*, hoje conhecido como *Estadão*, e no comportamento de Assis Chateaubriand, ou “Chatô”. Se em 1927 eles criticavam abertamente (caso de Chatô) ou não viam necessidade das propostas da Lei Celerada (caso do *Estado de S. Paulo*), em 1930 ambos entraram de vez no combate ao comunismo. Chateaubriand, além de acusar o interventor de São Paulo nomeado após a Revolução de 30 de “transformar São Paulo num laboratório de atividades políticas e sociais soviéticas” (Morais, 1998, p. 261), também é autor de um argumento curioso que seria reproduzido pelo jornal *Estado de S. Paulo*, mas que futuramente seria encontrado muito mais nos argumentos das críticas ao anticomunismo do que nos argumentos das críticas ao comunismo.

Este caso ocorreu na edição do jornal *Estado de Minas* de 18 de dezembro de 1930. Nela, Chateaubriand publica artigo com uma advertência temerária chamando atenção do leitor sobre a ameaça do comunismo no país. Segundo ele, o Brasil seria invadido por potências estrangeiras caso o comunismo fosse instaurado aqui. Como sabemos hoje, isso realmente aconteceu. O que chama a atenção, neste caso, é que, segundo Chatô, as potências estrangeiras “não ficariam de braços cruzados vendo seus vultuosos interesses econômicos no país serem ameaçados” (2020, p. 34). Este argumento deixa subentendido o *gérmen* do anticomunismo (a defesa do *status quo*) na voz do próprio anticomunismo. Um fato raro na retórica costumeiramente mobilizada. Embora o argumento venha com uma advertência que provoca o medo — a invasão de um país estrangeiro traz consigo um imaginário bélico — o motivo da invasão apontado não repete nenhuma das *camuflagens* do anticomunismo, mas sim os interesses econômicos destas potências na manutenção do *status quo* do imperialismo. Portanto, estes interesses econômicos que Chatô cita, nada mais são do que o *gérmen* do anticomunismo. A fala de Chatô, feita em 1930, se confirmou diversas vezes no decorrer das décadas seguintes em diferentes países. O que chama a atenção é ela ter ocorrido anos antes do anticomunismo passar a ser uma das principais justificativas para a proliferação de intervenções americanas ao redor do mundo.

Outro exemplo importante também ocorreu na década de 30. O programa reformista apresentado no decorrer do governo Vargas fez as elites brasileiras acusarem de comunista um governo que combatia o comunismo (2020, p. 34). Sendo assim mais uma manifestação do magnetismo anticomunista produzido pelo *gérmen* fundador do anticomunismo: pautas não comunistas são conectadas ao comunismo (magnetismo anticomunista) para defender o *status quo* (*gérmen* do anticomunismo). Esta conexão ocorre independentemente de onde venha o ataque ou ameaça. Se nem Vargas ter feito diversos movimentos anticomunistas foi o suficiente para livrá-lo do magnetismo anticomunista, é porque o único padrão que este magnetismo respeita é a ameaça ao *status quo* e, neste caso, trata-se do *status quo* econômico liberal, avesso às intervenções do Estado na economia e avesso às empresas estatais que estavam sendo criadas por Vargas.

Este período da primeira metade da década de 1930 é marcado não só pelo crescimento do comunismo mas também do fascismo, sendo palco até mesmo de tiroteios entre os dois. As maiores organizações envolvidas nestes embates eram, respectivamente, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e a Ação Integralista Brasileira (AIB). Embora a ANL envolvesse “socialistas moderados, anarquistas e trotskistas” (Motta, 2020, p. 202), o Partido Comunista Brasileiro (PCB) era a sua principal força política (2020, p. 204). Como vimos com o anticomunismo, os movimentos “anti” têm como característica a capacidade de aglutinar diversos atores diferentes e, por conseguinte, o mesmo se deu com o antifascismo

Curiosamente, se a AIB tirou proveito do anticomunismo, ganhando adeptos à base de seu empenho em combater os vermelhos, o Partido Comunista se beneficiou do antifascismo, transformando-se em **polo de atração** para os adversários do integralismo. [...] O crescimento de um grupo estimulou o fortalecimento do outro (2020, p. 202).

Com esta polarização, a expressão “a radicalização dos ‘extremistas’” tornou-se comum; mas, dependendo do contexto, poderia representar apenas o comunismo (2020, p. 203). Sob o ponto de vista deste trabalho, a expressão não ter servido também para representar somente o integralismo (a outra extremidade), assim como serviu para se referir somente aos comunistas, é um efeito do magnetismo semântico do anticomunismo. Além disso, esse caso ajuda a entender o uso do termo “polarização política” no contexto atual mesmo com a ausência de uma extrema esquerda rivalizando com a extrema direita. Esse comportamento desigual encontra explicação quando interpretado como efeito do magnetismo anticomunista de tratar qualquer “esquerda” como “comunista”. Dessa forma, as décadas de inserção do magnetismo no senso comum brasileiro, por meio das diversas camuflagens e dos diversos meios adotados

para essa inserção se concretizar, têm como um dos seus resultados a construção da base semântica para que a naturalização do uso atual da expressão “polarização” ocorra mesmo que não haja duas extremidades em disputa. As forças políticas do tradicionalismo não tratam as variedades da extrema direita com a mesma preocupação que tratam as variedades da extrema esquerda, por verem as primeiras como possíveis aliadas contra as segundas. Logicamente, para este trabalho, isto se deve à causa fundadora do anticomunismo que é defender o *status quo*, objetivo do qual a extrema direita, de maneira ou de outra, também compartilha.

Outro exemplo desse tratamento diferenciado está no motivo da edição da Lei de Segurança Nacional (LSN)²⁴ feita pelo governo Vargas no início de 1935. Enquanto a extrema direita já estava organizada na AIB, foi a extrema esquerda desmobilizada que motivou a edição da LSN. Embora “alguns círculos governamentais encarassem com desconfiança os seguidores de Plínio Salgado, líder integralista, o objetivo principal” da edição da LSN “era restringir a ação do Partido Comunista” (2020, p. 203). A extrema esquerda só se organizou na ANL após as perseguições provocadas pela LSN. Ou seja, enquanto a AIB já existia, a lei foi feita focando no combate ao “comunismo” antes mesmo dos “comunistas” criarem organização equivalente à AIB. Essa diferenciação se dá como efeito da causa fundadora do anticomunismo. A organização da extrema direita não provocou esta reação devido à sintonia entre ela e a defesa do *status quo*. Por outro lado, a lei ocorreu mesmo antes da organização do antifascismo em torno da ANL, devido à ameaça que o crescimento do PCB já simbolizava ao *status quo*.

Quando a lei tramitou no Congresso, a oposição procurou “dar enfoque equânime à lei, emendando-a de forma a atingir também a AIB” (2020, p. 203). Mas, como vimos, atingir os integralistas não era a intenção do governo. Expressão disso é que em 28 de março de 1935, Vargas registrou em seu diário que a manobra da oposição (de inserir o integralismo nos alvos da lei) o deixou em dúvida sobre aprovar ou vetar a lei. Segue o trecho do diário de Vargas.

Passou a Lei de Segurança. Enxertaram nela uma disposição contra o integralismo. Estou em dúvida se sanciono ou veto este dispositivo. O integralismo é uma forma orgânica de governo e uma propaganda útil no sentido de disciplinar a opinião. Contudo, não confio muito nos seus dirigentes, nem eles têm procurado se aproximar do governo de modo a inspirar confiança (Motta, 2020, p. 203, nota 470)

²⁴ Em nota, Motta relata a tramitação desta Lei. Para melhor compreensão do contexto político em tela e para não interromper o raciocínio do argumento, julguei apropriado também utilizar uma nota para relatar o processo: “Estudos preparatórios à elaboração da lei começaram ainda em outubro de 1934. A proposta governamental foi enviada ao Congresso em janeiro de 1935, e a redação final foi aprovada pelos parlamentares no fim de março. A sanção presidencial se deu a 4 de abril de 1935. O *Diário*, 05 de abr. 1935, p. 2. (2020, p. 203)

Dessa forma, tanto o sentido de a expressão “radicalização dos extremistas” servir para designar somente o comunismo, quanto a intenção inicial da LSN ter sido o combater a extrema esquerda, representam, sob o ponto de vista aqui construído, a causa do anticomunismo e o seu magnetismo. O anticomunismo se apresenta como protagonista nestas duas situações pois manifesta a defesa do *status quo*. No caso em questão, o *status quo* político do governo Vargas via o comunismo como inimigo e, conseqüentemente, o integralismo como potencial aliado justamente por ser anticomunista; é isso que se revela quando o trecho citado acima do diário de Vargas coloca o integralismo como “uma propaganda útil no sentido de disciplinar a opinião”. Este trecho corrobora de uma só vez a) a causa do anticomunismo; b) o magnetismo provocado pela sua causa; e, c) a tripla necessidade deste magnetismo. Ou seja, por constituir o *status quo* político, a defesa do *status quo* (a) reproduzida pelo integralismo contra os comunistas, servia para o governo se defender dos vermelhos. Portanto, a “propaganda” anticomunista feita pelo integralismo ajudava na manutenção do governo Vargas contra a concorrência comunista. Além deste fator, o adjetivo “útil” usado pelo então presidente para classificar esta propaganda se dá devido à capilaridade que o magnetismo do anticomunismo (b) dá à retórica do integralismo. Por fim, “disciplinar a opinião” nada mais é do que a tripla necessidade (c) que o magnetismo anticomunista tem para conseguir atingir a opinião pública por meio de valores caros ao senso comum. Dessa forma, o anticomunismo do integralismo realmente é “uma propaganda útil no sentido de disciplinar a opinião” pública contra o movimento antifascista da ANL.

A repressão estatal desencadeada contra a ANL não decorria apenas do propalado temor ao comunismo. O problema era que, além de possuir vínculos com os comunistas, a entidade vinha apresentando grande vitalidade. No curto espaço de tempo decorrente entre o lançamento oficial, em março, e o início de julho, a ANL experimentou um crescimento considerável, encontrando adesões principalmente nos maiores centros urbanos. No momento em que foi fechada, a organização possuía 1,5 mil núcleos estruturados Brasil afora, com mais de uma centena de milhar de adeptos. Somente na capital federal, consta que havia aproximadamente 50 mil aliancistas. A receptividade ao programa da frente mostrava-se maior entre militares, estudantes, intelectuais e trabalhadores. A capacidade demonstrada pela ANL de crescer e empolgar segmentos importantes da sociedade provocava a ansiedade nos setores conservadores. Temia-se o potencial disruptivo encerrado na atuação da organização, ainda que o programa oficial pouco tivesse a ver com o comunismo, restringindo a combater fascismo, imperialismo e latifúndio. Num país praticamente sem tradição de participação popular, qualquer tentativa de mobilizar os “de baixo” provocava tremores nas elites (Motta, 2020, p. 205-6)

Portanto, com esta citação, estão reforçados e expostos os fatores que fazem este momento ser uma das bases históricas para explicar a) o magnetismo do anticomunismo como uma representação da defesa do *status quo*, b) a tripla necessidade do magnetismo

anticomunista; e, principalmente, c) a necessidade de camuflar a verdadeira causa do anticomunismo. Ou seja, devido a demonstrada capacidade de popularização do antifascismo com a ALN, tornou-se necessário aderir ao magnetismo do anticomunismo para defender o *status quo* (a) e, com isso, atacar a ALN e conquistar a opinião pública contra a organização antifascista (b) por meio das camuflagens populares (c). Estes elementos podem ser novamente observados na passagem de Motta a seguir, parágrafo seguinte ao trecho citado anteriormente

No entanto, para além da secular prevenção devotado por Estado e elites contra os movimentos de feição popular, duas características da ANL tornavam-na mais ameaçadora. Primeiro, o fato de ter empolgado parcelas expressivas das Forças Armadas, atraídas principalmente pelo carisma do (ex) capitão Prestes. A adesão de muitos oficiais e praças, tornava sério o risco de uma sublevação militar inspirada na pregação aliancista, o que acabou por acontecer. Segundo, as autoridades tinham motivos para acreditar que o Partido Comunista comandava secretamente a ANL, usando-a como fachada para encobrir sua ação e atrair aliados na esquerda. A propaganda conservadora certamente exagerou no tom, apresentando a frente como mero apêndice do PCB e omitindo o papel dos militantes de orientação ideológica diversa. Mas o fato de haver manipulação não implica que tivessem inventado a presença comunista na ANL, embora se exagerasse propositalmente na avaliação do risco, visando facilitar a aceitação pública das medidas de repressão (Motta, 2020, p. 206)

Trata-se de mais uma passagem de Motta que beira as formulações aqui desenvolvidas, mas não as formula devido à nossa diferença metodológica. Logo na primeira linha, Motta fala de uma “secular prevenção devotado por Estado e elites contra os movimentos de feição popular”. Sob a perspectiva aqui adotada, esta frase pode definir o que chamo de linha de continuidade histórica do tradicionalismo ou das ideologias de defesa do *status quo*. Prosseguindo na análise da passagem, Motta afirma que a “propaganda conservadora certamente exagerou no tom, apresentando a frente antifascista (ANL) como mero apêndice do PCB e omitindo o papel dos militantes de orientação ideológica diversa”; sob o ponto de vista desta dissertação, enfatizar o comunismo da ALN e omitir a diversidade política da organização, é uma manobra para aproveitar o impacto na opinião pública que o magnetismo semântico do anticomunismo já podia efetuar, o que é confirmado por Motta quando ele finaliza o trecho afirmando que realmente haviam comunistas na ANL, mas que o exagero “na avaliação do risco” comunista, visava “facilitar a aceitação pública das medidas de repressão”. Ou seja, exagerar sobre a presença comunista para “facilitar a aceitação pública das medidas de repressão”, implica no aproveitamento da construção das camuflagens populares para causas impopulares; no caso em questão, estas causas não eram necessariamente impopulares pois o consenso democrático no ocidente ainda não tinha surgido nesta época, no entanto, isso não quer dizer que a instauração de um regime autoritário tradicionalista era necessariamente uma

causa popular. Portanto, sob o ponto de vista desta dissertação, a ênfase na ligação da ANL com o PCB ter facilitado o endurecimento da repressão (2020, p. 204), ocorre devido ao *germe* do anticomunismo e ao aproveitamento político da capacidade de popularização do magnetismo anticomunista.

Aprovada em abril de 1935, a LSN levaria apenas sete meses para receber alterações e se tornar mais rigorosa e célere. Essa alteração é desencadeada devido ao Levante Comunista de 1935, pejorativamente conhecido como “Intentona Comunista”, e fez a LSN passar a permitir a exclusão de militares apontados como comunistas e a exonerar sumariamente funcionários públicos pelo mesmo motivo. “Os critérios ‘elásticos’ utilizados para identificar os comunistas levaram à prisão milhares de esquerdistas de várias matrizes, além de alguns indivíduos cujo único crime era possuir desafetos poderosos e inescrupulosos” (2020, p. 226). Sob o ponto de vista aqui construído, a elasticidade destes critérios, representa o magnetismo semântico que faz muitas vezes, como disse Motta, o anticomunismo na teoria se tornar um anti-esquerdismo na prática (2020, p. 16).

Enquanto o Levante provocou o aumento do anticomunismo católico no Brasil, no ano seguinte a Guerra Civil Espanhola fez o mesmo na Europa. Segundo Motta, este período se configurou no ápice do anticomunismo católico. “Nesse momento a Igreja sentiu-se mais ameaçada do que nunca, pois o alvo das perseguições anticlericais dessa vez era uma nação católica, e não a Rússia ortodoxa” (2020, p. 45). Isso fez com que o anticomunismo católico estivesse presente tanto nestes anos iniciais de estruturação do magnetismo semântico quanto na construção da mentalidade anticomunista no Brasil, além disso, fez com que o “temor ao comunismo” aproximasse a Igreja Católica e a imprensa brasileira.

Segundo Motta, o jornalismo no Brasil tinha uma postura “indiferente às questões religiosas” até aquela época. Foi a sintonia anticomunista entre os grupos que detinham os meios de comunicação e a Igreja Católica que iniciou essa mudança. A mídia brasileira passou “acolher com mais generosidade em suas páginas a opinião dos católicos”. Com isso, as “menções a discursos do papa, sempre condenando o ‘erro’ comunista e proibindo os fiéis de aproximarem-se da ‘doutrina infernal’”, passaram a ser frequentes (2020, p. 234),

Além da mídia e da religião, o Estado foi outra entidade mobilizada nas reações anticomunistas do Levante de 1935. Como resquício do contexto político da década de 1920, a ideia de que o comunismo no Brasil era uma ideologia exótica já não tinha a mesma força de antes, mas se reapresentou na visão de que o comunismo seria um ataque à soberania nacional. Isso fez com que durante algum tempo a onda de imigrantes do início do século XX fosse vista como porta de entrada da ideologia vermelha no Brasil. Além disso, algumas reações estatais

ao Levante tiveram aspectos fascistóides; embora não exista registro de que foram postas em práticas, algumas medidas extremas — como o fuzilamento dos comunistas e a reeducação, em “campos de concentração com moldes escotistas” dos filhos de comunistas condenados — chegaram a ser publicadas pelo Estado brasileiro (2020, p. 245)

Em 1936, em resposta a suposta onda de imigrantes comunistas que estava “invadindo” o Brasil, o Departamento Nacional de Propaganda patrocinou uma publicação na Imprensa Nacional com o título de “Defendamos o futuro!” (2020, p. 58, nota 99). O material defendia a ideia de que, entre os bons trabalhadores europeus, teriam vindo também os “indesejáveis, portadores das ‘ideias malditas’” que teriam sido as desencadeadoras do Levante Comunista de 35 (2020, p. 58). No entanto, esta percepção de “ameaça estrangeira” não ocorria com outras culturas políticas importadas, como o liberalismo econômico e o próprio anticomunismo (2020, p. 25). A influência russa que viria do comunismo, portanto, não foi vista com naturalidade e serviu para solidificar uma das três matrizes do anticomunismo no Brasil: a nacionalista. Devido a isso, a deportação de estrangeiros apontados como comunistas passou a ser rotina no Brasil com destaque nos jornais. Segundo Motta, a seção escolhida para publicar estas notícias não era a de política, mas sim as páginas policiais. Até mesmo o ângulo das fotos era o mesmo dos criminosos comuns, “desta maneira, os comunistas não eram considerados e representados na qualidade de grupo político, mas como uma gangue de marginais” (2020, p. 236). Estes fatores podem ser explicados como o que Latour chama de “infralinguagens” (capítulo 1) e como efeitos do magnetismo semântico do anticomunismo atuando para atingir seu objetivo de defender o *status quo* por meio da atração de elementos ofensivos ao senso comum.

4.2 - A deliberada formação da mentalidade anticomunista

Após as três matrizes anticomunistas estarem a pleno vapor, a imprensa pasou a pressionar o Estado para utilizar seus aparelhos e formar “um plano de ação no campo de ensino, a fim de ‘[...] criar, no Brasil, com a maior urgência, uma verdadeira **mentalidade anticomunista** [...]’”. A proposta era iniciar pelas escolas superiores, com a criação de correntes de pensamento que fizessem oposição ao “proselitismo marxista” (2020, p. 235). O jornal *Estado de Minas*, em 12 de janeiro de 1936, defendeu a criação de “uma Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas para um combate eficiente ao comunismo” (2020, p. 235, nota 566).

Segundo Motta, “a ofensiva contra o comunismo, que eletrizou o país entre fim de 1935 e a primeira metade do ano seguinte, foi vigorosa a ponto de enraizar um forte sentimento anticomunista na população” (2020, p. 237). Provocado por uma real tentativa comunista de

tomar o poder, esse enraizamento foi o que tornou possível o anticomunismo ser utilizado como “engodo” nas palavras de Motta; e, nas minhas palavras, como camuflagens.

A construção de camuflagens tem como efeito aumentar a capacidade do anticomunismo de reunir atores heterogêneos. A união da imprensa em torno do governo Vargas e contra o comunismo, ocorrida após o levante comunista de 1935 (2020, p. 219), é um marco para a construção das camuflagens populares. Ela inaugurou a aglutinação política da mídia em torno do anticomunismo que foi repetida várias vezes depois. Assis Chateaubriand chamava de “União Sagrada” essa coalizão conhecida como “União Nacional contra o comunismo” (2020, p.219). Seguindo o raciocínio sobre a construção de camuflagens populares para a causa impopular de manutenção de um *status quo* desfavorável à maior parte da população, a “ameaça” do comunismo “pairando sobre a ordem social”, ou seja, sobre o *status quo*, seria grave

a ponto de suscitar o esquecimento de velhas rivalidades, notadamente indisposições contra o governo, transformadas em assunto secundário. Urgia, principalmente, promover a unificação das frações políticas até então ocupadas em suas pequenas disputas pelo poder, pois o comunismo destruiria todas, independentemente da cor partidária (Motta, 2020, p. 219-20)

Sob o ponto de vista aqui construído, as “frações políticas” que sentiram a necessidade de se unificar para impedir sua “destruição pelo comunismo” são, notadamente, aquelas que fazem parte do tradicionalismo e, em momentos subsequentes, configuraram outras uniões do mesmo tipo. A “forma superlativa” que a imprensa tratou o Levante de 35 nos meses seguintes, “apresentando um quadro grotesco de violência, destruição e barbárie” que cotidianamente apareciam “na imprensa [...] de uma forma tão recorrente que seria cansativo reproduzir”, mobilizou sistematicamente os elementos envolvidos na dinâmica do magnetismo anticomunista que tenho falado (senso comum e *status quo*) e, dessa forma, devido à atuação da mídia, representou a primeira formação completa do *magnetismo anticomunista* em grande escala.

A supressão de noções humanitárias e jurídicas na cobertura da imprensa, ocorrida em nome do combate ao comunismo, é reincidente nesses momentos de grande campanha midiática contra grupos de esquerda no Brasil. Segundo Motta, ocorreram “diversas manifestações da imprensa exigindo dureza na punição aos rebeldes” (2020, p. 220), como, por exemplo, o texto de Assis Chateaubriand, “Questão de força”. Publicado em menos de um mês após a Revolta Vermelha²⁵, o artigo de Chateaubriand defendia o uso da força na repressão aos

²⁵ Além de Levante e Intentona Comunista, “Revolta Vermelha” é outro nome dado ao movimento militar de novembro de 1935.

rebelados. Segundo “Chatô”, a gravidade do momento tornava uma perda de tempo se preocupar em cumprir complexidades jurídicas na repressão ao Levante e desviaria o foco do perigo vermelho iminente. Segundo Motta, após surgirem as primeiras denúncias de torturas sofridas pelos presos políticos, “alguns jornais defenderam as autoridades, ora duvidando da veracidade das informações, ora sugerindo que os comunistas não tinham direito a reclamações” (2020, p. 221).

Segundo Motta, “Essa postura da grande imprensa explica, parcialmente, porque era necessário mostrar o comunismo como movimento bárbaro e monstruoso. Quanto mais feio o inimigo, menor a piedade” na punição dos rebeldes comunistas (Motta, 2020, p. 221). Essa passagem de Motta explica parcialmente a necessidade desse movimento da imprensa. A parcela restante da explicação para perceber porque era “necessário mostrar o comunismo como movimento bárbaro e monstruoso” está na tripla necessidade (*camuflar, atacar e conquistar*) que o magnetismo anticomunista tem para conseguir executar a defesa do *status quo* (*gérmen*) por meio da atração (*magnetismo*) da defesa de valores caros ao senso comum (que em conjunto com a defesa do *status quo*, forma a dinâmica do magnetismo) contra uma ameaça (real ou não) comunista. E o que explica a vontade da imprensa de ter menos piedade com os rebeldes comunistas de 1935, é a veracidade da ameaça que o movimento constituía para o *status quo* (2020, p. 199): no contexto em questão, o comunismo realmente havia concretizado uma tentativa de tomada de poder.

Seguindo essa exposição do contexto político que formou a primeira manifestação sistemática do *magnetismo anticomunista*, o papel da imprensa no convencimento “do público sobre a seriedade do quadro” apoiou “os esforços repressivos do governo” e “pressionou-o a não esmorecer na luta anticomunista. A influência do discurso jornalístico” (2020, p. 221) foi tão importante para a aprovação no Parlamento das reformas institucionais governistas que o próprio Presidente do Brasil, Getúlio Vargas, reconheceu os esforços da mídia. Em edição do jornal *O Diário*, de 10 de janeiro de 1936, o seguinte pronunciamento de Vargas foi publicado:

Nesta acção da imprensa salienta-se não só o trabalho de colaboração com o governo à repressão do comunismo, como também o de manter o espírito público num ambiente de receptividade a fim de que este conserve sempre o esforço além de o espírito de reacção contra o comunismo, e o dever de colaborar com o governo nas medidas de repressão (*apud* Motta, 2020, p. 221)

O que Vargas chama de “espírito público” é o que tenho chamado aqui de “senso comum”. Traduzindo esta fala de Getúlio para os termos aqui construídos, o que mais chama a atenção é o agradecimento que Vargas faz à imprensa por “manter” um “ambiente” de

“receptividade” do senso comum (“espírito público”) para as medidas de repressão e reação contra o comunismo. Este ambiente receptivo ao anticomunismo foi criado pela imprensa por meio da equivalência entre a defesa de valores caros ao senso comum e a defesa da manutenção do *status quo* contra a proposta “comunista” de sociedade. Sob a perspectiva aqui construída, portanto, a construção desta equivalência passa pelo atendimento das três necessidades do magnetismo anticomunista de 1- *camuflar* a verdadeira causa do anticomunismo para 2- *atacar* a concorrência e 3- *conquistar* a opinião pública.

A presença do aparelho estatal neste momento de assentamento da mentalidade anticomunista também ocorreu para atender a *tripla necessidade do magnetismo anticomunista*, “O aparato estatal tratou de organizar-se, a fim de estar em condições de cumprir a tarefa de ‘esclarecer’ a população sobre os males do comunismo” e, para isso, criou o Departamento Nacional de Propaganda (DNP), “peça-chave na máquina de comunicação no governo federal” que, em 1939, foi rebatizado para Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Pioneiro na utilização do rádio para a “divulgação de mensagens anticomunistas”, sua função consistia em “publicar e produzir peças de propaganda” e distribuí-las aos “veículos de imprensa do país” (2020, p. 234).

Dois anos após o Levante de 1935, mesmo com os comunistas sob controle, o magnetismo anticomunista foi utilizado para buscar construir a “união sagrada” que falava Chatô. A edição do jornal *O Diário* de 27 de junho de 1937, por exemplo, traz um texto carregado de histeria anticomunista:

Não teremos muito que esperar. Novo golpe comunista rebentou dentro em pouco. E então o silêncio será interrompido. Então os catholicos emudecidos, os deputados silenciosos, a imprensa arrolhada, os governantes politiqueiros gritarão. Gritarão na ponta da faca dos magarefes comunistas. Gritarão diante de suas filhas esposas violadas. Gritarão diante de seus bens saqueados. Gritarão diante de suas igrejas incendiadas e de seus altares profanados. Gritarão sob o azorrage dos senhores comunistas, que têm pelo menos a sagacidade de não perder as ocasiões e de não se enternecer os sentimentalismos, como bem o demonstraram em 1935. Esses luxos sentimentais ficam para os ministros de estado. (Motta, 2020, p. 239)

O ministro de Estado “sentimental”, citado acima, trata-se do ministro da justiça Macedo Soares, que havia soltado presos políticos “sem culpa formada até então” (2020, p. 238). Este ato do ministro veio acompanhado de outros movimentos de relaxamento institucional contra o comunismo, o que provocou a reação dos radicais anticomunistas. Esta reação, por sua vez, fez o governo Vargas aproveitar a celeuma que já havia reunido as três matrizes anticomunistas (2020, p. 239) e implementar o Estado de Guerra, medida que deu início ao Estado Novo (1937-1945). De acordo com a edição do jornal Estado de Minas, de 19

de outubro de 1937, “Toda e qualquer iniciativa tomada pelo governo central da República a fim de combater o comunismo têm sido recebida pela opinião pública com sympathia e mesmo entusiasmo” (2020, p. 244); sob o ponto de vista aqui construído, isso demonstra a profundidade da qual o anticomunismo já havia alcançado na opinião pública brasileira naquele momento, e, por conseguinte, demonstra o reincidente surgimento do anticomunismo em momentos chaves da política brasileira, coisa que ocorre até os dias de hoje. Provavelmente, foi neste momento de construção deliberada da “mentalidade anticomunista” que o anticomunismo magnético reuniu em si todos os principais mecanismos que passariam a ser desenvolvidos no decorrer do tempo.

4.3- Consolidação da mentalidade anticomunista por meio da religião, da mídia, do setor privado e do Estado (1937-1985)

A decisão, citada anteriormente, do ministro da justiça de Getúlio, Macedo Soares, de relaxar o anticomunismo institucional e libertar presos políticos que não tinham indícios de condutas criminosas, foi recebida pelo jornal *O Diário*, de 17 de junho de 1937, como produto de alguma “força demoníaca” que seria responsável por “lançar” o ministro “ao avesso das coisas” e “ao lado de lá da razão, e da realidade” (2020, p. 239). Este episódio também serve para demonstrar a importância do papel que o anticomunismo teve na aproximação entre a mídia brasileira, “até então indiferente às questões religiosas”, e a Igreja Católica.

O ano de 1937 guarda um importante momento do anticomunismo católico. Na burocracia do Vaticano, as “encíclicas papais” são documentos produzidos pela autoridade principal do catolicismo, o papa. Nelas são dadas as diretrizes que deverão ser seguidas pelos cardeais, bispos, arcebispos, padres, etc., ao redor do mundo. Dentre estes documentos destaca-se a Encíclica *Divinis Redemptoris* de março de 1937, da regência papal de Pio XI. Embora outras encíclicas já houvessem demonstrado preocupação com o comunismo usando termos como “inimigo revolucionário” e pregassem por uma postura de prevenção, a encíclica de 1937 nomeia diretamente o “comunismo de Karl Marx” e chama a atenção para a necessidade de combatê-lo.

Velai, Veneráveis Irmãos, para que se não dizem iludir os fiéis. Intrinsecamente mau é o comunismo e não se pode admitir, em campo algum, a colaboração recíproca, por parte de quem quer que pretenda salvar a civilização cristã. E se alguém, induzido em erro, cooperasse para a vitória do comunismo em seu país, seria o primeiro a cair como vítima do próprio erro (Motta, 2021, p. 47)

Neste trecho vemos duas manobras: 1) incentivar o combate contra o comunismo e 2) desencorajar a cooperação com o comunismo. A primeira concerne ao *gérmen* do anticomunismo. A segunda refere-se a luta do tradicionalismo para impedir a popularização das pautas populares do comunismo e ganhar a opinião pública frente os argumentos questionadores do *status quo*.

Seis meses depois da Encíclica ser publicada, a “união sagrada” ocorreu novamente para dar volume às manifestações anticomunistas de setembro de 1937²⁶ por meio do setor público e do setor privado. Na ocasião, parte do empresariado comercial e bancário fechou seus estabelecimentos para incentivar a presença dos seus funcionários nos atos. Já no setor público, com o mesmo fim de liberar seus funcionários, as Forças Armadas e a prefeitura do Distrito Federal, então Rio de Janeiro, declararam ponto facultativo; “um esquema especial de transporte foi montado, também com o intuito de estimular a afluência de público”. Estas iniciativas surtiram efeito e levaram “uma pequena multidão no local da solenidade”. Segundo Motta, mesmo com todas estas medidas calculadas para dar volume ao ato, o Ministério da Guerra defendeu, em nota à imprensa, que a manifestação “[...] nasceu espontânea, nos diversos sectores de actividades pública e privada [...]” (2020, p. 241). Essa falsa declaração de espontaneidade será repetida pelo bolsonarismo décadas depois, retomo esse assunto mais à frente.

Portanto, o processo para a construção da mentalidade anticomunista contou com contribuições relevantes do aparelho estatal, do investimento privado, da Igreja Católica e da imprensa brasileira. A “união sagrada” de Chatô. Diante destes diversos relatos históricos sobre o interesse na criação de uma “mentalidade anticomunista”, a interpretação que aponta o anticomunismo como uma ferramenta criada deliberadamente para manipular a opinião pública, passa a ter fundamento para não ser tratada somente como mera “teoria da conspiração”.

Nos primeiros anos após a Segunda Guerra Mundial, os EUA adotaram uma postura moderada no combate aos concorrentes vermelhos. Como vimos, melhorar a qualidade de vida foi uma das estratégias utilizadas pelo anticomunismo, portanto, o pós-guerra foi marcado pela economia estatal keynesiana e pela estratégia de melhorar a qualidade de vida no capitalismo como maneira de enfraquecer a concorrência comunista. Esses dois fatores explicam o anticomunismo moderado da política externa americana naquele momento e sua estratégia de

²⁶ Devido à celeuma anticomunista deste ano, as forças políticas tradicionais decidiram antecipar em dois meses a segunda manifestação em homenagem aos soldados mortos no combate ao Levante Comunista de novembro de 1935.

investir na esquerda anticomunista e não comunista daquela época. Esse anticomunismo de esquerda pode ser encontrada nas oposições contra o regime soviético, caso do maoismo e do leste europeu, nas oposições contra o método marxista de implementar o comunismo através do uso da maquinaria do Estado, caso dos anarquistas anti-bolchevistas e dos setores moderados de esquerda, como, por exemplo, os sociais-democratas que acreditam na transformação social sem revolução, feita por meio institucionais (Bobbio, 2010) e, por isso, eram os principais beneficiários dos investimentos americanos para dificultar a ascensão dos partidos comunistas (Motta, 2020, p. 40)

Posteriormente, após a Segunda Guerra Mundial, os partidos socialistas se transformaram na principal barreira contra a ascensão dos partidos comunistas na Europa Ocidental. Para esse efeito foram auxiliados pelo governo norte-americano, que vislumbrava no fortalecimento da social-democracia uma importante estratégia anticomunista. A CIA [...] prestou auxílio financeiro a organizações da esquerda moderada (2020, p. 40)

Outro exemplo dessa presença moderada do anticomunismo na política externa americana ocorreu em 1947; quando, antes dos EUA, o Brasil rompeu com a União Soviética devido à alguns incidentes nas relações entre os países, como, por exemplo, a publicação de um jornal russo dizendo que no Brasil os generais não nasciam nos campos de batalha, mas sim nos cafezais (2020, p. 27, nota nº16). A ruptura foi considerada precipitada pelos EUA que, naquele ano, ainda não haviam colocado “o anticomunismo como prioridade máxima [...]”. Membros da administração democrata, então no poder, temiam que políticas anticomunistas indiscriminadas levassem a perseguições contra a esquerda democrática” (2020, p.27) que recebia seus investimentos. Este temor, sob o ponto de vista aqui construído, nada mais é do que o temor dos efeitos do magnetismo semântico do anticomunismo que extrapola os limites do comunismo.

Na década seguinte, 1950, o Estado americano decide que havia chegado o momento de avançar com o anticomunismo na América Latina. Porém, como os presidentes brasileiros deste período, Getúlio e Juscelino Kubitschek, não viam o comunismo como uma ameaça séria naquele momento, a ofensiva americana teve que ser feita sem o governo, nos “setores mais receptivos e tradicionalmente comprometidos com o anticomunismo, como as Forças Armadas e policiais, os religiosos e os políticos conservadores”; justamente a composição que posteriormente formou o “movimento político-militar” do golpe de 1964 (2020, p. 28).

Durante as eleições presidenciais de 1960, os anticomunistas fizeram do comunismo o “bode expiatório perfeito”. Qualquer derrota que sofriam era atribuída ao seu antagonista. Os

apoiadores do governador da Guanabara, Carlos Lacerda, “encontraram na oposição esquerdista uma conveniente justificativa para as dificuldades enfrentadas na gestão da máquina estadual. Os comunistas eram acusados de sabotar os planos do novo governo”. Argumentos semelhantes eram utilizados para desencorajar questionamentos sobre a gestão de Lacerda. Por exemplo, quando o candidato para o cargo de vice-governador perdeu para o candidato de esquerda, Lacerda responsabilizou o comunismo pela “traição” (2020, p. 197). Esses comportamentos refletem o poder que o anticomunismo passou a ter após ser enraizado na cultura política brasileira para servir à defesa do *status quo*. Tanto esse poder quanto o enraizamento são causados pelo *magnetismo anticomunista* e pela sua capacidade de aglutinar diversos atores heterogêneos.

Em 1963, alguns sargentos dominaram pontos estratégicos de Brasília para protestar contra decisão do Supremo Tribunal Federal que os impedia de “serem empossados como representantes legislativos”. A edição do jornal *O Globo* de 18 de setembro daquele ano, ao cobrir o episódio que ficou conhecido como “revolta dos sargentos”, afirmou que se tratava de uma rebelião de “caráter comunista”, o que agravou os quadros da histeria anticomunista. “O movimento foi interpretado” pela mídia

como um sintoma do crescimento da influência das ideias revolucionárias no Brasil [...]. Responsabiliza-se o governo pelos acontecimentos, acusado de tolerar a infiltração comunista nas Forças Armadas (2021, p. 279).

Como o protesto dos militares em nada tinha a ver com o comunismo, trata-se, portanto, de mais uma manifestação do *magnetismo anticomunista*. Enquanto a revolta dos sargentos — ocorrida durante o governo reformador de João Goulart — contra a impossibilidade de se tornarem representantes legislativos foi tratada como reflexo do comunismo, o mesmo não ocorreu quando militares tomaram o Poder Executivo para derrubar o governo Goulart.

O *magnetismo do anticomunismo* atuou durante o regime militar como um dos principais artifícios usados para manipular a opinião pública em prol da ditadura. “Os militares davam grande importância ao que chamavam de ações psicológicas, que consistem em estratégias para influenciar a opinião pública” e tinham na imprensa uma importante aliada para que estas estratégias tivessem êxito (2021, p. 125). Um mês antes do golpe, essa aliança já estava consolidada e a todo vapor.

Em março de 1964, a “união sagrada” contra o comunismo — que na segunda metade da década de 1930, por meio do magnetismo, havia enraizado a mentalidade anticomunista no

Brasil — ressurgiu e, graças aos seus feitos anteriores, precisou de apenas um mês para dar sustentação suficiente ao golpe militar. Assis Chateaubriand estava lá novamente.

Em meados de março, a formação da frente anticomunista havia se consolidado, compondo um arco de alianças que unia praticamente todos os segmentos da elite brasileira, e que ainda encontrava significativo apoio nas classes médias. O medo ao comunismo, mais uma vez, teve o efeito de provocar uma poderosa mobilização conservadora. A situação crítica gerou fatos inusitados, como a aproximação entre adversários no campo político e empresarial. Ademar de Barros e Carlos Lacerda, por exemplo, concorrentes na disputa presidencial, selaram um pacto, e encontro de natureza semelhante ocorreu entre Júlio Mesquita Filho, proprietário de *O Estado de S. Paulo*, e Assis Chateaubriand, dos Diários Associados. Até lideranças há muito afastadas das atividades públicas voltaram ao cenário político, como o ex-presidente e marechal do Exército Eurico Dutra, que deu declarações à imprensa advertindo sobre a ameaça comunista às instituições. (Motta, 2020, p. 291)

Portanto, o *dream team* anticomunista estava novamente mobilizado. João Calmon, empresário das comunicações e deputado federal, era, naquele momento, diretor do grupo de “Chatô” e, no fim de outubro de 1963, se destacou ao articular a “Rede da Democracia” (2020, p. 281) com os grupos Diários Associados, Globo e Jornal do Brasil. Esses jornais passaram a utilizar diariamente as ferramentas retóricas do magnetismo anticomunista para atingir o senso comum com suas matérias, intensificar a “campanha que setores direitistas já vinham desenvolvendo há algum tempo” e seguir “uma poderosa ofensiva de propaganda contra a esquerda” (2020, p. 282). Como o senso comum brasileiro já estava acostumado a ver o comunismo como um perigo, a popularização da causa golpista na população foi facilitada (Motta, 2021, p. 70). Foi no mesmo contexto da véspera do golpe de 1964 que se formou o anticomunismo ecumênico (2020, p. 291).

Com esse clima de paranoia anticomunista, os Correios, a UNE, as campanhas de alfabetização, o Itamaraty, as Forças Armadas, a Petrobrás, etc, foram consequentemente atraídos pelo magnetismo anticomunista no pré-golpe de 1964 (2020, p. 280), consolidando o medo do comunismo como o principal motivo da ditadura (2020, p. 295).

O anticomunismo operou como o cimento da frente golpista, reunindo grupos díspares que não tinham propostas coesas sobre o que fazer após a conquista do poder, apenas a crença na necessidade de “limpar” o país - e o sistema político - de inimigos reais e imaginários (Motta, 2021, p. 52).

Em resposta, a ditadura iniciou tendo o anticomunismo como essência do seu plano discursivo enquanto, na prática, seguia a lógica do magnetismo anticomunista de perseguir qualquer tipo de esquerda (2021, p. 71).

Os novos governantes afirmavam querer livrar o Brasil dos comunistas e subversivos, mas progressistas de vários matizes foram atingidos também, muitos deles moderados e nada inclinados à subversão (no sentido de rebelião ou revolução). [...] Os principais alvos do primeiro expurgo foram líderes de esquerda, principalmente os comunistas, os socialistas, os trabalhistas e os nacionalistas (Motta, 2021, p. 177)

Essa perseguição foi ampliada para setores moderados da elite brasileira após a promulgação do Ato Institucional nº5 (AI-5) inserir a ditadura militar dentro das características dos regimes fascistas (2021, p. 115).

Concluindo, enquanto o *magnetismo semântico* fez a luta por direitos políticos dos sargentos ser tratada como comunismo, não fez o mesmo com a tomada do Poder Executivo pelos militares. Sargentos não podiam ocupar cargos eletivos no Legislativo, mas, em nome do anticomunismo, os generais podiam ocupar o Executivo à força. Percebe-se que o fator decisivo para a classificação de comunismo para o anticomunismo não está no que seria verdadeiramente o *modus operandi* comunista, mas sim no que é, ou não, ameaça ao *status quo* e o que irá, ou não, atingir o senso comum. O governo Jango compunha o *status quo* político e era visto como ameaça pelo *status quo* econômico. Como a causa dos sargentos revoltados não era importante para as elites econômicas, o simbolismo de seus atos rebeldes extremos foi usado para tensionar o senso comum da época em favor da defesa do *status quo* econômico.

4.4. Redemocratização e Atualidade: O Anticomunismo Pós-Ditadura

Embora a ameaça vermelha tenha se esvaziado com a queda do muro de Berlim em 1989, o magnetismo continuou sendo utilizado para desqualificar as forças modernizadoras. Novos atores humanos e não-humanos surgiram e atores antigos foram adaptados ou conservados. Um dos atores não-humanos que foram adaptados foi o significado do conceito de “guerra cultural”. Após o fim da ditadura, dois episódios oriundos da caserna inauguram no Brasil esse significado: o Projeto ORVIL e o grupo TERNUMA.

Segundo José Cezar de Castro Rocha, em entrevista concedida em 28 de maio de 2020 para a agência de notícias *A Pública* — intitulada “‘Quanto maior o colapso do governo, maior a virulência da guerra cultura’, diz pesquisador da UERJ” —, o tripé da mentalidade da atual extrema direita é formado pela retórica ensinada por Olavo de Carvalho, pela “ideia de inimigo interno que deve ser eliminado” e pelo “discurso revanchista e revisionista” contido no ORVIL (Barros, 2020, online).

A noção de “guerra cultural”, capitaneada no Brasil pela figura de Olavo de Carvalho, tem grande relevância no anticomunismo atual (2020, p. 311). Carvalho defendia que os comunistas haviam tomado táticas gramscianas para alcançar a hegemonia cultural através do domínio da mídia, das artes e da academia, para, por fim, conquistar o poder político (2020, p.

312). Segundo Vasconcelos e Mariz, esta noção, na verdade seria uma espécie de “gramscianismo de direita” (2021, p. 76). Ela se baseia na concepção de que a esquerda estaria fazendo uma guerra contra os valores tradicionais (Brandão e Leite, 2012, p. 314) por meio da noção de “politicamente correto” (Vasconcelos e Mariz, 2021, p. 83). Para responder esse avanço, seria preciso disputar os espaços de ensino e de formação de opinião, tomados por pessoas de esquerda e pelo politicamente correto²⁷.

O “Projeto ORVIL” tem início na Apreciação S/Nº-A1, de 27 de março de 1984, produzida pelo Centro de Inteligência do Exército (CIE) (Brandão e Leite, 2012, p. 307). Segundo o documento, elaborado pelo tenente-coronel Romeu Antônio Ferreira, “é no campo da História [...] que os comunistas estão agressivamente atuando”. Naquele momento, as revelações feitas pelo projeto *Brasil Nunca Mais* (BNM) (2012, p. 316) e pelo relatório da Anistia Internacional (2012, p. 313) causavam muito descontentamento no meio militar. Na visão do tenente-coronel Ferreira, as duas publicações transformaram os terroristas em heróis, e vice-versa. Com isso, seria preciso o Exército produzir a sua própria versão da história (2012, p. 305). Surge, então, o “Projeto ORVIL” como uma resposta direta ao BNM. Nomeado com a palavra “livro” ao contrário, o projeto — inicialmente secreto — produziu um documento com cerca de 900 páginas cujo objetivo era recontar a história da ditadura militar utilizando depoimentos que foram obtidos torturando os depoentes (2012, p. 303).

Dentre os principais envolvidos na produção do ORVIL está o general Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, tido como o primeiro militar a utilizar narrativas típicas da “guerra cultural” como, por exemplo, a clássica acusação de que a esquerda estaria usando o pensamento de Gramsci para tomar o poder (Festa, 2020, p. 12).

O final da década de 1990 trouxe outra reação ao BNM. O grupo militar anticomunista, TERNUMA, surge repetindo argumentos do ORVIL e simbolizando um prenúncio do que viria a ser a retórica anticomunista espalhada por Olavo de Carvalho. O grupo afirmava que “os militares ganharam nas armas, mas estavam perdendo as batalhas cultural e da memória” (Motta, 2020, p. 311), era necessário, portanto, se opor à retomada da política pela esquerda e se organizar para reagir “às iniciativas estatais para investigar a violência da ditadura” (2020, p. 312).

Com todos esses antecedentes históricos expostos neste capítulo, a onda anticomunista atual surge com a ideia de comunismo para o anticomunismo já naturalizada, ou em termos da

²⁷Neste trabalho, as noções de guerra cultural podem ser encontradas nas falas de Nikolas Ferreira, Eduardo Bolsonaro e Cristiano Caporezzo, contidas no capítulo 2.

ANT, como uma caixa-preta. Esse status permite que, como observa Motta, o anticomunismo de hoje tenha força mesmo sendo mais artificial. Não temos o clima político da Guerra Fria, nem algum movimento comunista com relevância para causar alguma ameaça ao *status quo* vigente, “trata-se [...] de uma mescla entre oportunismo e anti-esquerdismo sincero”. Segundo Motta, algumas das atuais lideranças de extrema direita divulgam suas ideias mesmo sabendo da falsidade delas pois querem explorar “novamente a indústria do anticomunismo”. Os ganhos com essa exploração vêm desde a venda de livros até a busca de financiamentos (2020, p. 306 e 316). A utilidade e lucratividade desses discursos ocorre devido à bem-sucedida construção deliberada da mentalidade anticomunista no Brasil que conseguiu enraizar-se no senso comum brasileiro através do magnetismo anticomunista.

Em primeiro lugar, a citação seguinte serve para mostrar como os esforços coletivos das forças tradicionais na formação da mentalidade anticomunista no Brasil têm reflexo até hoje. Em segundo lugar, ela descreve na íntegra o *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista* para atingir sua *dupla tarefa* de impedir a popularidade das forças modernizadoras e popularizar a defesa do *status quo*.

Mas, nesse amálgama [que compõem o anticomunismo atual], há também pitadas de anti-esquerdismo sincero, que decorre da reação contra certas políticas públicas (defesa de direitos humanos e de minorias, cotas raciais, incremento no programa de bolsas para famílias pobres) adotadas na era petista. Uma reação instigada por lideranças de direita com vistas a despertar a ira adormecida de grupos conservadores, trazendo à tona temores e preconceitos sociais profundamente arraigados. Expressar tais valores e medos em linguagem anticomunista é conveniente politicamente, tal como em momentos históricos anteriores, pois a apropriação e a releitura seletiva dessas tradições permitem representar os projetos de esquerda em tons mais graves, mais assustadores do que realmente são (Motta, 2020, p. 316).

Para essa tarefa de exagerar pejorativamente os projetos de esquerda, o papel da mídia é fundamental. Assim como vimos na campanha midiática que provocou a aprovação do Estado de Guerra (subcapítulo 4.2) sem a devida análise da matéria, onde “As únicas fontes a orientar a apreciação parlamentar sobre o assunto foram informações publicadas pelos jornais” (2020, p. 242), o mesmo podemos ver no processo de “*impeachment*” da presidente Dilma Rousseff em 2016 e — guardada a devida distinção das instituições julgadoras em cada caso — na prisão do presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2018. Sob o ponto de vista do anticomunismo atual, é sobretudo o Partido dos Trabalhadores (PT) quem encarna hoje o comunismo (Bomba, 2019, p. 134). Assim como foi a aprovação do Estado de Guerra em 1937, tanto o julgamento político de Dilma quanto o julgamento jurídico de Lula foram feitos sob intensa pressão da imprensa e aquém da devida análise do seu conteúdo acusatório. Esses dois momentos também foram

marcados pela união da imprensa tradicional na construção de camuflagens populares para as causas impopulares do momento, que eram, respectivamente, a derrubada de uma presidente democraticamente eleita e a prisão do líder das pesquisas eleitorais para a Presidência da República.

No caso do “*impeachment*”, o episódio “foi produto de vários fatores, [...] todavia é difícil imaginar como todos esses elementos entraram em sinergia sem a ativa colaboração da mídia” (Feres Jr. e Sassara, 2016, p. 183 *apud* Rodrigues, 2018, p. 43). Por meio “da observação de trinta e cinco editoriais dos principais jornais impresso do país durante a tramitação dos processos de impeachment de Dilma Rousseff em 2016”, o cientista social Theófilo Machado Rodrigues (2018, p. 41) indica uma “certa unidade entre esses jornais” contra a continuação do governo Dilma. No entanto, não houve a mesma unidade em relação aos pedidos de *impeachment* de Michel Temer em 2017 (2018, p. 49). Para esta pesquisa, a diferença no posicionamento da mídia entre os dois eventos, é, sobretudo, devido aos efeitos do magnetismo anticomunista.

O papel da mídia brasileira para o “impeachment” de Dilma Rousseff também foi analisado pelo pesquisador Teun Adrianus van Dijk da Universitat Pompeu Fabra, em Barcelona. Em artigo publicado na revista *Discourse & Communication*, van Dijk defende que entre março e abril de 2016, o jornal *O Globo* “desempenhou um papel determinante no golpe ao manipular tanto a opinião pública, quanto os políticos que votaram contra Dilma (van Dijk, 2017, p. 199 *apud* Rodrigues, 2018, p. 43). Segundo Rodrigues, “van Dijk talvez exagere a capacidade do jornal *O Globo* de mobilizar atores políticos, mas o exagero não torna o ponto inválido” (2018, p. 43). Seguindo o mesmo raciocínio, o cientista social e pesquisador argentino, Ariel Goldstein, defende que “a imprensa conservadora-liberal ofereceu a legitimidade para o avanço do impeachment conservador de Dilma Rousseff” (Goldstein, 2016, p. 10 *apud* Rodrigues, 2018, p. 43).

Referente à união da imprensa pela prisão do presidente Lula, formada de maneira semelhante à união das reações ao Levante Comunista de 1935, a Operação Lava Jato pode ser vista como manifestação mais recente desta complacência da imprensa brasileira diante da supressão de noções humanitárias e do atropelo de ritos jurídicos quando estes são feitos em prejuízo de grupos que podem ser tratadas como comunistas pelo magnetismo anticomunista.

Por meio das revelações feitas pelo veículo de jornalismo investigativo, *The Intercept*, conhecidas como “Vaza Jato” (The Intercept, 2020), aqueles que desde o início apontavam as ilegalidades processuais e o sensacionalismo midiático da Operação tiveram suas versões confirmadas. A exposição da relação cooperativa entre juiz, procuradores e jornalistas

provocou a anulação do processo jurídico. Esta aliança entre mídia, promotor e juiz pode ser observada quando, no dia em que saiu a condenação do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4), o jornalista Germano Oliveira, da *IstoÉ*, publicou uma foto na rede social *Facebook* acompanhado de outros quatro jornalistas, com a seguinte legenda:

Os cinco jornalistas que fizeram a diferença na cobertura da Lava Jato, que acabarah (sic) levando Lula para trás das grades. Da esquerda para a direita: Vladimir Neto, da TV Globo; Ricardo Brandt, do Estsdao(sic); André Guilherme, do Valor; este que vos fala, Germano Oliveira, da ISTOE; e Flávio Ferreira da Folha de S. Paulo. Faltaram outros grandes repórteres como Fausto Macedo, do Estadao(sic), Cleide Carvalho, do Globo. Esta turma eh(sic) da pesada e se reuniu hoje na sede do TRF4, em Porta Alegre, quando os desembargadores condenaram Lula por 3 a 0 a 12 anos e 1 mês de cadeia. Ainda da psra(sic) confiar na Justiça. (Carta Capital, 2018, online)

A postagem foi editada por Germano Oliveira três horas após sua publicação, a edição consistiu na retirada da frase “que acabarah (sic) levando Lula para trás das grades”. Hoje, 23 de fevereiro de 2025, a página de Oliveira no *Facebook* não tem nenhuma foto publicada. O que torna este registro relevante é a união da mídia para prender o presidenciável líder das pesquisas eleitorais ser confirmada por um jornalista integrante da própria coalizão midiática que não deixa de elencar os outros jornalistas envolvidos e seus respectivos veículos de comunicação participantes da união midiática que, assim como se deu em 1937 e 1964, mobilizou os mecanismos do magnetismo anticomunista para dar camuflagens populares (corrupção) aos objetivos impopulares de cada caso.

Para esta dissertação, o mais relevante que podemos tirar destes episódios é que, ao analisá-los sob as construções teóricas aqui construídas e comparando a atuação das mídias nestes casos com outros casos de impeachment de presidentes vinculados ao tradicionalismo²⁸, a estrutura enraizada do magnetismo do anticomunismo é o elemento que explica a diferença de postura da mídia em cada caso. A análise dos diversos fatos decorridos durante a longa linha histórica do tradicionalismo, da qual origina-se o anticomunismo e seu magnetismo, permite, sem decorrer em teorias conspiratórias, perceber que o efeito de união da imprensa é provocado pela identificação política que os grupos que controlam essas mídias têm com as correntes políticas oriundas do tradicionalismo. Segundo Rodrigues, “Em um contexto de monopólio ou oligopólio, o posicionamento favorável da mídia constitui uma das variáveis determinantes para o sucesso de um governo” (2018, p. 53). Seguindo na mesma linha, Wanderley Guilherme dos Santos afirma que “não é possível governar democraticamente uma

²⁸ Exceto o *impeachment* de Fernando Collor, os casos de Jair Messias Bolsonaro e Michel Temer não surtiram o efeito das campanhas midiáticas.

sociedade com uma imprensa amordaçada por interesses oligárquicos como é o caso brasileiro” (Santos, 2015, p. 185 *apud* Rodrigues, id.). Portanto, a imprensa esteve presente nas diversas vezes que o anticomunismo foi mobilizado para a produção daquilo que, como vimos no capítulo 3, Raymundo Faoro chama de mudanças sem rupturas (2021) e, como vemos neste capítulo, a imprensa também esteve presente nos diversos momentos em que o magnetismo do anticomunismo foi acionado para produzir camuflagens populares e justificar ataques à democracia brasileira. Outra sintonia histórica semelhante pode ser vista na falsa declaração de espontaneidade das manifestações anticomunistas em setembro de 1937 e quando bolsonaristas dizem que o ato de 8 de janeiro foi um movimento espontâneo e sem financiadores.

O Relatório Final da CPMI do 8 de Janeiro sustenta que “Diferentemente do que defendem os bolsonaristas, o Oito de Janeiro não foi um movimento espontâneo ou desorganizado: foi uma mobilização idealizada, planejada e preparada com antecedência” (Brasil, 2023c, p. 12). Sobre o financiamento, até 2025 a Procuradoria Geral da República denunciou cerca de 60 financiadores. Segundo o site *Nexo Jornal*, em notícia publicada no dia 12 de janeiro de 2025, somente um desses financiadores gastou R\$59,2 mil no frete de 4 ônibus para levar 108 pessoas de Londrina para Brasília (Rupp, 2025).

Para Motta, uma das novidades do anticomunismo atual são as questões de gênero (2020, p. 313). Mas, seguindo as próprias investigações de Motta que tratei no capítulo 3, o anticomunismo já havia mobilizado questões de gênero na primeira metade do século passado (2020, p. 91). Portanto, ao invés de novidades, são atualizações provocadas pelas alterações no senso comum provocadas pelo avanço das pautas feministas e estabilizadas pelo *magnetismo semântico*; ou em termos da *ANT*, são reestabilizações para as instabilidades provocadas pela controvérsia surgida em um dos atores-chave (senso comum) que compõem a cadeia de traduções do modo de ordenação que forma a rede da ideia de comunismo para o anticomunismo.

Outro fator que Motta aponta como diferencial da onda anticomunista atual é que os argumentos do anticomunismo liberal passaram a ter mais destaque do que no passado (2020, p. 313). A meu ver, isso se deve, em primeiro lugar, ao desenvolvimento do neoliberalismo e da sua prática de “economização” de tudo (Dardot e Laval, 2016) e, em segundo lugar, ao desenvolvimento do neopentecostalismo que acabou por forjar uma versão religiosa de culto ao capitalismo onde ser bem-sucedido é sinal da bênção divina, conforme aponta o escritor Gilberto Nascimento em entrevista para o portal *Opera Mundi* em 1 de dezembro de 2021 (Alvarenga, 2021). Como reflexo dessa influência do neopentecostalismo, também pode ser vista a presença notável do anticomunismo católico/religioso nas manifestações da ideia de

comunismo para o bolsonarismo que foram expostas no capítulo 2 desta dissertação no capítulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atitude metodológica de devolver aos bolsonaristas e anticomunistas a capacidade de teorizar sobre o que é comunismo (ao invés de desqualificar suas formulações e esterilizá-las de qualquer valor para a investigação sociológica) foi o primeiro passo para os resultados apresentados nesta dissertação. Esta posição metodológica é a mais importante e definitiva contribuição da sociologia associativa para esse trabalho. Em suma, o que essa dissertação fez pode ser traduzido com o que Callon chama de descrever e depois teorizar processos de tradução (2009). No capítulo 2 deste trabalho, foi descrito o processo de tradução envolvido na formação da ideia de comunismo para o bolsonarismo, e, nos capítulos seguintes, essa descrição foi teorizada.

Um comentarista de futebol, diante da tarefa de fazer previsões de um jogo a partir da escalação e da formação tática apresentada pelos dois times, encontrará certa limitação na sua capacidade de tecer comentários conclusivos sobre o que irá ocorrer no jogo que se iniciará. Após o primeiro tempo desse jogo, seus comentários terão outra qualidade depois de ver como as escolhas dos técnicos se deram na prática. Consequentemente, após o fim do jogo sua análise é ainda mais embasada e conclusiva. A meu ver, este exemplo pode servir de comparação sobre o uso da *ANT* como método para estudar a ideia de comunismo para o bolsonarismo. Quando eu tomo como ponto de partida as formulações feitas pelos próprios bolsonaristas, é o mesmo que fazer comentários após o fim do jogo ao invés de tecer conclusões baseado em informações prévias. Pois eu observo o desenrolar das suas teorizações antes de descrever e teorizar sobre elas.

Ao fim e ao cabo, creio que a maneira como minha proposta teórica se adequa nos termos da *ANT* seja secundário. Como foi destacado anteriormente, a estrela desta dissertação não é o método escolhido, mas sim as teorizações feitas pelo meu objeto. Portanto, os termos que apresentei aqui foram forjados de acordo com meu objeto e não com meu método, sendo assim, é esperado que a equalização entre os dois não seja uma harmonia perfeita. Por conseguinte, a equalização entre meus termos e os termos da *ANT* não será retomada aqui reiteradamente, até porque esse enquadramento já foi feito duas vezes anteriormente (subcapítulos 1.2 e 3.3).

Feitas essas considerações sobre meu método, retomo a definição dos diversos termos da descrição teórica que proponho para explicar a ideia de comunismo para o bolsonarismo: 1- *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista*, 2- *magnetismo semântico*, 3-

dinâmica do magnetismo, 4- *gérmen do anticomunismo*, 5- *tripla necessidade intrínseca ao anticomunismo* (TNIA) e 6- *dupla tarefa do anticomunismo*. É sob este aparato técnico que questiono a suposta aleatoriedade irracional do meu objeto e defendo que na verdade ele é dotado de certa ordem.

O primeiro termo, (1) *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista*, pode ser resumido em *magnetismo anticomunista* e é uma variação do segundo termo, *magnetismo semântico*. O *ordenamento padronizado* ocorre em seis etapas e têm como causa a defesa do *status quo*, sua última etapa simboliza a concretude da sua causa. Sob a *ANT*, acredito que ele pode se enquadrar de três formas: a) como um modo de ordenação (Law, 1994); b) como uma cadeia de traduções (Callon, 1986); e c) como os arranjos dinâmicos que são estabelecidos pelas associações entre os atores heterogêneos de uma rede (Latour, 2005).

A percepção do *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista* ocorre após observar as associações feitas entre a ideia de comunismo para o bolsonarismo (capítulo 2) e as manifestações anticomunistas anteriores ao bolsonarismo. São as conexões e sintonias entre as duas que dão fundamento para formular minha proposta teórica dos padrões classificatórios do meu objeto. É seguindo esse ordenamento que essa ideia se forma, se comporta e deixa revelar a causa — *gérmen do anticomunismo* (4) — e a origem do anticomunismo (tradicionalismo).

Dentro da lógica que usei para explicar meu objeto, acredito que o *magnetismo anticomunista* pode ser visto como uma variação da ferramenta retórica do tradicionalismo que eu chamo de *magnetismo semântico* (2). Essa ferramenta retórica pode ser vista como uma tática de defesa. A variação anticomunista obteve destaque devido aos fatores históricos que expus nesta dissertação. Dessa forma, sob a pesquisa feita neste trabalho, é possível inferir que muito provavelmente a *dinâmica do magnetismo* (3) é compartilhada por todas as variações do magnetismo semântico, não só o anticomunista, mas também nos seus antecessores como o antimordenismo e o antiaboliconismo — a investigação para poder afirmar isso com mais precisão é digna de ser objeto de trabalhos futuros.

Portanto, as composições históricas do *status quo* e do senso comum formam o terceiro termo: *dinâmica do magnetismo*. Sobre a questão de que a ideia de comunismo para o bolsonarismo não segue a teoria comunista (e é por isso que não dá para entender meu objeto sem extrapolar os limites do comunismo) e é uma aleatoriedade irracional, esta dissertação propõe que o fator decisivo para a classificação de comunismo para o bolsonarismo não está no que seria verdadeiramente o *modus operandi* comunista, mas sim no que é, ou não, ameaça ao *status quo* ; e no que é, ou não, capaz de atingir o senso comum.

Dessa forma, ao contrário da suposta aleatoriedade irracional, a ideia de comunismo para o bolsonarismo segue o *ordenamento padronizado do magnetismo anticomunista*. Esse ordenamento faz com que essa ideia mobilize argumentos que agriçam o senso comum para definir o que é comunismo; e, para definir quem é comunista, mobilize indivíduos e movimentos que ameaçam o *status quo*.

Ou seja, o senso comum e o *status quo*, em conjunto, são os parâmetros para atrair (polo negativo) ao significado de comunismo para o anticomunismo/ bolsonarismo tudo aquilo que ameaçar o *status quo* e ofender o senso comum, e repelir (polo positivo) desse significado tudo aquilo que agrada o *status quo* e o senso comum.

Portanto, e parafraseando Latour (2012, p. 23), uma nova ideia de comunismo para o anticomunismo está sendo formada. O que provoca essa “metamorfose” constante são instabilidades oriundas das alterações no *status quo* e no senso comum. Alterações provenientes dos conflitos produtores de mudanças sociais. O que resolve essas instabilidades é o *magnetismo semântico*. Ao atrair e repelir ao significado de comunismo os atores que compõem o *status quo* e o senso comum de cada época, ele estabiliza a rede novamente. Mais uma vez: da mesma maneira que um ímã repele polos iguais e atrai polos diferentes, o magnetismo anticomunista repele o que agrada o senso comum e o *status quo* e atrai o que ofende o senso comum e o *status quo*. Dessa forma, os atores que ameaçam a manutenção do *status quo* são atraídos e os atores que ofendem o senso comum, também. Os que não fazem isso, são repelidos. Essa movimentação é o que eu chamo de *dinâmica do magnetismo*.

O que chamo de *gérmen do anticomunismo* (4) funciona como o volante desta *dinâmica* e, além disso, funciona como o norte que dá sentido ao *ordenamento padronizado*. Sua causa é defender a manutenção do *status quo*, e a concretização desta causa é a última etapa do *ordenamento* e, por tabela, também é a terceira das três necessidades do magnetismo anticomunista (TNIA).

A *tripla necessidade intrínseca ao anticomunismo* (5) surge da *dupla tarefa do anticomunismo* (6). Devido à natureza popular das forças questionadoras da ordem, bradando por melhor qualidade de vida, justiça social, etc; e devido à natureza impopular que é se opor à essas mudanças e ao fato de o termo “anticomunismo” não trazer em si nenhum ideal específico além de uma sociedade “sem comunismo”, o anticomunismo têm em si a *dupla tarefa* (6) de despolarizar sua oposição e de popularizar a sua defesa. Para conseguir executar essa dupla tarefa que lhe é intrínseca, surgem três necessidades igualmente intrínsecas: *camuflar* para *atacar* sua oposição e *conquistar* a opinião pública; atingindo assim, consequentemente, a sua causa de defender o *status quo* (*gérmen do anticomunismo*).

O capítulo 4 trata dos antecedentes da ideia de comunismo para o bolsonarismo e de demonstrar como a explicação teórica que dou para essa ideia pode ser encontrada em práticas históricas, ou seja, produzindo leis, discursos, mídias, comportamentos, etc. Portanto, este capítulo também pode ser lido antes do capítulo 2, como maneira de observar como o magnetismo foi se desenvolvendo até se manifestar na ideia de comunismo para o bolsonarismo apresentada hoje.

É este o aparato utilizado para responder às questões sobre a ideia de comunismo para o bolsonarismo que me propus à responder no início desta dissertação.

De maneira geral, as manifestações expostas no capítulo 2 utilizam muitas definições antigas para dizer o que é comunismo; já para dizer quem é comunista, os novos atores que surgiram ao longo do tempo são acrescentados aos antigos. Faço alguns breves destaques dessa amostra a seguir.

Algumas críticas feitas pelos bolsonaristas já eram respondidas pelo próprio Karl Marx no *Manifesto Comunista* (2017). Sobre a ideia de que o comunismo deixaria as pessoas preguiçosas, Marx e Engels afirmam que se isso “fosse verdade, a sociedade burguesa há muito tempo já deveria ter sucumbido por absoluta ociosidade: seus membros que trabalham não lucram, e os que lucram, não trabalham” (2017, p. 34). Outra crítica que Marx e Engels se defendem é a de que o comunismo representaria uma ameaça para a família. Sobre isso, Marx e Engels afirmam que a noção de família é uma noção burguesa, existente apenas para a burguesia e que desaparecerá naturalmente após o “sumiço do capital” (2017, p. 35). Já na família do proletariado, a exploração dos trabalhadores destrói “todos os laços familiares entre os proletários” e seus filhos tornam-se “simples artigos de comércio e instrumentos de trabalho” (2017, p. 36). As críticas sobre a erotização e a promiscuidade também são respondidas no *Manifesto*. Marx afirma que a percepção da burguesia de que os “comunistas introduziram a comunidade das mulheres” vem do fato do burguês ver sua esposa como “um mero instrumento de produção”, portanto, ao ouvir falar que os comunistas defendem que “os instrumentos de produção” sejam “explorados em comum”, ele “naturalmente” pensa que “acontecerá o mesmo com as mulheres” (2017, p. 36). Em relação à educação, Marx afirma que os “comunistas não inventaram a intervenção da sociedade na educação”, a questão é alterar a intervenção feita na sociedade burguesa, ou seja, retirar “a educação da influência da classe dominante” e substituir a “educação doméstica pela social” (2017, p. 36).

Sobre os argumentos de teor religioso, eles são amplamente utilizados nos três setores do bolsonarismo que compõem a minha amostra. Como vimos, é dele que provém a maioria dos argumentos maniqueístas que são capazes de gerar grande força mobilizadora.

De maneira geral, as ideias mobilizadas por Eduardo Bolsonaro para definir o que é comunismo fazem associações com terrorismo, ditadura, guerra fria, ignorância e guerra cultural. Como exemplo de uma dessas associações (guerra cultural), temos a afirmação do deputado de que o comunismo se infiltra no Brasil através de professores e artistas que manipulam os “inocentes úteis” (capítulo 2). Além disso, a defesa do *status quo* é mobilizada pelo deputado para justificar a perseguição ao comunismo na ditadura e para justificar a proibição do comunismo hoje. Em alguns momentos a justificativa do projeto de lei de Eduardo explicita o que eu chamo de *gérmen do anticomunismo*

Cabe aqui destacar, que defendemos, e assim a legislação já permite, a livre manifestação pacífica de qualquer natureza, desde que respeitadas as normas legais para a manutenção da ordem pública (Brasil, 2016, p. 6)

Abaixo, Eduardo faz o mesmo ao justificar a tortura devido a ameaça da ordem vigente.

Não cabe defesa à tortura, mas esta, se ocorreu, não precedeu ao terrorismo. O contrário é verdadeiro. O Estado brasileiro teve de usar seus recursos para fazer frente a grupos que não admitiam a ordem vigente e, sob esse argumento, implantaram o terror no país. (Brasil, 2016, p. 4)

Já sobre o dep. estadual Cristiano Caporezzo, ele mobiliza argumentos do anticomunismo católico e da guerra cultural. Também fala de preguiça, de exploração do trabalho e de que o comunismo recusa a meritocracia. Assuntos que encontram paralelo nas argumentações feitas por esta dissertação sobre o subconceito de *camuflagens* (subcapítulo 3.2)

O vereador Pavanato é um dos que se destacam em mobilizar argumentos religiosos para definir o que é comunismo, consequentemente, também se destaca no uso de argumentos maniqueístas, por exemplo, ao dizer que o comunismo é sempre no “sentido da morte” (capítulo 2).

O dep. federal Nikolas Ferreira também faz associações com a guerra cultural e com o maniqueísmo católico e sai do comum ao dizer que a ignorância do povo brasileiro ajudou a fazer com que as ideias de esquerda não conseguissem proliferar (subcapítulo 2.2). Essa fala, a meu ver, se assemelha com o momento quando Assis Chateaubriand afirmou que as potências estrangeiras não iriam querer o comunismo no Brasil para proteger seus interesses financeiros (capítulo 4).

A deputada federal Coronel Fernanda afirma que o comunismo é pior que o nazismo, que é uma utopia e que é uma ideologia que defende que os fins justificam os meios. Esse argumento que muitos caracterizam como “maquiavélico”, “os fins justificam os meios”, também foi mobilizado na série documental da Brasil Paralelo sobre a história do comunismo (Vianna, 2024, episódio 6).

Jair Bolsonaro, além de utilizar muitos argumentos do anticomunismo católico, como ao deixar subentendido na campanha eleitoral de 2022 que Lula é o capeta (capítulo 2), associa o comunismo diversas vezes como o oposto da democracia e dos valores democráticos. Também associa diversas vezes o comunismo à Venezuela e usa a situação social precária do país como agravante.

Dentre as associações feitas pela Brasil Paralelo destaca-se a síntese em quatro pontos das ideias de Marx (Brasil Paralelo, 2024, online). Dos quatro, pode-se dizer que dois são *camuflagens*: “fim da religião e dos conceitos morais clássicos, buscando instaurar um paraíso amoral na Terra” e “fim da família, levando os bebês a serem criados por toda a sociedade”. Como vimos poucas páginas atrás, ambas as afirmações são respondidas no *Manifesto Comunista* (2017).

Em especial, no documentário da Brasil Paralelo sobre a história do comunismo, o termo da *ANT* “infralinguagem” pode ser usado para descrever a escolha das cores, da trilha sonora e do tom de voz tenso das dublagens — adjetivo que muitas vezes não coincide com a fala original dos entrevistados estrangeiros. Além disso, o primeiro episódio da série documental já começa mobilizando o maniqueísmo do bem *x* mal ao colocar as revoluções como um mal. A série documental também guarda algumas discrepâncias com a teoria comunista, por exemplo, quando o entrevistado Bruno Fontana afirma que o último estágio da dialética para Marx é o “Estado” comunista, sendo que é sabido que a definição marxista de comunismo envolve uma sociedade sem Estado. O entrevistado é apresentado como especialista em idealismo alemão (Viana, 2024, episódio 1).

O *Livro Negro do Comunismo* de Stéphane Courtois aparece muitas vezes nas ideias de comunismo para o bolsonarismo. Sua contagem de 100 milhões de mortos pelo comunismo é repetida por diversos atores (Eduardo Bolsonaro, Nikolas Ferreira, Caporrezzo, Coronel Fernanda, Brasil Paralelo, etc). Segundo reportagem da revista Jacobin, essa obra, ao ser lançada, foi alvo de críticas feitas pelos próprios colaboradores da pesquisa, dentre os dados apontados como infundados estão justamente este número de mortos (Guzvica, 2025).

O que pode ser encontrado de novo nas ideias de comunismo mobilizadas pelo bolsonarismo no capítulo 2 é principalmente a equiparação do comunismo com o nazismo (p.ex: Revista Oeste, Brasil Paralelo, Gazeta do Povo, Coronel Fernanda, Eduardo Bolsonaro, Jair Bolsonaro). Essa nova associação é explicada pelo magnetismo anticomunista: muda-se o senso comum, muda-se a atração. Além disso, ocorre também a associação de comportamentos típicos do anticomunismo ao comunismo, como a satanização da oposição (p.ex: Eduardo Bolsonaro), e de características defendidas pela teoria neoliberal, mas que o bolsonarismo os vincula ao comunismo, por exemplo, quando Pavanatto atribui ao marxismo noções típicas de pensadores neoliberais, como a defesa da maioria, do mais forte e da meritocracia (Brown,

2019). Como disse alguns parágrafos atrás e retomo agora visando elencar as inovações do anticomunismo bolsonarista percebidas por esta dissertação, Nikolas Ferreira faz algumas associações ao formular sua ideia de comunismo que não têm paralelo na pesquisa feita aqui, como, por exemplo, as críticas ao armamento e a defesa do aborto. O segundo pode ser visto como atualização das questões de gênero e da pauta de costumes. O primeiro não é consenso nas esquerdas, sendo inclusive pauta favorável de muitos grupos revolucionários, inclusive comunistas. Por fim, o genocídio pode ser visto como outra novidade. Este argumento foi muitas vezes associado pelos políticos e pelas mídias bolsonaristas, mas o mesmo não foi visto por esta dissertação nas definições dos apoiadores. A Brasil Paralelo diz, por exemplo, que os genocídios do comunismo são os maiores da história (capítulo 2).

Acredito que o estudo sobre a ideia de comunismo para o bolsonarismo possa ter importantes desenvolvimentos na investigação das obras que foram levantadas pelos relatos do capítulo 2: *O Livro Negro do Comunismo* de Stéhane Courtois, *Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota* de Olavo de Carvalho (autor citado por Jair Bolsonaro e por Nikolas Ferreira), *Arquipélago Gulag* de Aleksandr Soljenítsin e *Torturado por amor à Cristo* de Richar Wurmbrand.

Outro estudo que acredito ser de grande contribuição seria a investigação sobre o que é bolsonarismo para os bolsonaristas, além de outros conceitos como direitos humanos e democracia. Acredito também que a aplicação de entrevistas em larga escala sobre o meu objeto seja capaz de trazer importantes elucidações.

Espero que este trabalho sirva de inspiração para outras pesquisas sobre o tema e com a mesma intenção que trouxe no meu marco teórico, a de tentar tornar o ambiente político menos bélico buscando compreender como cada grupo percebe seu “inimigo”. Acredito que o magnetismo anticomunista possa ser visto como um dos obstáculos no sucesso de importantes políticas públicas capazes de sanar algumas carências sociais brasileiras. Portanto, posso afirmar que seria uma grande felicidade caso algum dia este trabalho sirva para algo neste sentido.

Dessa forma, acredito que o objetivo geral desta dissertação, compreender a ideia de comunismo para o bolsonarismo, esteja contemplado. Da mesma forma estão os objetivos específicos de 1-investigar a origem do anticomunismo bolsonarista; 2- identificar qual é a causa que dá origem ao anticomunismo como um todo; 3- compreender quais fatores determinam o que será ou não tratado como comunismo e comunista pelo anticomunismo e 4- compreender o comportamento da dinâmica semântico que o anticomunismo dá ao conceito de comunismo em diferentes momentos da História.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Aspectos do Novo Radicalismo de Direita. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

AFP Português. *Em comício, Bolsonaro cita 'as dores do comunismo'; Datafolha aponta Lula na dianteira* / AFP. YouTube, 14 out. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eccN4WXo4Ak>. Acesso em: 13 out. 2024

ALVARENGA, Camila. Neopentecostalismo é a 'religião do neoliberalismo', diz Gilberto Nascimento. *Opera Mundi*, 1 dez. 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/20-minutos/neopentecostalismo-e-a-religiao-do-neoliberalismo-diz-gilberto-nascimento/>. Acesso em: 30 jan. 2025

ALVES, Pedro Henrique. Comunismo e nazismo, filhos do mesmo útero. *Revista Oeste*, São Paulo, 25 fev. 2024. Disponível em: <https://revistaoeste.com/cultura/comunismo-e-nazismo-filhos-do-mesmo-utero/>. Acesso em: 10 out. 2024.

_____. O livro esquecido de 1891 que previu o desastre do comunismo. *Revista Oeste*, São Paulo, 18 mai. 2024b. Disponível em: <https://revistaoeste.com/politica/o-livro-esquecido-de-1891-que-previu-o-desastre-do-comunismo/>. Acesso em: 10 out. 2024

_____. Anatole France: o literato comunista que denunciou o totalitarismo do comunismo. *Revista Oeste*, São Paulo, 30 mar. 2024c. Disponível em: <https://revistaoeste.com/cultura/anatole-france-o-literato-comunista-que-denunciou-o-totalitarismo-do-comunismo/>. Acesso em: 10 out. 2024.

ANDRADE, Hanrrikson de. *Ato bolsonarista no DF reúne religiosos e monarquistas em clamor por golpe*. Notícias UOL, Brasília, 2 nov. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/02/protesto-brasilia.htm>. Acesso em: 13 out. 2024

ARCHER, Margaret. *Being Human: The Problem of Agency*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000

BARBOSA, B. ELY, D. BARBOSA, J. Bolsonaristas usam 'ameaça comunista' para minar isolamento social e atacar governadores. *Aos Fatos*, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaristas-usam-ameaca-comunista-para-minar-isolamento-social-e-atacar-governadores/>. Acesso em: 30 jan. 2025

BARROS, Ciro. Quanto maior o colapso do governo, maior a virulência da guerra cultural, diz pesquisador da Uerj. *Agência Pública*, 28 mai. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/quanto-maior-o-colapso-do-governo-maior-a-virulencia-da-guerra-cultural-diz-pesquisador-da-uerj/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BATESON, Gregory. *Naven: A Survey of the Problems Suggested by a Composite Picture of the Culture of a New Guinea Tribe Drawn from Three Points of View*. Stanford: Stanford University Press, 1936

_____. *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1972

_____. *Mind and Nature: A Necessary Unity*. Nova York: Dutton, 1979.

BATISTA, Paulo Nogueira. *O consenso de Washington: a visão neoliberal dos problemas latino-americanos*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

BENTO, Berenice. *Abjeção : a construção histórica do racismo* / Berenice Bento. - São Paulo : Editora Bregantini, 2024.

BOMBA, G. *O passado não tão distante*. Revista Espaço Acadêmico, v. 19, n. 220, p. 127-136, fev. 2020.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política* / Norberto Bobbio, Nicola Matteucci, Gianfranco Pasquino. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 13a ed., 4a reimpressão, 2010

BOITO JR., A. *O caminho brasileiro para o fascismo*. Caderno CRH, [S. l.], v. 34, 2021.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. *An Invitation to Reflexive Sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

BRANDÃO, Priscila Carlos e LEITE, Isabel Cristina. *Nunca foram heróis! A disputa pela imposição de significados em torno do emprego da violência na ditadura brasileira, por meio de uma leitura do Projeto Orvil*. Anos 90, Porto Alegre, v.19, n.35, p. 299-327, jul. 2012

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Altera a redação da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 2016, para criminalizar a apologia ao comunismo*. Projeto de Lei nº 5.358, de 2016. Autoria: Deputado Eduardo Bolsonaro. Brasília, DF, 5 maio 2016. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1460579. Acesso em: 23 fev. 2025

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça e cor*. Projeto de Lei nº 446, de 2023. Autoria: Deputada Coronel Fernanda. Brasília, DF, 10 fev. 2023. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2234930. Acesso em: 23 fev. 2025

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Altera Lei nº 9.096, de 19 de setembro de 1995, que dispõe sobre partidos políticos*. Projeto de Lei nº 447, de 2023. Autoria: Deputada Coronel Fernanda. Brasília, DF, 10 fev. 2023b. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2234686. Acesso em: 23 fev. 2025

BRASIL. Comissão Parlamentar Mista de Investigação (CPMI). *Relatório Final: Versão Consolidada*. Brasília, DF: Senado Federal, 17 out. 2023c. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2023/10/17/relatorio-cpmi-versao-consolidada_231017_100010.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRASIL PARALELO. *Entenda o que é comunismo e quais foram suas principais consequências*. São Paulo. 20 mar. 2024. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/o-que-e-comunismo>. Acesso em: 22 set. 2024

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Editora Politéia, 2019

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?*; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed - São Paulo : Boitempo, 2024.

CALLINICOS, Alex. *The Resources of Critique*. Cambridge: Polity Press, 2006.

CALLON, Michel. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay. *Power, Action & Belief*, v. 32, n. 1, p. 196-223, 1986.

_____. (Ed.). *The Laws of the Markets*. Oxford: Blackwell Publishers/The Sociological Review, 1998.

_____. "Alguns elementos para uma sociologia da tradução". In: *A ciência em ação*. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Unesp, 2011

_____; LASCOUMES, Pierre; BARTHE, Yannick. *Acting in an Uncertain World: An Essay on Technical Democracy* (Original: *Agir dans un monde incertain: Essai sur la démocratie technique*). Tradução de Graham Burchell. Cambridge (MA): MIT Press, 2009.

CARTA CAPITAL. *No TRF-4, jornalista celebra cobertura que acabará levando Lula para trás das grades*. Carta Capital 25 jan. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/midiatico/no-trf-4-jornalista-celebra-cobertura-que-acabara-levando-lula-para-tras-das-grades/>. Acesso em: 31 nov. 2024

CS NEWS 28. *Nikolas Ferreira bolsonaro salvou o Brasil do comunismo*. YouTube, 16 mar. 2025. 1 vídeo (8h47min12s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qnzFXeOSFR8>. Acesso em: 28 mar. 2025

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1995.

DÍAZ, Rachel. *Milei condena vandalismo em mansão de Messi: "O comunismo é alimentado pela inveja"*. Revista Oeste, São Paulo, 06 ago 2024. Disponível em: <https://revistaoeste.com/mundo/milei-condena-vandalismo-em-mansao-de-messi-o-comunismo-e-alimentado-pela-inveja/>. Acesso em: 10 out. 2024.

DOMINGUES, J. M. *Modernidade, tradição e reflexividade no Brasil contemporâneo*. In: DOMINGUES, J.M. *Criatividade social, subjetividade coletiva e a modernidade brasileira contemporânea*. RJ: Contra a Capa Livraria, 1999.

ENGELS, Friedrich. *Cartas sobre o Materialismo Histórico*. Trad. José Barata-Moura. Lisboa: Avante, 1974

FAORO, Raimundo. *Os donos do poder: Formação do patronato político brasileiro* / Raimundo Faoro - 1. ed. - São Paulo : Companhia das Letras, 2021.

FERREIRA, Nikolas. *"Sou comunista, e daí?"*. YouTube, 15 dez. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tjyEhxIGaeU>. Acesso em: 15 fev. 2025

FESTA, Marcos Vinicius Paludo. *O Projeto Orvil e a introdução da guerra cultural no contexto brasileiro*. XV Encontro Estadual de História APUH RS, Universidade de Passo Fundo, 21 a 24 de setembro de 2020

FISHER, Mark. *Realismo Capitalista : é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* / Mark Fisher ; tradução Rodrigo Gonçalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira ; [coordenação Manuela Beloni, Cauê Ameni]. - 1ª. ed - São Paulo : Autonomia Literária, 2020

FONSECA, Maria Angélica da; LOPES, Maria Margaret. A construção do conceito de sustentabilidade em redes de agroecologia: um olhar a partir da ANT. *Ambiente & Sociedade*, v. 22, p. e02772, 2019.

FRASER, Nancy. *Escalas de Justiça: Reimaginando o Espaço Político em um Mundo Globalizado*. Trad. Charles Feldhaus. São Paulo: Unesp, 2020

GARFINKEL, Harold. *Estudos em etnometodologia*. Tradução de João Ribeiro Júnior. Petrópolis: Vozes, 2020

GAZETA DO POVO. 31 textos sobre o comunismo que Manuela D'Ávila não conseguiu explicar. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 10 out. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/31-textos-sobre-o-comunismo-que-manuela-davila-nao-consegiu-explicar-5fgtauruxftftwg00coi15n86/>. Acesso em: 04 fev. 2025.

_____. Os antirracistas deveriam pensar duas vezes antes de se aliar ao socialismo. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 07 dez. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/os-antirracistas-deveriam-pensar-duas-vezes-antes-de-se-aliar-ao-socialismo-6jk9af4lmt55yzqncco8e5fiz/>. Acesso em: 04 fev. 2025

GRAEBER, David. *The utopia of rules: on technology, stupidity, and the secret joys of bureaucracy*. Brooklyn: Melville House, 2015

GRAMSCI, Antonio, 1891-1937. Cadernos do cárcere, volume 1 / Antonio Gramsci ; [tradução Carlos Nelson Coutinho]. - 15 ed. - Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2023.

GRIZAFIS, Uiliam. Vídeo: "Regra na fila de adoção é comunismo", diz ministro do STJ. *Revista Oeste*, São Paulo, 10 abr 2024, Disponível em: <https://revistaoeste.com/politica/video-regra-na-fila-de-adocao-e-comunismo-diz-ministro-do-stj/>. Acesso em: 10 out 2024

GUZVICA, Stefan. "O Livro Negro do Comunismo" é uma péssima obra? *Revista Jacobin Brasil*, 05 fev. 2025. Trad. Pedro Silva. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2025/02/o-ilivro-negro-do-comunismo-i-e-uma-pessima-obra/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

HARAWAY, Donna. *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature*. New York: Routledge, 1991.

HARVEY, David. *Breve História do Neoliberalismo*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2008

_____. O neoliberalismo: história e implicações. São Paulo: Editora Loyola, 2014.

HECHT, Gabrielle. *The African Anthropocene: Nuclear Landscapes and the Contradictions of Progress*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2023.

HISTÓRIA CABELUDA. *Nikolas Ferreira supõe que a Netflix seja comunista / Cortes Cabeludos*. YouTube, 17 dez. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xm_k-xrNB4k. Acesso em: 15 fev. 2025

HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991* / Eric Hobsbawm; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil* / Sérgio Buarque de Holanda - 27ª ed. - São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

INTELIGÊNCIA LTDA. *Debate: Marcista x Conervador - Gustavo Machado x Lucas Pacavanato - Inteligência Ltda. Podcast #1457*. YouTube, 25 fev. 2025. 1 vídeo . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z7pP0rDXdBm>. Acesso em: 26 fev; 2025.

_____. *Nikolas Ferreira - Inteligência Ltda. Podcast #271..* YouTube, 20 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xsnq5oAVBqA>. Acesso em: 26 fev. 2025

JABBOUR, Elias. *China: o socialismo do século XXI* / Elias Jabbour, Alberto Gabriela. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2021.

JAEGGI, Rahel. Reconhecimento e subjugação: da relação entre teorias positivas e negativas da intersubjetividade. *Sociologias* [online]. 2013, vol.15, n.33

JOVEM PAN. *Em missa, Bolsonaro diz rezar para "proteger Brasil do comunismo"*. Jovem Pan, 07 set. 2022. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/em-missa-bolsonaro-diz-rezar-para-proteger-brasil-do-comunismo.html>. Acesso em: 13 out. 2024

JOVEM PAN. *Bolsonaro chama Lula de 'capeta que quer impor o comunismo'*. YouTube, 13 set. 2022b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GC1eCeFsEG>. Acesso em: 13 out. 2024

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2011

LACERDA, Fabio. *Nikolas Ferreira revela como o comunismo atua dentro das faculdades / Fábio Lacerda Podcast*. YouTube, 07 jun. 2023.. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z0lpXgkfig8>. Acesso em: 15 out. 2024.

LACOMBE, Luís Ernesto. Javalis comunistas e socialistas. *YouTube*, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LHiFdjQ9lA..> Acesso em: 04 fev. 2025

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012

_____. *Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. Tradução de Maryalua Meyer. São Paulo: Ubu, 2020.

_____. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. *The Promises of Constructivism*. In: *Social Studies of Science*, v. 33, 2003

_____. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford: OUP, 2005.

_____. *Pandora's Hope: Essays on the Reality of Science Studies*. Cambridge: Harvard University Press, 1999

_____. *Gabriel Tarde and the End of the Social*. In: JOYCE, Patrick (Ed.). *The Social in Question: New Bearings in History and the Social Sciences*. Londres: Routledge, 2002

_____. *Where Are the Missing Masses? The Sociology of a Few Mundane Artifacts*. In: BIJKER, W.; LAW, J. (Eds.). *Shaping Technology/Building Society*. Cambridge: MIT Press, 1992

_____. *Science in Action: How to Follow Scientists and Engineers through Society*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

_____. *The Pasteurization of France*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

_____. Why Has Critique Run out of Steam? From Matters of Fact to Matters of Concern. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 30, n. 2, p. 225-248, Winter 2004

_____. *Politics of Nature: How to Bring the Sciences into Democracy*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 2004b.

_____ ; WOOLGAR, Steve. *Laboratory Life: The Construction of Scientific Facts*. Princeton: Princeton University Press, 1979.

LAW, John. Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy, and Heterogeneity. *Systems Practice*, [S. l.], v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992

_____. *Organizing Modernity*. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Objects and Spaces*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. *After Method: Mess in Social Science Research*. London: Routledge, 2004.

LIMA, Nisia Trindade; BAPTISTA, Tatiana Wargas de Faria. A rede de produção de políticas de saúde: uma análise a partir da teoria ator-rede. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 28, n. 3, p. e280304, 2018.

LÚCIA, Irmã. Memórias da Irmã Lúcia I. 13.^a ed. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2007.

LUKÁCS, György. *História e Consciência de Classe*. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUHMANN, Niklas. *Social Systems*. Stanford: Stanford University Press, 1995

MARX, Karl. A Ideologia Alemã, 1º capítulo : seguido das Teses sobre Feuerbach / Karl Marx, Friedrich Engels. Tradução Sílvio Donizete Chagas. São Paulo : Centauro, 2002

_____. O 18 de brumário de Luís Bonaparte / Karl Marx ; [tradução e notas Nélío Schneider ; prólogo Herbert Marcuse]. - São Paulo : Boitempo, 2011

_____. Crítica do Programa de Gotha / Karl Marx ; seleção, tradução e notas Rubens Enderle. - São Paulo : Boitempo, 2012

_____. ENGELS, Friedrich (1820-1895). *Manifesto do partido comunista*. 3.ed. São Paulo : Sundermann, 2017

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *Autopoiesis and Cognition*. Dordrecht: Reidel, 1980

MASSEY, Doreen. *For Space*. Londres: Sage, 2005

_____. *Geographies of Responsibility*. *Geografiska Annaler*, v. 86, 2004.

MAUAD, João Luiz. A verdade sobre o comunismo: a ignorância encoberta pela propaganda. *Instituto Liberal*. 10 out. 2022. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/recente/a->

verdade-sobre-o-comunismo-a-ignorancia-encoberta-pela-propaganda/. Acesso em: 13 out. 2024

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos ativistas de direita brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*, v 32, Número 3, Set/Dez. 2017.

MOL, Annemarie. Ontological Politics. *The Sociological Review*, v. 47, 1999.

MOORE, Jason W. *Capitalism in the Web of Life*. Londres: Verso, 2015.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o perigo vermelho : o anticomunismo no Brasil (1917-1964) / Rodrigo Patto Sá Motta. —2ª ed. — Niterói : Eduff, 2020.

_____. Passados presentes: O golpe de 1964 e a ditadura militar / Rodrigo Patto Sá Motta. —1ª ed. — Rio de Janeiro: Zahar, 2021

MOUFFE, Chantal. *Sobre o Político*. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

O GLOBO. Ibama interrompe autorizações para caça de javalis e animais exóticos; entenda. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 set. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/09/06/ibama-interrompe-autorizacoes-para-caca-de-javalis-e-animais-exoticos-entenda.ghhtml>. Acesso em: 04 fev 2025

PÂNICO JOVEM PAN. *Nikolas Ferreiras: 'Comunista chamar quem não usa máscara de genocida é o cúmulo'*. YouTube, 06 mai. 2021. 1 vídeo (5min12s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4pAdZfGYMac>. Acesso em: 15 out. 2024

PERES, Sarah. *"Progressistas odeiam o cristianismo", afirma Bolsonaro*. Revista Oeste, 01 ago. 2024. Disponível em: <https://revistaoeste.com/politica/progressistas-odeiam-o-cristianismo-afirma-bolsonaro/>. Acesso em: 13 out. 2024

PEREIRA, Tiago Santos; ALMEIDA, Marco Antônio. A formação do conceito de "inovação" em startups brasileiras: uma análise ator-rede. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 24, n. 5, p. 412-428, 2020.

PODER360. *Assista a Bolsonaro em Washington dizendo que 'Brasil ia para o comunismo'*. YouTube, 18 mar. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w74fR4Epb9A>. Acesso em: 13 out. 2024

_____. “Afastai a peste do comunismo”, diz Bolsonaro durante missa.. YouTube, 6 set. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t5TEf7pVpzE>. Acesso em: 13 out. 2024

POSITIVAMENTE PODCAST. *Nikolas Ferreira detalha posicionamento político cristão..* YouTube, 26 out. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4AlgqPtD5OQ>. Acesso em: 15 fev. 2025

PURA BELEZA. *Nikolas Ferreira - O comunismo atingiu todos os setores - Inteligência Ltda. #271.* YouTube, 25 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YBTLbBKdSTw>. Acesso em: 15 fev. 2025

PODCAST 3 IRMÃOS. *Humberto Matos vs Caporezzo - Debate - Comunista x Bolsonarista - Podcast 3 Irmãos #706.* YouTube, 29 mar. 2025. 1 vídeo (18min45s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fFvrtu5dl0>. Acesso em: 03 abr. 2025.

PORTAL UAI. *Bolsonaro: ‘Não experimentem as dores do comunismo’.* YouTube, 16 jul. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nZCU3P1CTac>. Acesso em: [coloque a data de acesso no formato: dia mês. ano]

POWELL, Benjamin. Metade da Geração Y prefere o socialismo: falta conhecimento de história. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 21 dez. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/metade-da-geracao-y-prefere-o-socialismo-falta-conhecimento-de-historia-bdufidlr1ol2c4g1jcsdg9lue/>. Acesso em: 04 fev. 2025

RAMPINELLI, W.J. *O uso das “aparições de Fátima” na manutenção do Império Colonial Lusitano.* Revista Esboços, Florianópolis, v. 19, n. 27, p.273-287, ago. 2012.

REVISTA OESTE. Caso contra a família Bettim é exemplo de comunismo no Brasil. *Revista Oeste*, São Paulo, 9 jan. 2025. Disponível em: <https://revistaoeste.com/agronegocio/caso-contra-a-familia-bettim-e-exemplo-de-comunismo-no-brasil/>. Acesso em: 03 fev. 2025.

REVISTA OESTE. *Bolsonaro participa de culto com Tarcísio e Nunes e prega contra o comunismo.* Revista Oeste, 24 out. 2024. Disponível em: <https://revistaoeste.com/politica/bolsonaro-participa-de-culto-com-tarcisio-e-nunes-e-prega-contra-o-comunismo/>. Acesso em: 03 fev. 2025.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* / Darcy Ribeiro. - 3.ed.- São Paulo: Global, 2015.

RODRIGUES, Theófilo Machado. *O papel da mídia nos processos de impeachment de Dilma Rousseff (2016) e Michel Temer (2017).* Contracampo, Niteroi, v. 37, n. 02, pp.37-58, ago. 2018/ nov. 2018.

RUPP, Isadora. Financiadores do golpe: como se traça o caminho do dinheiro. *Nexo Jornal*, 12 jan. 2025. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2025/01/12/tentativa-de-golpe-lula-2022-quem-financiou>. Acesso em: 30 jan. 2025

SANTA SÉ. Mensagem de Fátima. *Congregação para a Doutrina da Fé*. 26 jul. 2000. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html. Acesso em: 09 out. 2024

SANTOS, M.F.J.. “O milagre de Fátima”: aparições marianas e a cultura política católica anticomunista em Portugal (191-1930). *Boletim Historiar*, vol.10, n.04. Out./Dez. 2023.

SAYER, Andrew. *Why Things Matter to People: Social Science, Values and Ethical Life*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

SERRES, Michel. *A comunicação*. Tradução de Paulino Neves. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

_____. *O contrato natural*. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Bertrand, 1990.

_____. *O terceiro instruído*. Trad. Jorge Telles de Menezes. Lisboa: Instituto Piaget, 1993

SILVA, Henrique César da; ARAÚJO, Inesita Soares de. A controvérsia da vacina contra HPV no Brasil: uma análise sob a perspectiva da teoria ator-rede. *Saúde e Sociedade*, v. 27, n. 4, p. 1130-1143, 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965

SOUZA, Lucas Assis. A ideia de comunismo para o bolsonarismo de whatsapp no Distrito Federal. 2020. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em <https://bdm.unb.br/handle/10483/28222>

TARDE, Gabriel. *As leis da imitação*. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. Porto Alegre: Rés Editora, 2001.

_____. *Monadologia e Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *A lógica social*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

TAVOLARO, Sergio B. F.. Existe uma modernidade brasileira? Reflexões em torno de um dilema sociológico brasileiro. *Rev. bras. Ci. Soc.* 20 (59), Out 2005.

TERRA BRASIL. *Nikolas Ferreira ironiza greve de fome de Glauber Braga: 'Dando exemplo do que é o comunismo'*. YouTube, 9 abr. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o62H7mAZ9qQ>. Acesso em: 10 abr. 2025

THE INTERCEPT. Linha do tempo da Vaza Jato: todas as revelações da operação que mudou os rumos da Lava Jato. The Intercept Brasil, Rio de Janeiro, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2020/01/20/linha-do-tempo-vaza-jato/>. Acesso em: 18 jul. 2025

THERBORN, Göran. *Inequalities of the World: New Theoretical Frameworks, Multiple Empirical Approaches*. London: Verso, 2006.

UEXKÜLL, Jakob von. *A Foray into the Worlds of Animals and Humans: With a Theory of Meaning*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010

_____. *Theoretical Biology*. Londres: Kegan Paul, 1926.

_____. *Umwelt und Innenwelt der Tiere*. Berlim: Springer, 1920.

UOL. *Pronunciamento de Bolsonaro no 7 de Setembro têm miscigenação, Deus e comunismo*. YouTube, 7 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NdAmF5aX5VA>. Acesso em: 13 out. 2024

_____. *Bolsonaro retoma 'aborto' e 'comunismo' em discurso de aniversário de Jataí*. YouTube, 31 mai. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XVsCJNfJpSg>. Acesso em: 13 out. 2024

_____. *Jair Bolsonaro equipara nazismo ao comunismo*. YouTube Shorts, 10 fev. 2022b. Disponível em: https://www.youtube.com/shorts/x2ne3Vm-_BQ. Acesso em: 13 out. 2024

_____. *Bolsonaro diz em culto que 'reza todos os dias' contra o comunismo*. YouTube, 6 ago. 2022c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L4JfSOjmPmE>. Acesso em: 13 out. 2024.

_____. *Frederick Wassef diz que Bolsonaro se referiu ao comunismo ao dizer 'pintou um clima'*. YouTube, 16 out. 2022d. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eQT1wc_K_lw. Acesso em: 13 out. 2024

VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha; MARIZ, Silviana Fernandes. *O 11 de setembro como marco simbólico do revisionismo histórico à direita: "guerra cultural", elitismo e geopolítica civilizacional*. Dossiê: O dia que mudou o mundo? O 11 de Setembro 20 anos depois. Locus: Revista de História, Juiz de Fora, v.27, n.2, 2021.

VIANA, Henrique. "O Marxismo de Marx." *A História do comunismo* [Série documental], temporada 1, episódio 1, Brasil: Brasil Paralelo, 2024. 1:04:51. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KNpKi-HoPfg>. Acesso em: 20 jul. 2024

_____. "Sonho de Lenin." *A História do comunismo* [Série documental], temporada 1, episódio 2, Brasil: Brasil Paralelo, 2024. 1:12:27. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YHNd8-Tha-E>. Acesso em: 21 jul. 2024

_____. "Pesadelo de Stalin". *A História do comunismo* [Série documental], temporada 1, episódio 3, Brasil: Brasil Paralelo, 2024. 1:12:13. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sZ0x2lpX2QU>. Acesso em: 22 jul. 2024

_____. "Ilha de Cuba". *A História do comunismo* [Série documental], temporada 1, episódio 4, Brasil: Brasil Paralelo, 2024. Duração: cerca de uma hora. Disponível em: Brasil Paralelo. Acesso em: 23 jul. 2024

_____. "A Cortina do Leste Europeu". *A História do comunismo* [Série documental], temporada 1, episódio 5, Brasil: Brasil Paralelo, 2024. Duração: cerca de uma hora. 1:10:00. Disponível em Brasil Paralelo Acesso pago. Acesso em: 24 jul. 2024

_____. "China, na sombra do Partido". *A História do comunismo* [Série documental], temporada 1, episódio 6, Brasil: Brasil Paralelo, 2024. Duração: cerca de uma hora. Disponível em Brasil Paralelo. Acesso em: 25 jul. 2024

VON FOERSTER, Heinz. *Understanding Understanding: Essays on Cybernetics and Cognition*. New York: Springer, 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu: a retórica do poder*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ANEXO nº1



CÂMARA DOS DEPUTADOS
GABINETE DO DEPUTADO EDUARDO BOLSONARO

PROJETO DE LEI Nº DE 2016.

(Do Sr. Eduardo Bolsonaro)

Altera a redação da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 e da Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016, para criminalizar a apologia ao comunismo.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica alterada a redação da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 e da Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016, para criminalizar a apologia ao comunismo.

Art. 2º A Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, passa a vigorar com as seguintes alterações em seus artigos 1º e 20, caput e § 1º, nos seguintes termos:

“Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional ou de fomento ao embate de classes sociais. (NR)

(...)

Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional ou fomentar o embate de classes sociais. (NR)

§ 1º Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, a foice e o martelo ou quaisquer outros meios para fins de divulgação favorável ao nazismo ou ao comunismo.” (NR)

Art. 3º A Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016, passa a vigorar com as alterações em seu artigo 2º, caput, a supressão do § 2º respectivo e a inclusão do inciso III ao artigo 5º, nos seguintes termos:

“Art. 2º O terrorismo consiste na prática por um ou mais indivíduos dos atos previstos neste artigo, por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião, ou de fomento ao embate de classes sociais, quando cometidos com a finalidade de provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública. (NR)

(...)

§ 2º SUPRIMIDO

(...)

Art. 5º _____

III – Fazer apologia a pessoas que praticaram atos terroristas a qualquer pretexto bem como a regimes comunistas. (NR)”

Art. 4º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

PROJETO DE LEI Nº , DE DE 2023

(Da Senhora Coronel Fernanda)

Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989,
que define os crimes resultantes de preconceito de raça
ou cor.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta lei altera o art. 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989.

Art. 2º O art. 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 20.

.....

§ 1º-A Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a foice e ou o martelo, para fins de divulgação do comunismo ou o socialismo.

Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa.

.....

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PROJETO DE LEI Nº , DE DE 2023
(Da Senhora Coronel Fernanda)

Altera Lei nº 9.096, de 19 de setembro de 1995, que dispõe sobre partidos políticos.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta lei altera a Lei nº 9.096, de 19 de setembro de 1995, que dispõe sobre partidos políticos.

Art. 2º A Lei nº 9.096, de 19 de setembro de 1995, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 2º

Parágrafo único. É vedada a criação de partidos que sua identidade, ideologia e história no mundo demonstre que a sua finalidade é implantar um regime antidemocrático, como o nazismo e o comunismo/socialismo, dentre outros.” (NR)

.....

“Art. 28.....”

.....

V – ter vínculo com organização criminosa;

VI – ter sido denunciado como sendo organização criminosa.” (NR)

.....

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.